

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Fernando Cardoso da Silva

**Rotas de formação de ministrantes de curso de treinamento funcional:
saberes e práticas de aprendizagem mobilizadas no campo de atuação
profissional**

Porto Alegre

2020

Fernando Cardoso da Silva

**Rotas de formação de ministrantes de curso de treinamento funcional:
saberes e práticas de aprendizagem mobilizadas no campo de atuação
profissional**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Fernando Cardoso
Rotas de formação de ministrantes de curso de
treinamento funcional: saberes e práticas de
aprendizagem mobilizadas no campo de atuação
profissional / Fernando Cardoso da Silva. -- 2020.
159 f.
Orientador: Alex Branco Fraga.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Treinamento Funcional. 2. Formação inicial. 3.
Formação Profissional. 4. Aprendizagem situada. I.
Fraga, Alex Branco, orient. II. Título.

Dedico esse trabalho à minha mãe Edile (in memoriam), que sempre me apoiou e continua sendo minha maior força na vida. Sua lembrança me inspira e me faz persistir.

AGRADECIMENTOS

À, Laura, por estar sempre ao meu lado e por todo o seu amor, carinho, compreensão e incentivo constante. Já são anos nessa parceria e que só tem somado e que colaborou para ter chegado até aqui. Obrigado pela sua dedicação e pela paciência comigo quando eu estava ansioso/nervoso.

Aos meus pais, Edile (in memoriam) e Severino, pelo amor de toda uma vida. Ao meu irmão, Silvio, por sempre estar presente e ser um exemplo que sempre admirei. Com eles aprendi tudo que sou hoje e cheguei até aqui.

À minha sogra, Sonia e meu cunhado Pedro, pessoas que estão sempre presentes em minhas conquistas.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram e me incentivaram a concluir essa etapa da minha vida. Vocês são muitos, se eu for citar nomes, com certeza iria esquecer-me de alguém.

Ao meu orientador, Alex Branco Fraga, pela oportunidade que me foi dada, por toda a confiança depositada e pelas horas e horas de conversas, com uma disposição e um amor pela profissão que só tenho a admirar, muito obrigado por toda ajuda que sempre demonstrou.

Ao meu amigo/coorientador Eduardo Pinto Machado, toda a ajuda, compreensão, incentivo foram de grande importância, ajuda que veio em vários momentos, só tenho a agradecer, muito obrigado.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa POLIFES, obrigada pelo auxílio prestado no decorrer dessa caminhada e pelos momentos compartilhados. Cada um de vocês contribuiu, direta ou indiretamente, com essa dissertação.

A todos os professores colaboradores que participaram desta pesquisa, pela disposição e solicitude com que atenderam ao meu convite.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, que de algum modo contribuíram para o meu crescimento profissional.

Aos participantes deste estudo, que disponibilizaram seu tempo para conceder a entrevista e, portanto, são elementos fundamentais nesta dissertação.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, por toda assistência prestada.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo geral compreender que saberes constituem a rota de formação pessoal de professores de Treinamento Funcional (TF) que ministram cursos dessa modalidade. Mais especificamente, identificar como ocorre o processo formativo do profissional de Educação Física antes de começar a ministrar os cursos de TF, e como estes sujeitos buscam aprimoramento profissional desde os primeiros contatos com o TF. Como lente teórica, adotei os saberes e formação profissional de Tardif (2014) e a aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991). Para tanto, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com professores que ministram cursos de treinamento funcional no Rio Grande do Sul. A partir da análise temática da materialidade empírica construída, dividi o conjunto de análises em três grandes blocos que guardam relação com os autores-chave do estudo. No primeiro, intitulado “Ponto de partida”, descrevo o modo como os participantes da pesquisa foram se aproximando e se envolvendo com o TF. No segundo, intitulado “paradas”, estabeleço uma relação mais direta com as dimensões dos saberes pré-estabelecidas por Tardif, subdividindo-o em três partes: a primeira parada é referente à graduação em Educação Física, na qual destaco as falas referentes aos acontecimentos desse período inicial da formação. A segunda parada é destinada à apresentação da miscelânea de cursos de qualificação, especialmente aqueles afins aos cursos de TF. E a última subdivisão desse bloco, intitulada “Terceira parada: segunda graduação em Fisioterapia”, reúno as falas de quatro participantes sobre os motivos que os levaram a escolher cursar novamente um curso de graduação em outra área como forma de buscar aperfeiçoamento do trabalho em TF. No terceiro e último bloco analítico, intitulado “Formação situada”, apresento cinco categorias que correspondem a cinco “situações-fonte” construídas a partir da inspiração da teoria da aprendizagem situada. A situação-fonte 1, refere-se ao início da jornada dentro dos cursos de qualificação em TF dentro das empresas; a situação-fonte 2 aborda a aplicação dos conhecimentos dentro do “tatame”, ou seja, no chão da academia; a situação-fonte 3, descreve o processo de experimentação em si das sessões práticas de TF; a situação-fonte 4, trata das reuniões e troca de informações entre os pares; e a situação-fonte 5, destaca observação das práticas de ensino de ministrantes mais experientes e o que projetam para a sequência da carreira. Em conclusão, é possível afirmar com base nos dados que os interessados em se tornarem ministrantes de curso de TF precisam estar necessariamente vinculados à alguma empresa de TF que oferece esses cursos. Por mais brilhante que qualquer um deles tenha sido na graduação, os entrevistados têm claro que é preciso ter uma participação periférica legitimada para ingressar e fazer parte dessa comunidade de prática, algo que se conquista seguindo os movimentos que ocorrem de forma situada dentro desses espaços particulares. Nesse processo, a aprendizagem situada se mostrou uma importante estratégia teórico-metodológica para dar visibilidade à rota de formação destes professores, uma vez que foi a partir dela que as dificuldades enfrentadas na formação inicial pelo distanciamento da teoria e prática puderam ser superadas em

uma série de situações que acabaram se tornando fontes de aprendizagem em serviço. Enfim, um campo de estudo com muito potencial para o desdobramento de novos estudos.

Palavras-chave: Treinamento Funcional. Formação inicial. Formação Profissional. Aprendizagem situada

ABSTRACT

This master's thesis had the general objective of understanding what kind of knowledge constitutes the personal training route for Functional Training (FT) teachers who minister courses of this modality. More specifically, to identify how the Physical Education professional's formative process occurs before starting to teach FT courses, and how these subjects seek professional improvement from their first contact with FT. As a theoretical lens, I adopted the knowledge and professional training of Tardif (2014) and the situated learning of Lave and Wenger (1991). To this end, nine semi-structured interviews were conducted with teachers who minister functional training courses in Rio Grande do Sul. Based on the thematic analysis of the empirical materiality built, the set of analyzes were divided into three major blocks that are related to the key authors of the study. In the first, entitled "Starting point", I describe how the research participants were getting closer and involved with FT. In the second block, entitled "stops", I determine a more direct relationship with the dimensions of knowledge pre-established by Tardif, subdividing it in three parts: the first stop is related to the undergraduate course in Physical Education, in which I highlight the statements referring to the events of that initial training period. The second stop is for the presentation of the mix of qualification courses, especially those related to FT courses. And the last subdivision of this block, entitled "Third stop: second graduation in Physiotherapy", I bring together the speeches of four participants about the reasons that led them to choose to take an undergraduate course in another area as a way of seeking to improve their work in FT. In the third and final analytical block, entitled "Situated training", I present five categories that correspond to five "source situations" built from the inspiration of situated learning theory. The source situation 1, refers to the beginning of the journey within the qualification courses in FT inside the companies; source situation 2 addresses the application of knowledge within the "mat," that is, on the academy floor; source situation 3, describes the experimentation process itself of the practical sessions of FT; source situation 4, deals with meetings and exchange of information between peers; and the source situation 5, highlights the observation of teaching practices by more experienced teachers and what they project for the career sequence. In conclusion, it is possible to affirm based on the data that those interested in becoming FT course teachers must necessarily be linked to a FT company that offers these courses. As brilliant as any of them may have been at graduation, the interviewees are clear that it is necessary to have a legitimate peripheral participation to enter and be part of this community of practice, something that is achieved by following the movements that occur in a situated way within these particular spaces. In this process, situated learning proved to be an important theoretical and methodological strategy to give visibility to the training route of these teachers, since it was from there that the difficulties faced in the initial training due to the distance from theory and practice could be overcome in a series of situations that ended up becoming sources of in-service learning. In short, a field of study with great potential for the development of new studies.

Keywords: Functional Training. Initial Formation. Professional Formation. Situated Learning

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo? A fome
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)
Pra que amanhã não seja só um ontem
Com um novo nome
O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)
Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio das pedra
Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso
É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem teto

Letra de AmarElo © Warner Chappell Music, Inc
Compositores: Antonio Carlos Belchior / Eduardo Dos Santos Balbino / Felipe
Adorno Vassao / Leandro Roque De Oliveira

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Qualificação em TF BPro - Parte 1.....	35
Figura 2 – Qualificação em TF BPro - Parte 2	36
Figura 3 – Qualificação em TF BPro - Parte 3	37
Figura 4 – Conteúdo Programático Módulo 1 Força Funcional Core 360º	38
Figura 5 – Conteúdo Programático Módulo 2 Força Funcional Core 360º	38
Figura 6 – Informações sobre Formação em TF Team Villeroy	39
Figura 7 – Conteúdo Programático Formação em TF Team Villeroy	40
Figura 8 – Prancha abdominal	44
Figura 9 – Primeira etapa da análise temática	73
Figura 10 – Segunda etapa da análise temática	74
Figura 11 – Terceira etapa da análise temática 1	75
Figura 12 – Terceira etapa da análise temática 2	75
Figura 13 – Situações-fontes	98
Figura 14 – TRX	146
Figura 15 – Kettlebell	146
Figura 16 – Bola Suíça	147
Figura 17 – Faixas e Extensores elásticos	148
Figura 18 – Medicine Ball	148
Figura 19 – Slide Board	149
Figura 20 – Escada de Agilidade	150
Figura 21 – Trenó	150
Figura 22 – Step	151
Figura 23 – Corda Naval	151
Figura 24 – Anilhas e Barras Olímpicas e barra Hexagonal	152
Figura 25 – Halteres e Dumbbells	153
Figura 26 – Barra Fixa	153
Figura 27 – Cordas de Pular	154
Figura 28 – Caixas de Salto ou Caixas Pliométricas	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Google Acadêmico – Categoria Treinamento Funcional	46
Quadro 2 – Google Acadêmico – Categoria Formação Inicial	46
Quadro 3 – Google Acadêmico – Categoria Formação Profissional	49
Quadro 4 – Google Acadêmico – Categoria Formação Inicial	51
Quadro 5 – Google Acadêmico – Categoria Formação Profissional	51
Quadro 6 – Resumo sobre a definição de aprendizagem situada	61
Quadro 7 – Dados dos Entrevistados	70
Quadro 8 – Comentários sobre as entrevistas	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ApF – Aptidão Física

CM – Centímetros

CREF/RS – Conselho Regional de Educação Física da 2ª Região - Porto Alegre

CT – Centro de Treinamento

ESEFID – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

EF – Educação Física

FMS – Sistemas de Movimento Funcional.

IPA – Centro Universitário Metodista IPA (Instituto Porto Alegre)

KG – Kilograma

M – Metro

MBSC – Mike Boyle Strength and Conditioning

MEI – Micro Empreendedor Individual

MM – Milímetro

NFL – liga nacional de Futebol.

POLIFES – Grupo de pesquisa Políticas de formação em educação física e saúde

PPG – Programa de Pós-graduação

PPGCMH – Programa de Pós-graduação em ciências do movimento humano

PPL – Participação Periférica Legítima

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

TF – Treinamento Funcional

TRX – *Total-Body Resistance Exercise*

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

APROXIMAÇÃO AO TEMA.....	14
1 MODULO I: INTRODUÇÃO	17
2 MODULO II: DO MACRO AO MICRO - O UNIVERSO DAS PRÁTICAS FITNESS E O TREINAMENTO FUNCIONAL	22
2.1 UNIVERSO FITNESS.....	22
2.2 O QUE É TREINAMENTO FUNCIONAL?	24
2.3 PROFISSIONAIS DE REFERÊNCIA DO TREINAMENTO FUNCIONAL: ...	28
2.4 PRINCIPAIS CENTROS DE FORMAÇÃO QUE MINISTRAM CURSOS: ...	33
2.5 MONTAGEM DO UM PROGRAMA DE TREINAMENTO FUNCIONAL:	42
2.6 CORE - O CERNE DO MOVIMENTO PARA OS ADEPTOS DO TF.....	43
3 MODULO III: MARCO TEÓRICO.....	46
3.1 MARCO TEÓRICO REFERENCIAL: A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA INTERFACE ENTRE TREINAMENTO FUNCIONAL E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	46
3.2 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL: OS CONCEITOS MOBILIZADORES DA DISSERTAÇÃO.....	53
3.3 SABERES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	53
3.3.1 Os saberes docentes de Tardif aplicados a ambientes não-escolares	56
3.4 APRENDIZAGEM SITUADA	58
3.5 A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA INTERFACE DE SABERES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL E APRENDIZAGEM SITUADA	63
4 MODULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	68
4.1 O TIPO DE PESQUISA	68
4.2 OBTENÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	68
4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	69
4.4 QUESTÕES ÉTICAS.....	71
4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	72
5 MODULO V – ROTAS DE FORMAÇÃO: PARADAS E SITUAÇÕES-FONTES	77

5.1 PONTO DE PARTIDA: ANTECEDENTES, MOTIVAÇÕES E ENVOLVIMENTO COM TF.....	78
5.2 PRIMEIRA PARADA: GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	86
5.3 SEGUNDA PARADA: MISCELÂNEA DE CURSOS DE QUALIFICAÇÃO ..	92
5.4 TERCEIRA PARADA: SEGUNDA GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA	95
5.5 FORMAÇÃO SITUADA	98
5.5.1 Situação-fonte 1 – Curso de qualificação e referências de autoridade no treinamento físico funcional.....	101
5.5.2 Situação-fonte 2 – Aplicação de treino no “tatame”	107
5.5.3 Situação-fonte 3 – Experimentação em si mesmo do próprio treinamento	109
5.5.4 Situação-fonte 4 – Reuniões técnico-profissional e a troca de informações entre pares.....	111
5.5.5 Situação-fonte 5 – Observação dos ministrantes de curso mais experientes.....	113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	138
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	140
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	141
APÊNDICE D – CARTA DE APRESENTAÇÃO ENVIADO POR EMAIL/REDES SOCIAIS AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	142
APÊNDICE E – CARTA DE ANUÊNCIA	143
APÊNDICE F – QUADRO 8 – COMENTÁRIOS SOBRE AS ENTREVISTAS.....	144
APÊNDICE G - MATERIAIS E FERRAMENTAS UTILIZADOS NO TREINAMENTO FUNCIONAL.....	146
ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	157

APROXIMAÇÃO AO TEMA

A graduação em Educação Física possibilita ter experiências nas mais variadas práticas corporais. No meu caso, a musculação e o futebol sempre foram um atrativo: a primeira pela quantidade de academias e o segundo pela disseminação do esporte no Brasil. Esses espaços se mostraram convidativos em meu percurso de formação inicial e neles realizei meus primeiros contatos com a prática profissional da Educação Física por meio de estágios. Obtive minha formação em Bacharelado em Educação Física, em 2015, pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFID/UFRGS), onde pude defender meu trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a área que dominava durante minha graduação, futebol e treinamento físico.

Pude notar que minha formação e minha vontade em cursar Educação Física foram sempre relacionadas à prática de atividades físicas e à paixão que desenvolvi pelos mais variados esportes, principalmente o futebol. No momento da defesa do meu TCC, estava convicto sobre com o que gostaria de trabalhar após minha formação, me envolver mais e buscar ainda mais conhecimentos para prosperar na área ligada ao futebol e ao treinamento. Meu trabalho, diferentemente desta dissertação de mestrado, envolvia questões fisiológicas do corpo humano. Mais especificamente, eu buscava entender o que a maturação biológica teria sobre efeitos de variáveis somáticas e de aptidão física em atletas de futebol das categorias de base (SILVA, 2015).

Toda essa trajetória, envolvendo treinamento e futebol, me levou a buscar aperfeiçoamento na área. Logo após minha colação de grau, iniciei minhas atividades de *Personal Trainer* e seis meses após minha formação ingressei na Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Ao entrar no ramo de atendimento personalizado, senti necessidade de buscar aperfeiçoamento em diferentes modalidades, e a minha primeira opção foi o Treinamento Funcional (TF). Eu necessitava saber mais sobre esse tema, portanto, decidi fazer um curso nessa modalidade. O principal motivo pela busca por esse tipo de capacitação se deveu à necessidade que senti em saber mais sobre o tema que vinha ganhando espaço no mercado e de suprir algumas lacunas que percebia no currículo de formação inicial em educação física. Além de suprir lacunas, pretendia fazer tal capacitação para

proporcionar aos meus alunos programas de treinamento a partir da metodologia do TF.

Um curso oferecido por um estabelecimento particular era a opção disponível naquele momento para que eu pudesse me qualificar e trabalhar com esta prática, para quem sabe, vir a ser reconhecido profissionalmente. Com o passar do tempo, entre a necessidade de trabalhar e me qualificar ainda em meio ao curso de graduação em licenciatura, acabei me vinculando a um projeto de Iniciação Científica (IC) e me aproximei do Grupo POLIFES¹. Após concluir a IC, surgiu o interesse, e logo em seguida uma oportunidade, de fazer uma pós-graduação *stricto sensu*. Para aproveitar a oportunidade, decidi apresentar um projeto no qual eu pudesse estudar o tema da formação em nível de qualificação no âmbito do TF, mais especificamente a trajetória dos professores² que, assim como eu, buscavam se qualificar nessa modalidade.

Inicialmente, havia proposto estudar aqueles professores prestigiados nesse meio, mas dada a dificuldade em definir o conceito de prestigiado, algo que me foi alertado na banca de qualificação. Sendo assim, juntamente com meu orientador defini que seria interessante para os propósitos do trabalho entrevistar os ministrantes dos cursos de qualificação em TF, que pela posição que ocupam detêm significativo domínio sobre a modalidade. Uma vez definido o perfil, passou a me interessar analisar o tipo de formação que esses profissionais que ministram cursos de TF tiveram. Passei a me interessar em saber como esses profissionais mobilizam conhecimentos para capacitar novos profissionais de educação física nessa modalidade; qual o caminho traçado por esses profissionais até chegarem na condição de ministrantes dessa modalidade; qual a rota de formação que os levou a obter o grau de conhecimento que detinham para ministrarem tais cursos.

Não pretendi, por meio deste estudo, criar uma “apostila” de como ensinar o TF, tampouco indicar uma “rota certa” com os passos a serem seguidos para a

¹ POLIFES: Políticas de formação em educação física e saúde. É um grupo de estudos e de pesquisas vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Criado em novembro de 2009, dedica-se a investigar questões referentes às políticas de formação no campo da Educação Física em interface com as áreas da Educação e da Saúde Coletiva. Mais informações disponíveis em: <https://www.ufrgs.br/polifes/>

² A decisão para utilizar o termo de professores é explicada no módulo V, onde apresento as razões pelas quais os próprios entrevistados preferem ser chamados como professores e não como profissionais de educação física, Treinador ou *Coach*.

obtenção de sucesso neste mercado. A questão embrião que originou este estudo consistiu em compreender, baseado em um aporte teórico-metodológico apropriado, como os professores de Educação Física que ministram cursos de TF para estudantes ou já formados que buscam essa qualificação chegaram a tal posto. A ideia foi estudar a rota de formação que estes profissionais revelaram ter percorrido em suas carreiras e analisar de que modo esse processo singular repercutiu na relação entre os pares e entre os alunos-clientes, que eram em sua esmagadora maioria os acadêmicos e os profissionais de educação física.

Por fim, cabe destacar que cada capítulo deste relatório de dissertação de mestrado recebeu o nome de “módulo” em alusão à nomenclatura utilizada em diversos cursos, inclusive nos próprios cursos de formação em TF, para demarcar suas diferentes etapas.

1 MODULO I: INTRODUÇÃO

O TF é uma modalidade de treinamento que não explora apenas os músculos, mas também padrões de movimento, centrando-se na realização de exercícios físicos oriundos do dia-a-dia. O foco, portanto, está na execução de movimentos mais simples, o que leva à melhora da mobilidade geral do praticante, repercutindo positivamente em sua autonomia. Segundo Check (2004), o termo “funcional” remete à noção de execução dos movimentos primitivos, que acompanham o ser humano desde a ancestralidade, tais como correr, saltar, agachar, puxar, empurrar, avançar e girar.

O principal precursor na história recente brasileira é o professor Luciano D’Elia (2016), que classifica o TF como um programa de treinamento individualizado e personalizado, cujo objetivo é desenvolver a aptidão física do indivíduo, independentemente do seu condicionamento físico e das atividades que ele desenvolva. Para atingir tal objetivo, é preciso lançar mão de exercícios que se relacionam ou reproduzam ações específicas do dia-a-dia de qualquer indivíduo, e assim potencializar as respostas motoras quando se deparar com tarefas que demandem tais ações.

O TF chegou ao Brasil para introduzir uma outra forma de treinar, uma proposta diferente, sem muitos aparelhos de musculação, que geralmente é encontrado nas academias tradicionais. No entanto, é preciso tratá-lo como um nome forte que está no mercado e em um curto espaço de tempo ganhou muitos adeptos. Ao mesmo tempo em que cresceu o número de usuários, também aumentou a demanda pela qualificação para esta modalidade de exercício físico por profissionais de Educação Física.

Em uma varredura em sites da internet³, não encontrei nenhum curso de graduação com uma disciplina de “treinamento funcional” nos currículos dos cursos de formação inicial em Educação Física no Brasil. Os saberes e competências relacionados a tal temática estão dissipados em meio às disciplinas das matrizes curriculares dos cursos. Logo, as principais formas de se adquirir os saberes necessários para sua aplicação são os cursos particulares de TF ou pesquisar na

³ Realizei uma varredura no Google com as palavras chaves “disciplina graduação treinamento funcional” a fim de encontrar em alguma matriz curricular de alguma universidade em nível de graduação uma possível disciplina que tratasse de TF, mas os únicos resultados foram encontrados em níveis de especialização *Lato Sensu*.

literatura específica sobre o assunto. Mas a grande ferramenta da aprendizagem tem sido a “formação em serviço”⁴, a partir da qual os professores, como assim se autodenominam os que trabalham com esta prática em academias, constroem os saberes que não são transmissíveis via cursos ou nem constam na literatura.

Tardif (2012) é um dos autores que trabalha com esta noção ampliada de aquisição de conhecimento no campo da formação profissional. Baseio-me neste autor, que é um estudioso vinculado ao campo da educação, para tentar entender como ocorre o processo de aquisição de saberes por parte deste grupo específico. Para Tardif (2012), o saber é plural e construído por diversos fatores, como o profissional (conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação), os disciplinares (saberes que correspondem ao campo do conhecimento correlato e emergem da tradição cultural), os curriculares (diretamente ligado aos programas escolares) e experienciais (normalmente vinculados ao trabalho cotidiano). Estes saberes não ocorrem de maneira sequencial, e sim articulada. Eles exigem do professor a capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condição para sua prática.

Além de Tardif, outros autores que lidam com a temática da construção de conhecimento no contexto da prática laboral são Lave e Wenger (1991), dois dos precursores da teoria da aprendizagem situada. Utilizo-me destes autores para buscar entender e vincular o aprendizado que emerge da prática nesse grupo específico, seja na entrada nas empresas que ministram cursos, na aplicação de treino para alunos/clientes, experimentação em si do TF, na forma de troca de informações entre os pares e/ou daquelas que surgem em meio aos cursos ministrados. Para Lave e Wenger (1991), aprendizagem situada é a aprendizagem que ocorre em função do contexto e da cultura na qual o indivíduo se situa, de modo especial no âmbito do trabalho, a partir das interações sociais em uma dada comunidade de prática a qual os aprendizes pertencem. Tem como característica central a participação do indivíduo num dado universo, no caso aqui dos cursos de qualificação em TF, em um processo de inserção que cobre desde à ambientação

⁴ Segundo Botega (2007) a formação em serviço destinado aos professores é representada por duas formas: os cursos de curta duração e Workshops e os projetos de médio ou longo prazo, conhecidos como projetos de formação continuada, no caso deste estudo está relacionado aos cursos de curta duração.

dos recém-chegados à sua participação ativa como membros dessa comunidade de prática.

Apesar de as formulações originalmente produzidas por Tardif (2014) e Lave e Wenger (1991) pertencerem a matrizes teóricas distintas, ao ler as questões e comparando as falas dos professores que ministram curso, é possível estabelecer algumas convergências entre essas duas importantes proposições no campo da formação profissional. Para essa dissertação, no que se refere às formulações de Tardif (2014), justamente pelo fato de seus estudos estarem mais centrados em ambientes educacionais formais, optei pela adaptação proposta por Marcelo Skowronski (2014) em sua dissertação de mestrado, na qual ele propõe adaptar os saberes curriculares em saberes programados, pois o grupo estudado era de profissionais de Educação Física que atuavam nos polos de Academia da Saúde do Ministérios da Saúde, portanto, fora da escola. Tal movimento me pareceu necessário pelo fato de que as classificações de Tardif (2014) funcionam quase como pré-categorias, nas quais as dimensões dos saberes estão dadas de antemão. Já a aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991), por ter uma lógica de desenvolvimento mais centrada nos princípios etnográficos, na linguagem como uma prática social, ela demanda um trabalho de estruturação posterior, cuja a categorização emerge da análise das falas dos colaboradores por meio do agrupamento de situações narradas pelos colaboradores como fontes de aprendizagem.

A partir de todas essas considerações supracitadas, estruturei problema de pesquisa que mobiliza esta dissertação de mestrado da seguinte forma: **que saberes constituem a rota de formação de Professores de Educação Física que ministram cursos de treinamento funcional?**

Além dessa questão, surgiram outras questões secundárias, mas não menos importantes: como os ministrantes destes cursos analisam o campo profissional da Educação Física na contemporaneidade? De que modo estes sujeitos percebem a contribuição deste tipo de curso para a atuação do profissional de Educação Física?

Para dar conta desta problematização, o objetivo geral da presente dissertação foi compreender que saberes constituem a rota de formação pessoal de professores de TF que ministram cursos de TF. Já os objetivos específicos estão formulados da seguinte forma: identificar como ocorre o processo formativo do profissional em Educação Física antes de começar a ministrar os cursos de TF e

como estes sujeitos buscam aprimoramento profissional desde os primeiros contatos com o TF.

Esse relatório de dissertação de mestrado está estruturado da seguinte forma: seis capítulos, denominados “módulos”, incluindo a aproximação ao tema, a presente introdução e mais trinta subseções. Nos elementos pós-textuais constam as referências, oito apêndices e um anexo.

No Módulo 1, **INTRODUÇÃO**, apresento o objetivo e a justificativa do estudo. O Módulo 2, **DO MACRO AO MICRO: O UNIVERSO DAS PRÁTICAS FITNESS E O TREINAMENTO FUNCIONAL**, consiste em uma breve apresentação do universo das práticas *Fitness* e uma busca aprofundada sobre o TF, sendo este um dos alicerces da dissertação. Falo sobre o que é o TF, apresento a busca na literatura as principais referências no mundo e no Brasil, quais são os principais centros de formação em TF.

No Módulo 3 apresento o **MARCO TEÓRICO**, que tem como intuito apresentar os marcos teóricos e conceituais que guiaram esta dissertação. Primeiramente, desenvolvo o marco teórico referencial, no qual apresento a literatura acadêmica na interface entre TF e formação em Educação Física, mais especificamente o que foi publicado até agosto de 2020, por meio de buscas em portais como o Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes, que abrigam a produção científica nacional e internacional. Posteriormente, apresento o marco teórico conceitual, no qual discorro sobre as teorizações que subsidiaram a análise e discussão do material empírico, ou seja, é nessa seção que apresento os conceitos mobilizadores da dissertação.

O Módulo 4, **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**, consiste na descrição das decisões metodológicas utilizadas para a produção do material empírico deste estudo, que se constitui na realização de entrevistas episódicas, a categorização analítica (análise temática), além da fundamentação metodológica, também apresento os participantes da pesquisa e as questões éticas.

O Módulo 5, **ROTAS DE FORMAÇÃO: ponto de partida, paradas e situações-fontes**, é composto na apresentação dos resultados e discussão. Este capítulo está dividido em três grandes blocos com títulos que fazem alusão às rotas de formação: o primeiro é o “ponto de partida”; o segundo são as “as “paradas” no percurso (graduação em Educação Física, miscelânea de cursos de qualificação, segunda graduação em Fisioterapia), as quais faço associação mais direta com as

dimensões pré-estabelecidas por Tardif (2014); e o terceiro bloco são as “situações-fonte” (cursos de qualificação, aplicação dos conhecimentos dentro do “tatame”, experimentação em si das sessões práticas de TF, reuniões e troca de informações entre os pares, observação dos ministrantes mais experientes). Essas cinco situações-fontes foram construídas a partir da inspiração da teoria da aprendizagem situada, na qual os sujeitos participantes da comunidade de prática do TF vão sinalizando um conjunto de situações formais e/ou informais que os levaram da condição de aprendizes à de ministrantes.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, que constituem o Módulo 6 e último capítulo desta dissertação, apresento as conclusões sobre as rotas de formação destes professores, destacando os principais movimentos que ocorrem dentro dos espaços de trabalho. Em segundo momento, elenco as contribuições do estudo para a sociedade, além de levantar as limitações do estudo e desdobramentos de possíveis novos estudos.

2 MODULO II: DO MACRO AO MICRO - O UNIVERSO DAS PRÁTICAS FITNESS E O TREINAMENTO FUNCIONAL

2.1 UNIVERSO FITNESS

Segundo Saba (2006), a expressão correta *Fitness* é *Physical Fitness*, ou aptidão física. Para o mesmo autor, está ligada aos desempenhos físico e com objetivo principal fortalecer a melhora estética dos praticantes. A maioria das ações dos profissionais está direcionada para benefícios estéticos como emagrecimento, aumento de massa muscular etc. Segundo o Google Tradutor, *Fitness* é uma palavra de origem inglesa e se refere a "ginástica". O termo é normalmente associado à prática de atividade física e se refere a estar em boa forma física, bom condicionamento físico ou bem-estar físico. A palavra é formada a partir da junção de "*Fit*" (um dos significados é "em boa forma", outras definições são caber, ajuste, encaixar, apto etc.) e "*ness*", um sufixo que transforma adjetivos em substantivos, designando um estado, uma condição.

Furtado (2009) caracteriza o *Fitness* pela ênfase no condicionamento físico dos praticantes e sugere que essa foi uma das principais finalidades dos surgimentos das academias de ginástica, tanto que os donos das primeiras academias eram halterofilistas, atletas ou pessoas que estavam envolvidas em atividades físicas.

Portanto, *Fitness* significa estar com corpo adequado para funcionar com eficiência em todas as atividades do dia-a-dia e se manter saudável, buscar por condicionamento, emagrecimento, uma estética a ser atingida, o que torna a procura por atividades físicas cada vez maior. A popularização se deteve pelo maior acesso de classes com menos condições financeiras no segmento *Fitness*, com academias com planos mais baixos e atendimentos em larga escala (MENEZES, 2013).

Dessbesell (2018), em sua Tese de Doutorado, também se refere à popularidade das práticas *Fitness*. Segundo a autora, foi a partir da segunda metade do século XX, que a musculação começou a se configurar nos moldes que a associaram ao termo *Fitness* (DESSBESELL, 2018). Foi a partir dessas datas que surgiram as primeiras "celebridades" do mundo *Fitness* e as quais moldaram suas rotas de formação atraindo o um grande público. Algumas dessas celebridades que cito abaixo, tornaram o fitness mais que uma atividade física, tornaram um produto comercial que se tornou atrativo e rentável.

No final dos anos 1960, Kenneth H. Cooper, o Dr. Cooper, lançou seu livro “Aerobics”, no qual apresentou sua teoria sobre a atividade aeróbica, evidenciando o “Teste de Cooper” como modelo para qualidade de vida da época e que se tornou popular no mundo todo pela fácil aplicação. O seu programa de exercícios aeróbicos era baseado em corridas de baixa intensidade e média e longa duração, o que fez dele uma verdadeira celebridade. Dias (2017) fala sobre a influência de Cooper no cenário atual das corridas de rua, assim como na época do lançamento do livro. A autor também comenta a utilização do método Cooper pela Seleção Brasileira de Futebol para a preparação para a Copa do mundo de 1970, no México.

A popularidade de Cooper estava associada à intensa divulgação de seu método em livros, palestras, entrevistas e demais recursos de mídia disponíveis à época. Foi um dos precursores da promoção de exercícios físicos baseado num esquema de marketing tão eficiente que até hoje é possível encontrar algumas pistas de corrida em condomínios fechados ou em espaços públicos que levam seu nome. (FRAGA, 2005, p. 56).

Nos anos 1970, Arnold Schwarzenegger⁵ criou uma verdadeira cultura do corpo musculoso ao obter o máximo de seu potencial físico. Sua importância para o esporte do Fisiculturismo evidencia sua influência, o que o levou a fazer filmes e escrever vários livros e inúmeros artigos sobre o esporte. Assim como Jane Fonda⁶ que, nos anos 1980, lançou um livro de exercícios dirigido ao público feminino, “*Jane Fonda’s Workout Book*”, apresentando seu método de exercícios físicos com objetivo de construir/consolidar o “corpo perfeito” para o público feminino, possibilitando também o aumento da aptidão física de quem praticava os exercícios propostos. Além do livro, os exercícios eram disponibilizados em formato VHS, “*Jane Fonda’s Workout*”, o que fez com que se tornasse um grande sucesso entre o público alvo.

⁵ Arnold Alois Schwarzenegger: (Graz, Áustria, 30 de julho de 1947) é um ator, fisiculturista, empresário e político austro-americano, tendo servido como 38º Governador do estado da Califórnia (2003 a 2011) dos Estados Unidos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnold_Schwarzenegger Acesso em: 16 jul. 2019.

⁶ Jane Seymour Fonda (Nova Iorque, EUA, 21 de dezembro de 1937) é uma atriz, escritora, ativista política, ex-modelo e guru de exercícios físicos americana. Jane ao se aposentar da carreira de atriz, passou a se dedicar exclusivamente a produzir vídeos sobre ginástica aeróbica e preparação física que se tornaram um grande sucesso. O primeiro deles, produzido em quando ainda era atriz, em 1982, vendeu 17 milhões de cópias apenas nos EUA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane_Fonda Acesso em: 16 jul. 2019.

Ainda nos anos 1980, surgiu outro fenômeno mundial que ocupou milhares de academias, o *Body Systems*⁷, que é um sistema que oferece programas de exercícios e treinamento físico baseados em coreografias. As aulas detalhadas de como o professor licenciado deve conduzir as aulas, é originado na sede em Auckland, Nova Zelândia, no qual não pode criar alterações no programa de exercícios. Tornou-se um grande sucesso fitness no Brasil, sendo um programa de que vincula a uma vida ativa e saudável, mas segundo Fraga (2005), mostra como o mundo globalizado veicula a informação sobre as atividades físicas e de que forma isso atua para o controle e regulação dos corpos, que não está mais preso localmente, mas que funciona de forma global e está ligado a um forte faturamento e à um sistema de marketing bem sucedido (FRAGA, 2005).

Em um contexto nacional, algumas celebridades surgiram disseminando novos meios de praticar atividade física. Como em Porto Alegre, o professor José Anchieta⁸, consagrado profissional de educação física, criador das modalidades de Afro Aeróbica e Batucalê, no qual nos anos 1990 teve uma trajetória de sucesso, popularizando assim aulas de ritmos dentro de academias, que eram lotadas e disputadas.

Desse modo, com o avançar dos anos, novas práticas *Fitness* surgiram: como *Pilates*[®], *Crossfit*[®], *HIIT*[®], *Zumba*[®] e outros métodos, ampliando este segmento. A partir dos exemplos supra citados para elucidar o cenário atual, é nessa mesma conjuntura que surge o treinamento funcional, possibilitando uma quantidade enorme de benefícios, sejam eles estéticos, melhora da aptidão física ou outra forma de ter uma melhor qualidade de vida.

2.2 O QUE É TREINAMENTO FUNCIONAL?

Ao tentar explicar o que é o TF, acho importante trazer, primeiramente, os sentidos atribuídos isoladamente a essas duas palavras e depois apresentar o sentido do TF no mundo *Fitness*.

⁷ Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/body-systems> Acesso em: 14 jul. 2020

⁸ José Anchieta: (Porto Alegre, Brasil, 5 de dezembro de 1955) Graduado em educação física pela UFRGS, pós-graduado em Dança pela PUC-RS, autor do livro “Ginástica Afro Aeróbica” e atualmente professor da UNISINOS. Conquistou inúmeros prêmios pelo seu destaque profissional como: Prêmio de melhor Instrutor do Ano de 1994 no Brasil – Fitness Brasil; prêmio de melhor Instrutor Internacional de Fitness na Espanha – 1997 – “Federacion Española de Gimnasia” entre outros. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6152581133353682> e <https://link.medium.com/o1VJU7dZM9> Acesso: 14 jul. 2020.

A palavra “Treinamento” tem um sentido muito amplo. Segundo o dicionário Aurélio (2009), a palavra refere-se à: #1 - Ato ou efeito de treinar, #2 - Preparação para uma competição ou para uma atividade e #3 – Treino. A expressão deriva de treino, e se refere ao processo de aquisição de conhecimentos, habilidades e competências úteis para práticas específicas ou formação profissional. Isto quer dizer que treinamento é fundamental na aprendizagem, seja em escolas, profissões ou em outros campos, como o da saúde. Na área da qualidade de vida, o treinamento físico concentra-se em objetivos mecânicos: como programas de treino que desenvolvem habilidades ou músculos. Levando ao significado de que o treinamento é o conceito de atividade física que leva a um melhor rendimento, sejam eles para incrementar a aptidão física geral ou combater o sedentarismo e auxiliar na qualidade de vida.

A palavra “Funcional”, segundo o dicionário Aurélio (2009), significa: #1 - Relativo às funções, #2 - Que funciona bem ou que é de fácil utilização e #3 - Que permite efetuar alguma coisa da melhor maneira. Seus significados podem ser atribuídos, de forma geral, para referenciar aquilo que pode facilitar, dar comodidade e utilidade na sua manipulação. Como os relacionados à saúde, como exemplo, certos artefatos que possam permitir que uma pessoa tenha maior funcionalidade nos movimentos, permitindo realizar tarefas distintas, principalmente nos casos em que o sujeito sofre de algum tipo de incapacidade. É nesse aspecto que a palavra Funcional tem maior valia, pois é dar mais ganhos aos praticantes, que utilizaram os ganhos gerados no dia a dia.

Para uma melhor definição do que é o treinamento funcional, faz-se necessário conhecer o contexto das práticas fitness nas quais ele está inserido. No estudo de Dessbesell (2018), a autora chama de práticas fitness aquelas práticas corporais, tenham elas surgido mais recentemente ou estejam há mais tempo no mercado e que apresentam como características comuns a melhoria do rendimento ou a manutenção da condição física, tal como as caminhadas ou corridas orientadas, a musculação, o CrossFit®, HIIT®, hidroginástica e o treinamento funcional, que dado o apelo social de cada uma delas podem ser definidas como modalidades, e não apenas como uma metodologia de treinamento.

Além de ser uma modalidade de treinamento que visa o mínimo de utilização de máquinas⁹ de treinamento resistido, que são presentes na musculação e dentro das academias tradicionais, assim como no Pilates, o treinamento funcional se difere também pela inserção de exercícios que trabalham padrões de movimentos, que buscam através de exercícios a integração entre o sistema nervoso, muscular e esquelético, sendo essas as principais diferenças entre as duas modalidades. O objetivo do TF, é fazer com que o aluno, paulatinamente, potencialize a sua capacidade de movimentação durante as tarefas da vida diária, tais como subir escadas, sentar e levantar. Além de ser utilizando como metodologia de treino de atividades específicas nos esportes de alto rendimento por treinadores, promovendo nos atletas uma melhora no rendimento em adaptações específicas às quais exigidas durante as práticas esportivas. (POÇAS e col., 2018)

Para tanto, aos alunos são propostos exercícios nos quais o peso do próprio corpo, bem como alguns “pesos livres”¹⁰ e cabos, são os protagonistas da seção de treinamento. Para Willardson (2017), alguns profissionais de treinamento físico sempre defenderam a prescrição de exercícios com pesos livres e cabos na preparação dos atletas em vez de movimentos envolvendo máquinas. Segundo o mesmo autor, a maior desvantagem do treinamento realizado em máquinas é que os recursos para estabilizar o tronco são limitados e a postura é diferente em comparação à maioria das habilidades esportivas necessárias durante a prática.

De acordo com Boyle (2015),

O que o treinamento funcional realmente faz é a aplicação da anatomia funcional do treinamento. Considera o que conhecemos e usa essas informações para selecionar exercícios que reduzam a incidência de lesão e melhorem o desempenho (p. 4).

D’Elia (2016), na mesma linha de Boyle, reforça que o TF é caracterizado pela semelhança do trabalho às situações cotidianas e se baseia no princípio da individualidade, para resgatar e apurar a capacidade funcional do indivíduo, independentemente do seu condicionamento físico e transferir seus ganhos de

⁹ Conforme Dessbesell, (2018) foi a partir de 1970 que começaram a ser produzidas máquinas de treinamento resistido, no qual o praticante ajusta o aparelho conforme a sua necessidade e executa movimentos guiados e controlados, represando ser mais seguros e acessíveis do que a utilização de pesos livres.

¹⁰ De acordo com Powers e Howley (2017), o treinamento com peso livre, comparado com exercícios em máquinas, produz mais força em períodos curtos de treinamento, pois permite maior exigência muscular, induz uma maior produção de força, uma vez que exige do indivíduo maior controle de movimento tanto para o equilíbrio quanto para sua estabilização.

forma efetiva para o seu dia a dia. Indo ao encontro, Campos e Neto (2004) definem: “Treinamento funcional visa melhorar a capacidade funcional, ou seja, a habilidade de realizar as atividades normais da vida diária com eficiência, autonomia e independência”. No mesmo caminho, Teixeira e colaboradores (2016) definem que o TF como o aprimoramento equilibrado das capacidades biomotoras no intuito de garantir eficiência e segurança para o desempenho das atividades cotidianas e/ou esportivas, respeitando às necessidades individuais do praticante.

Para Boyle (2015, p.3),

Treinamento funcional é, essencialmente, treinar com um propósito. Quando usamos a palavra função, estamos dizendo que algo tem um propósito. A ideia mais básica era que os exercícios usados para fazer um atleta retomar de lesão também poderiam ser os melhores exercícios para manter e melhorar a saúde.

Pela literatura pesquisada não foi possível definir a data do surgimento do TF, mas muitas dessas leituras sugerem que está relacionado aos processos fisioterápicos. Autores como Boyle (2015), Campos, Neto (2004) e Dias (2011) sugerem que o surgimento do TF está principalmente ligado à sua utilização na reabilitação, com intuito dos pacientes realizarem as tarefas cotidianas novamente. O conceito foi adotado pela Educação física, de modo que esta área vem utilizando os mesmos conhecimentos inicialmente propostos pelos fisioterapeutas, mas adaptadas ao treinamento, não utilizando dos mesmos artefatos e aplicando uma metodologia que trabalhe os padrões de movimentos utilizados no dia a dia.

Boyle (2015), em seu livro sobre “Avanços no Treinamento Funcional”, cita que Mark Verstegen foi um dos primeiros a sair dos padrões de metodologia de treinamento convencional de musculação em que os professores estavam presos, para trabalhar novos métodos. O início, ocorreu quando Verstegen começou a ensinar movimentos laterais e multidirecionais com a mesma habilidade que esses professores ensinavam o movimento linear (convencional), iniciando a implantação da prática do TF para atletas. Boyle indica que “Esse foi meu primeiro passo de preparador físico para especialista em desempenho. O segredo desse processo foi aceitar o fato de que Mark e seus colegas estavam léguas à frente de mim nessa área crítica.” (BOYLE, 2015, p. 5).

O TF tem como principal fundamento o respeito e a potencialização das funções articulares, sejam elas de mobilidade ou de estabilidade. Além disso, tem como objetivo treinar o corpo com padrões de movimento, integrando o sistema

nervoso, muscular e esquelético (D'ELIA, 2016; BOYLE, 2015). Cook (2003) defende que devemos dar bastante atenção a fásia¹¹ e ao movimento funcional em todo os tipos de trabalho, pois em primeiro lugar, precisamos entender quais são os padrões de movimento humano antes de montar um programa de treinamento. O TF, quando é bem utilizado, fornece uma variedade de estímulos musculares, trabalhando principalmente a região do *core*¹².

Em relação a qualidade de vida, os benefícios do TF se mostram presentes a longo prazo, justificando pelos ganhos obtidos de outras modalidades esportivas similares. Isso se deve, pois o TF visa trabalhar movimentos ou gestos multiarticulares e multiplanares exigindo uma maior transferência de força entre as extremidades superiores e inferiores do corpo, que se traduz em uma maior complexidade do movimento e faz o organismo ter um maior gasto energético (BOYLE, 2015).

Desta forma, o TF passou a também ser utilizado no desenvolvimento de programas para a melhora do desempenho físico, trabalhando as capacidades físicas de força, potência, resistência muscular, flexibilidade, coordenação motora, equilíbrio, condicionamento cardiovascular, agilidade e velocidade. O surgimento do TF possibilitou vislumbrar uma outra forma de treinar, um outro olhar sobre o corpo, considerada mais ampla por quem é adepto à modalidade, pois se estrutura a partir de padrões de movimento simples que tem por objetivo alcançar maior eficiência do arcabouço muscular, integrando o corpo todo durante o movimento, o que coincide com os objetivos apresentados em academias tradicionais (MONTEIRO; EVANGELISTA, 2010).

2.3 PROFISSIONAIS DE REFERÊNCIA DO TREINAMENTO FUNCIONAL

Quando realizei o curso de Qualificação em TF na *BPro* em 2017, como todos os demais colegas, recebi uma apostila para estudo. Nela era possível localizar as principais referências adotadas pela empresa organizadora do curso que, conseqüentemente, emprestam credibilidade à formação nesse ambiente: Michael Boyle, Gray Cook e Paul Check, nomes que nunca tinha ouvido falar antes de me

¹¹ A fásia é um tecido conjuntivo membranoso, uma estrutura passiva, que transmite as tensões mecânicas geradas pela atividade muscular. Mais informações em: <https://universidadefascia.com/o-que-e-fascia/> Acesso em: 24 jun. 2019

¹² *Core*, tradução do inglês: núcleo, cerne, âmago, caroço, miolo, parte central, medula. Posteriormente apresento o *core* com mais detalhes em seção própria.

inscrever no curso, mas que com o passar do tempo e o convívio com este tipo de literatura no ambiente das aulas, acabei assimilando os motivos pelos quais tais figuras eram tão citadas. Ao buscar materiais na internet sobre os nomes citados no curso, encontrei informações de cunho biográfico e as respectivas fontes bibliográficas mencionadas pelos professores do curso. Considerei importante apresentar algumas dessas produções, tais como livros, artigos e cursos ministrados, pois estes nomes me foram apresentadas como grandes referências na modalidade.

Michael Boyle¹³ é uma referência mundial do TF, além de ser um dos principais especialistas na área de Treinamento de Força, Condicionamento e *Fitness* em geral. Começou a estudar como treinador esportivo no *Springfield College*. Nesse mesmo local surgiu seu interesse por força e condicionamento, e assim se tornou um *Powerlifter* competitivo. Decidindo combinar suas duas paixões, começou a trabalhar na Universidade de *Boston*, principalmente com o time de futebol. Este foi o início da carreira de mais de 25 anos naquela Universidade. Em 1996, Michael fundou *Mike Boyle Strength and Conditioning (MBSC)*, uma das primeiras empresas na indústria do treinamento de força e condicionamento do mundo. O centro de treinamento de Mike Boyle existe por uma razão: fornecer treinamento e aprimoramento de desempenho para atletas de todos os níveis. Os atletas que treinam são desde os que são alunos do ensino médio até os profissionais em quase todos os grandes esportes americanos. Além disso, hoje o *MBSC* também é referência no atendimento e treinamento com o público em geral.

Antes de fundar *MBSC*, Michael tem como experiências profissionais ter atuando como Treinador de Força e Condicionamento na Universidade de Boston por 15 anos, foi o Treinador de Força e Condicionamento do time de Hóquei no gelo masculino na Universidade de Boston e também foi Treinador de Força e Condicionamento do time de beisebol *Boston Red Sox*, em 2013, ano que ganhou a *World Series*. Além dessas funções, Boyle atuou como Treinador de Força e Condicionamento para os *Bruins* de *Boston* na Liga Nacional de Hóquei e na Equipe Olímpica Feminina de Hóquei no Gelo de 1998, Medalhistas de Ouro em Nagano e medalhistas de prata de 2014, em *Sochi*. Ele também trabalhou como consultor para

¹³ Maiores informações disponível em: www.cfscbrasil.com.br,
<http://fitnessproedu.com/coach.php?coach=Michael%20Boyle>,
http://www.bodybyboyle.com/mike_boyle Acesso em: 19 jun. 2019

desenvolver e criar o processo no Programa de formação de Equipes Nacionais de Hóquei dos EUA, em Ann Arbor, Michigan.

Atualmente, passa seu tempo palestrando, ensinando, treinando e escrevendo. Michael é palestrante que já produziu mais de 20 vídeos educacionais na indústria do *Fitness*. Além disso, publicou alguns livros como: *Avanços no Treinamento Funcional* (2015) e *O novo Modelo de Treinamento Funcional de Michael Boyle* (2017). Hoje ele e seu time são responsáveis por uma certificação internacional chamada *Certified Functional Strength Coach* (CFSC), que possui mais de 2.000 treinadores ao redor do mundo.

Gray Cook¹⁴ é um dos grandes nomes hoje na Indústria do Treinamento e *Fitness*. Ele é um dos criadores do *Functional Movement Screen*¹⁵ (FMS). Especialista em Clínica Ortopédica certificado pelo Conselho Ortopédico Americano, Gray Cook é um fisioterapeuta, escritor, professor e treinador de força. Ele, juntamente com seus parceiros, é o criador do *FMS*, *SFMA* e *Y Balance Test*. É responsável pelo conjunto de Avaliações mais seletivo do movimento do TF e o mais utilizado por treinadores do mundo inteiro. Entre suas obras estão os livros *Corrective Strategies* (2010) e *Athletic Body in Balance* (2003). É o criador de mais de uma dúzia de pacotes de DVD para treinadores de torça, profissionais de *Fitness*, fisioterapeutas e clínicos de Reabilitação.

Mark Verstegen¹⁶ é o Presidente e Fundador do Desempenho e Desempenho Básico dos Atletas. Ele atua como Diretor de Performance da National Football League (*NFL*) *Players Association*¹⁷. Além disso, dirige uma equipe de especialistas em desempenho, nutrição e reabilitação para treinar atletas, incluindo Sam Bradford, escolha número um do Draft¹⁸ da *NFL* de 2010 e também os últimos cinco números um das escolhas do *Draft* da *NFL*.

¹⁴ Maiores informações disponível em: <http://fitnessproedu.com/coach.php?coach=Gray%20Cook>
Acesso em: 19 jun. 2019

¹⁵ FMS, tradução do inglês: Sistemas de Movimento Funcional.

¹⁶ Maiores informações disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Verstegen Acesso em: 19 jun. 2019

¹⁷ *NFL Players Association*, tradução do inglês: Associação de jogadores da liga nacional de Futebol.

¹⁸ *Draft*, tradução do inglês: Sortear, Selecionar. *Draft* é um processo de alocação de jogadores em times de uma liga esportiva profissional. O *Draft* é comum principalmente em países como Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão.

Trabalhou com o futebol, e convidado por Jürgen Klinsmann em 2004, a compor a comissão técnica da seleção alemã de futebol, como a Seleção Americana Masculina, *Everton FC*, *Los Angeles Galaxy*, *Chivas USA* e *Sporting Kansas City*. Algumas de suas obras são: *The Core Performance: The Revolutionary Workout Program to Transform Your Body & Your Life (2005)*, *Core Performance Endurance: A New Fitness and Nutrition Program That Revolutionizes the Way You Train for Endurance Sports (2006)*.

Pavel Tsatsouline¹⁹ é de origem Russa e é o atual presidente da *StrongFirst*²⁰. Instrutor de *Fitness* que introduziu técnicas de treinamento *Spetsnaz*²¹ da antiga União Soviética para os militares americanos e logo em seguida para o público americano. Popularizou o kettlebell, principalmente, através de seus livros e através de uma série de vídeos instrutivos. É formado em Ciências do Esporte pelo *Physical Culture Institute*, em *Minsk*. Tsatsouline está envolvido com o campo da evolução do kettlebell como uma ferramenta de exercício e fortalecimento. No ano de 1998, tornou-se instrutor de kettlebell nos Estados Unidos. Em 2001, foi eleito um "*Hot Trainer*" pela *Rolling Stone*, na foto com um kettlebell na mão. Publicou artigos na revista *Milo* e *Performance Press*, além de ser o autor de vários livros sobre alongamento e treinamento de força. Suas publicações são importantes para a fomentação do kettlebell e outras técnicas de treinamento de força que foram adotadas na cultura *Fitness*. Algumas obras são: *Power to the People!: Russian Strength Training Secrets for Every American (2000)*, *The Russian Kettlebell Challenge (2001)*, *Enter the Kettlebell (2006)* e *Kettlebell Simple e Sinister (2013)*.

¹⁹ Maiores informações disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Pavel_Tsatsouline Acesso em: 25 jun. 2019

²⁰ Reconhecida como a mais prestigiada certificação de Kettlebell do mundo, o curriculum SFG (StrongFirst Girya, "Girya" é a palavra Russa para "*kettlebell*") foi desenvolvido exclusivamente por Pavel Tsatsouline, fundador da escola. Mais informações em: <https://www.bprotreinamento.com.br/cursos/certificacao-internacional-kettlebell-strongfirst/> Acesso em: 26 jun. 2019

²¹ Como Spetsnaz é um termo russo, é tipicamente associado com as unidades especiais da Rússia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Spetsnaz> Acesso em: 26 jun. 2019

Stuart McGill²², também conhecido como O Dr. McGill, é professor emérito da Universidade de Waterloo, na qual atuou como professor por 32 anos. Sua clínica de pesquisa experimental e Laboratório de Biomecânica da Coluna tem três objetivos: entender como funciona a região lombar; entender como as pessoas se machucam; e, sabendo disso, formular e investigar hipóteses relacionadas à prevenção de lesões e reabilitação ideal das costas lesionadas, e o melhor desempenho das costas atléticas.

Por meio de seus estudos, o Dr. McGill produziu mais de 240 artigos em revistas científicas, recebeu muitos prêmios internacionais e orientou mais de 40 estudantes de pós-graduação durante sua jornada científica. Com grade produção, segue na sequencia algumas: *A Mecânica da Lombar: O método passo-a-passo de McGill para corrigir dores nas costas* (2015), *Low Back Disorders: Evidence-Based Prevention and Rehabilitation* (2016).

Paul Chek²³ é um especialista de renome mundial nas áreas de cinesiologia de exercícios corretiva e de alto desempenho. Por mais de 30 anos, sua abordagem única e integrada ao tratamento e à educação mudou a vida de muitos de seus clientes e alunos. Tratando o corpo como um sistema completo e encontrando a causa de um problema. Paul é o fundador do Instituto *CHEK (Corrective Holistic Exercise Kinesiology)*²⁴, baseado na Califórnia, EUA. É, ainda, apresentador e consultor internacional de organizações como o *Chicago Bulls*, o australiano *Canberra Raiders* e a *US Air Force Academy*. Paul produziu mais de centenas de vídeos e 17 cursos de estudo em casa de nível avançado, projetados para o *Fitness* e para o profissional clínico. Paul é um crente forte no papel essencial fornecido pelo treinamento prático. Desenvolveu quatro programas de Treinamento de Nível Avançado para fornecer instruções práticas para a indústria de exercícios e saúde. Escreveu inúmeras contribuições originais para os campos de reabilitação e fortalecimento e condicionamento ortopédico e é colaborador regular de muitas publicações e sites. Ele é o autor ou coautor de inúmeros livros, impressos e digitais, algumas de suas publicações: *How to eat, move and be healthy* (2004), *CHEK Mark*

²² Maiores informações disponível em: <http://backfitprobrasil.com.br/sobre.php>, <https://backfitpro.com>, <https://uwaterloo.ca/kinesiology/people-profiles/stuart-mcgill> Acesso em: 19 jun. 2019

²³ Maiores informações disponível em: <https://chekinstitute.com/paul-chek/> Acesso em: 19 jun. 2019

²⁴ Tradução do Inglês: Cinesiologia do Exercício Holístico Corretivo.

for Success Vol. 2 (2002), CHEK Mark for Success Vol. 1 (2001) e Movement that matters (2000).

Em terras brasileiras, temos como profissional de destaque, Luciano D’Elia (2016). É fundador da “Core 360º”, uma das empresas pioneiras em cursos de qualificação em TF. Segundo ele, O Core 360º surgiu da necessidade de compartilhar conhecimento e experiências acumuladas ao longo de 16 anos de trabalho com TF. D’Elia detalha que no princípio era grande a dificuldade de encontrar informações confiáveis, acompanhar o ritmo de um processo em rápida evolução e aplicado a uma escala cada vez mais ascendente de pessoas. Para ele, mesmo ancorado num modelo inicial, o TF não é um código fechado e deve incorporar novas ideias, métodos e ferramentas a partir da vivência de cada treinador. Uma breve linha de tempo de sua trajetória: 1999, ele cria a academia “Única SP”, que se torna seu laboratório. Em 2001, palestra junto com Steven Fleck no 1º (primeiro) Congresso de TF. Em 2002, já falava sobre TF na revista *Trip* na edição de setembro. Neste mesmo ano, o público das lutas o procurava para treinar. Em 2007, aconteceu o 1º (primeiro) Workshop de TF na Academia Única; no ano seguinte, 2008, é lançado o “Core 360º”. Em 2013, é lançado o seu livro, detalhando seus aprendizados nos últimos anos e assim fomentando o conhecimento junto aos professores que trabalham com TF. Os cursos de qualificação já capacitaram, até junho de 2016, mais de 45.000 professores, 200 atletas profissionais e 450 mil alunos já passaram pelo programa.

Outro profissional de renome é Tiago Proença²⁵. É o fundador, há cerca de 11 anos, da Academia *BPro*, que tem destaque no mercado de preparação física, elaborando um sistema de treinamento organizado por padrões de movimento, que respeita e prioriza a correta manutenção das funções articulares. Isso gerou o interesse não apenas do público que se identifica com a prática de exercícios, mas de profissionais da área da educação física.

2.4 PRINCIPAIS CENTROS DE FORMAÇÃO QUE MINISTRAM CURSOS

Por ser um adepto da modalidade e ao mesmo tempo professor de TF, fui em busca desse conhecimento para me aperfeiçoar em 2017. Sendo que uma das formas de aquisição de conhecimentos, são os cursos particulares.

²⁵ Maiores informações disponível em: https://BProtreinamento.com.br/academia/sobre-nos/?gclid=CjwKCAjwuqfoBRAEEiwAZErCsIYGrrltMn2LyMdpF17vW3VtiZNKko7I9il1BOaJmuOeba5D7YHteBoCtUsQAvD_BwE Acesso em: 19 jun. 2019

Realizei uma busca pelos cursos que eram oferecidos no *Google*, e também em conversas com colegas de profissão que já trabalhavam com TF ou que haviam realizado algum curso similar. Com a procura no *Google* surgiram muitos nomes, dentre os achados, alguns que foram sugeridos pelos colegas de profissão. Os dois cursos mais comentados foram da *BPro* e o *Core 360°*. Naquele momento, optei pelo curso oferecido pela *BPro*, por ter muitas indicações, possuir uma metodologia atrativa e ter um centro de treinamento em Porto Alegre, além de oferta cursos em grande parte do Brasil.

Com o intuito de dar maior relevância ao estudo e não me basear apenas nos cursos que já conhecia, fiz uma busca no *Google* a partir do termo “cursos de treinamento funcional em Porto Alegre”²⁶. Surgiram mais de 5.250.000 resultados. A grande parte dos resultados era vinculada a alguma das palavras chaves, o que resultou em um número tão expressivo. Em busca de um refinamento, fiz uma nova busca no *Google*, utilizando as palavras chaves entre aspas. Os termos utilizados foram "cursos" "treinamento funcional" "porto alegre"²⁷. Surgiram 39.100 resultados. No primeiro momento desta pesquisa, os primeiros lugares que apareceram justamente foram a *BPro* e *Core 360°*. Entretanto, alguns desses cursos apareceram no topo da busca realizada através de anúncio, pelo fato da existência de impulsionamento de publicação por meio de pagamento ao *Google*. No segundo momento da pesquisa, o refinamento apontou apenas a *BPro* como fomentadora de cursos. Além desta empresa estar presente em anúncios na pesquisa, os demais resultados que apareceram foram de empresas que ofertavam o serviço e não o curso, analisei mais de 10 páginas de resultados que apareceram CTs (Centros de Treinamento), Estúdios e Academias, que ofereciam treinamento a quem quisesse. Deve ser considerado o contexto da busca, no qual pode haver uma diminuição da oferta de cursos gerada pela pandemia pelo novo Covid-19, em 2020.

Para uma averiguação desses achados, acessei as redes sociais dos estabelecimentos (Website, Facebook etc.) para filtrar se eram ou não oferecidos os cursos naqueles estabelecimentos. Dentre os resultados, a *BPro* e *Team Villeroy*, ambos localizados na cidade de Porto Alegre, e *Core 360°*, que é oferecido em Porto Alegre, mas tem sua origem em São Paulo e oferece o curso de formação em TF em grande parte do Brasil. Após esse segundo momento de buscas realizados

²⁶ Pesquisa realizada anterior a qualificação, que ocorreu em 28 ago. 2019.

²⁷ Pesquisa realizada em 12 set. 2020.

previamente à defesa da dissertação, não foram localizados novos nomes de centros ministrantes de cursos de TF.

Abaixo seguem imagens dos websites das principais empresas que ministram os cursos de TF: *BPro*, *Core 360°* e *Team Villeroy*, respectivamente. As imagens são para demonstrar o que é trabalhado por esses centros de formação, como: a metodologia adotada, o cronograma e valor de investimento. Este material foi adicionado à pesquisa em momento anterior à qualificação. Considerando que, minha ideia não é divulgar a melhor escolha ou indicar qual seria o “melhor curso”, optei por manter as mesmas imagens localizadas em abril de 2019, sem atualizações, justamente por acreditar que estas possuem o conteúdo propício para ilustrar a ideia de exemplos e auxiliar a compreensão do leitor.

Qualificação em Treinamento Físico Funcional

O treinamento funcional chega ao Brasil para apresentar uma outra forma de pensar sobre treinamento. Outra filosofia de academia. Um formato que se preocupa mais com o movimento do que com os músculos. Isso não quer dizer que aqueles objetivos que são apresentados nas academias convencionais não são alcançados. Muito pelo contrário. Chegamos neles com muito mais qualidade e de forma mais real, mais segura e eficaz.

A BPro compartilha nos cursos que ministra, suas experiências com práticas testadas e aperfeiçoadas diariamente em suas academias, oferecendo uma visão técnica e prática sobre o treinamento físico funcional. Venha participar de uma de nossas turmas do Programa de Qualificação em Treinamento Físico Funcional.

Público-alvo

O Programa de Qualificação em Treinamento Físico Funcional da BPro é direcionado aos profissionais da área da educação física (formados ou estudantes), estando também aberto para Fisioterapeutas (Formados ou Estudantes) que tenham interesse na temática de um trabalho integrado entre as áreas.

Metodologia

Serão ministradas 30 horas/aula de caráter teórico-prático. O curso se desenvolve a partir de apresentações teóricas, discussões e exemplos práticos para que o aluno possa ter a oportunidade de experimentar e entender cada um dos conceitos utilizando o seu próprio corpo.

Material didático

Será fornecido apostila completa, planilhas montadas de todas as fases de treinamento, planilhas auxiliares para a formatação do seu próprio sistema, assim como diversos textos auxiliares.



Figura 1 – Qualificação em TF BPro - Parte 1 - Disponível em: <https://www.BProtreinamento.com.br/cursos/aprenda-sobre-treinamento-funcional/> Acesso em: 19 maio 2019

Conteúdo Programático

Módulo 1 – Sexta-feira

Este módulo tem como objetivo apresentar nosso conceito sobre treinamento físico funcional e mostrar a diferença entre o que pensamos e o que é vendido na grande maioria das academias, a começar pelo aquecimento.

- Introdução ao treinamento físico funcional
- Funções articulares / Mobilidade x estabilidade
- Preparação de movimento
- Progressões de aquecimento por fases de treinamento

Módulo 2 – Sábado

Aqui o treinamento de força é o principal foco. Mostraremos como os padrões de movimento fundamentais são introduzidos na seção de treinamento. Para isso utilizaremos diversas ferramentas de treino, tais como, kettlebell, barra olímpica, suspenso, dumbbells, torre de cabos, etc.

- Treinamento de força através dos padrões de movimento
- Progressões de treinamento de força
- Treinamento Físico Funcional (TFF) x musculação tradicional
- Importância do CORE no treino de força

Módulo 3 – Domingo

Módulo voltado ao treinamento de alta intensidade, desde circuitos metabólicos de estímulos variados até técnicas introdutórias ao treinamento com kettlebell hard style aplicadas a pessoas comuns e atletas de alto rendimento. Aqui também abordaremos assuntos como emagrecimento e faremos comparativos entre os exercícios aeróbicos tradicionais, como esteiras, elípticos e bicicletas, e treinamento intervalado que se utiliza de ferramentas variadas como corda naval, sled training, kettlebell e escada de agilidade.

- Condicionamento físico através do treino metabólico.
- Emagrecimento/treino metabólico x treino aeróbio tradicional.
- Utilização de diferentes ferramentas na busca de emagrecimento e condicionamento.
- Exercícios fundamentais com a ferramenta Kettlebell.
- Sistema BPro de treinamento.

*Figura 2 – Qualificação em TF BPro - Parte 2 - Disponível em:
<https://www.BProtreinamento.com.br/cursos/aprenda-sobre-treinamento-funcional/> Acesso em: 19 maio 2019*

Cronograma de Horários

Sexta-feira

08:00 - início do credenciamento

08:30 - abertura do curso

19:00 - encerramento do dia

Sábado

08:00 - abertura do segundo dia

19:00 - encerramento do dia

Domingo

08:00 - abertura do terceiro dia

18:00 - encerramento do curso

*alterações de horários podem ocorrer de acordo com o andamento de cada turma.

Efetivando sua Matrícula

Você receberá:



O controle do número de vagas promocionais e normais é realizado automaticamente pela loja virtual, portanto para confirmar a disponibilidade de vagas, acesse a link da loja.

Para mais informações sobre a agenda de cursos e investimentos, preencha o formulário abaixo e receba imediatamente em seu e-mail:

*Figura 3 – Qualificação em TF BPro - Parte 3 - Disponível em:
<https://www.BProtreinamento.com.br/cursos/aprenda-sobre-treinamento-funcional/> Acesso em: 19 maio 2019*

INÍCIO MÓDULOS 1 E 2 RIO GRANDE DO SUL MÓDULOS 1 E 2 - 20/07/2019 E 21/07/2019 - PORTO ALEGRE VOLTAR À PÁGINA ANTERIOR

GALERIA **DESCRIÇÃO** COMENTÁRIOS TAGS

MÓDULOS 1 E 2 - 20/07/2019 E 21/07/2019 - PORTO ALEGRE

PRODUCT CODE: E2019081718POA10100IEV

Nesta compra você economiza R\$342,4

PARA COMPRAR FAÇA O LOGIN
LOCAL: COMPANHIA ATHLETICA - BARRA SHOPPING SUL - AV. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 300 - CRISTAL PORTO ALEGRE - RS, 90810-089

HORÁRIO:
Sábado e domingo das 9:00 às 18:00

Carga horária:
16 horas (8h sábado e 8h domingo) Precisa de ajuda? Ligue: (11) 3529-2800 | Horário de Atendimento: 9:00h às 18:00h

IMPORTANTE!

O material didático (digital) será enviado por e-mail sempre nas quartas e sextas-feiras que antecedem o final de semana do curso.

As inscrições vão apenas até quinta-feira anterior a data do curso.

DETALHES

MÓDULO 1 - QUALIDADE E EFICIÊNCIA DE MOVIMENTO.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Construindo um novo pensamento sobre treinamento e movimento.

Qualidade e eficiência de movimento

Importância da postura em movimentos atléticos

Progressão

Pilares do Core 360°

Preparação de movimento

Treinamento do Core

Criando planos de treinamento para melhorar qualidade e eficiência de movimento.

PREÇO DE TABELA
R\$ 850,00

até 63 dias antes do curso
R\$ 680,00

até 21 dias antes do curso
R\$ 760,00

até 7 dias antes do curso
R\$ 810,00

ACESSE core360.com/shop

CORE360°

Figura 4 – Conteúdo Programático Módulo 1 Qualidade e Eficiência de Movimento Core 360° - Disponível em: <https://core360.com.br/shop/index.php/fases-1-e-2/rio-grande-do-sul/modulos-1-e-2-20-07-2019-e-21-07-2019-porto-alegre.html> Acesso em: 19 maio 2019

INÍCIO MÓDULOS 1 E 2 RIO GRANDE DO SUL MÓDULOS 1 E 2 - 20/07/2019 E 21/07/2019 - PORTO ALEGRE VOLTAR À PÁGINA ANTERIOR

GALERIA **DESCRIÇÃO** COMENTÁRIOS TAGS

MÓDULOS 1 E 2 - 20/07/2019 E 21/07/2019 - PORTO ALEGRE

PRODUCT CODE: E2019081718POA10100IEV

Nesta compra você economiza R\$342,4

PARA COMPRAR FAÇA O LOGIN
LOCAL: COMPANHIA ATHLETICA - BARRA SHOPPING SUL - AV. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 300 - CRISTAL PORTO ALEGRE - RS, 90810-089

HORÁRIO:
Sábado e domingo das 9:00 às 18:00

Carga horária:
16 horas (8h sábado e 8h domingo) Precisa de ajuda? Ligue: (11) 3529-2800 | Horário de Atendimento: 9:00h às 18:00h

IMPORTANTE!

O material didático (digital) será enviado por e-mail sempre nas quartas e sextas-feiras que antecedem o final de semana do curso.

As inscrições vão apenas até quinta-feira anterior a data do curso.

DETALHES

MÓDULO 2 - FORÇA FUNCIONAL.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Entendendo o corpo em movimento.

Conceitos de força.

Força funcional

7 movimentos chave.

Agachar

Dobrar

Avançar

Empurrar

Puxar

Rodar

Deslocar

Avaliação de força.

Prescrição e periodização.

Criando planos de treinamento de força funcional.

PREÇO DE TABELA
R\$ 850,00

até 63 dias antes do curso
R\$ 680,00

até 21 dias antes do curso
R\$ 760,00

até 7 dias antes do curso
R\$ 810,00

ACESSE core360.com/shop

CORE360°

ADICIONAR AOS FAVORITOS
AVISAR UM ANO QUE VENHA

Figura 5 – Conteúdo Programático Módulo 2 Força Funcional Core 360° - Disponível em: <https://core360.com.br/shop/index.php/fases-1-e-2/rio-grande-do-sul/modulos-1-e-2-20-07-2019-e-21-07-2019-porto-alegre.html> Acesso em: 19 maio 2019

**TEAM
Villeroy**

FORMAÇÃO EM TREINAMENTO FUNCIONAL A PARTIR DO MÉTODO LINHA Z

Entre a avalanche de informações promovidas pelo mercado do movimento humano, o Team Villeroy simplifica o treinamento funcional. Com uma metodologia clara e de fácil aplicação, auxiliamos o profissional do movimento a construir um caminho e aperfeiçoar sua prática diária.

No nosso curso de Formação em Treinamento Funcional a partir do Método Linha Z, proporcionamos aos participantes o entendimento da teoria e a vivência prática do método criado e desenvolvido há mais de 10 anos.

Nosso curso é dividido em dois módulos. No Módulo I, é apresentada a teoria completa do Método Linha Z, além da prática de exercícios de base, exercícios avaliativos e exercícios de transição. No módulo II, são apresentados na prática os exercícios intermediários e avançados do método.

CALENDÁRIO 2019:
06 a 08 DEZEMBRO - Módulos I e II - Porto Alegre

Horários:
MÓDULO I - 06 e 07 de dezembro
06 de dezembro (sexta-feira): 8h30 às 13h30 e 14h30 às 19h30
07 de dezembro (sábado): 8h30 às 13h30

MÓDULO II - 07 e 08 de dezembro
07 de dezembro (sábado): 14h30 às 19h30
08 de dezembro (domingo): 8h30 às 13h30 e 14h30 às 19h30

Público-alvo: profissionais e acadêmicos de Educação Física e Fisioterapia, além de todos interessados na área.

Carga horária total: 30 horas teórico-práticas (15 horas cada módulo).

Material didático: são entregues uma apostila com todo conteúdo do Método Linha Z, além de uma amostra (11 treinos) de Cartilha de Treino exclusiva do Team Villeroy, e uma camiseta do Método Linha Z.

Figura 6 – Conteúdo Programático Formação em TF Team Villeroy - Disponível em: <https://www.teamvilleroy.com.br/curso-treinamento-funcional> Acesso em: 06 set. 2019

Conteúdo Programático:

Módulo I (15 horas/aula)

Introdução ao Treinamento Funcional
 Evolução do Treinamento Físico
 Desenvolvimento Motor
 Funções Articulares
 Padrões de Movimento
 Equilíbrio Muscular
 Core

Método Linha Z:
 Princípios do Método
 Conceitos Importantes
 Treinamento de Base
 Variáveis Manipuláveis do Treinamento
 Progressão Funcional
 Exercícios Avaliativos e Educativos
 Exercícios de Transição
 Introdução a exercícios Metabólicos e HIT
 Introdução a exercícios de Warm Up e Mobilidade no solo
 Cartilha de Treinos Iniciantes

Módulo II (15 horas/aula)

Revisão módulo I
 Treino Intermediário (fases do treino, frequência semanal/periodização, hipertrofia)
 Exercícios Intermediários (força, resistência, core, mobilidade)
 Metabólico/HIT
 Warm Up/Flow
 Introdução ao Kettlebell Training
 Introdução ao Treinamento no Remo Indoor
 Cartilha de Treinos Intermediários

Investimento*:

Módulo I R\$890,00
 Módulo II R\$890,00
 Módulos I + II (10% off) R\$1.602,00

*Incluso: Apostila Completa + Amostra da Cartilha de Treinos + Camiseta Método Linha Z

Dúvidas e maiores informações:
 Contato Escola Villeroy
formacao@timevilleroy.com.br
 (51) 9297-9121

Figura 7 – Conteúdo Programático Formação em TF Team Villeroy - Disponível em: <https://www.teamvilleroy.com.br/curso-treinamento-funcional> Acesso em: 06 set. 2019

2.5 MONTAGEM DO UM PROGRAMA DE TREINAMENTO FUNCIONAL:

Para montar um programa de treinamento bem-sucedido, Boyle (2015) afirma que são necessários três passos: exercícios básicos, exercícios de peso corporal e progressão do simples ao complexo. Além de seguir esses três passos, Boyle (2015) define a técnica como um dos fatores mais importantes, pois ela vem antes dos três passos para não perder a qualidade do exercício. Utiliza-se o peso corporal, se possível, flexões de braço, flexões de braço com os pés erguidos, agachamento, barra fixa e barras paralelas. Esses exercícios de peso corporal podem parecer desprezíveis, logo usa-se com frequência com os iniciantes. Não apenas os atletas aprenderão a respeitar seu peso corporal, como também vão enxergar o valor de exercícios fáceis (BOYLE, 2015).

De acordo com Boyle (2015), TF, treinamento de *Core* e uso adequado de superfícies instáveis são alguns exemplos de avanços que devem ser incluídos e incorporados em um programa sólido.

Os exercícios usados no TF podem ser progredidos da seguinte forma: de baixa velocidade para alta; posturas estáticas para dinâmicas; de menor intensidade para uma maior intensidade; movimentos bilaterais para unilaterais; movimentos simples para complexos; exercícios que exigem pouca coordenação para exercícios complexos; movimentos estáveis para movimentos instáveis; movimentos em um plano para movimentos em vários planos (MONTEIRO; EVANGELISTA, 2010).

Para D'Elia (2016), um programa de TF deve seguir os padrões de movimentos primários, utilizando do agachar, avançar, abaixar, empurrar, puxar, girar e levantar. Utilização da estabilização nos exercícios, desenvolvimento da consciência corporal, com aprimoramento da postura. Sempre respeitando a progressão do mais simples para o mais complexo e as individualidades de cada aluno.

Como professor de TF, pude experimentar e assim descrever como funciona uma rotina em dois centros de treinamento que tive contado nesta jornada. O primeiro trabalha da seguinte forma: progressões de aquecimento (o aquecimento é dividido em aquecimento geral, específico e liberação miofascial), progressões de força e progressões de metabólico (aeróbico) e exercícios corretivos. O segundo espaço trabalha da seguinte forma: aquecimento (liberação miofascial, mobilidade e exercícios corretivos), treino de força e treino de *cardio* (aeróbico). Basicamente, vemos semelhanças em ambas as composições de treino. Logo uma aula básica,

em que pode ser encontrada em diferentes lugares, pode ser definida com aquecimento, força e treino cardiorrespiratório.

2.6 CORE - O CERNE DO MOVIMENTO PARA OS ADEPTOS DO TF

A expressão *Core* é utilizada, segundo D'Élia (2016), para especificar o centro de produção de força, redução de força, geração de estabilidade e absorção de impacto do corpo. De acordo com WILLARDSON (2017), a bibliografia mais antiga sobre treinamento muscular do *Core* vem da fisioterapia e do treinamento esportivo, para aliviar a dor lombar e corrigir a má postura.

Nos últimos anos, há muitas publicações (KIBLER, 2006; AKUTHOTA, 2008; HIBBS, 2008; OKADA, 2011; WIRTH, 2017) sobre a importância desses músculos para o exercício e o desempenho atlético eficaz. Para WILLARDSON (2017), “o treinamento dos músculos do *Core* é pensado para melhorar o desempenho esportivo aumentando a rigidez do tronco, proporcionando, assim, uma estrutura que permita uma maior produção de torque nos membros superiores e inferiores” (p.5). Isso significa que pessoas saudáveis, com um tronco mais estável, as possibilita empurrar, puxar, chutar ou arremessar as coisas com mais força.

O *Core* também pode ser identificado como o complexo lombo pélvico e para prescrever corretamente exercícios que tratem da musculatura do *Core*, Willardson (2017) afirma que é necessário definir a anatomia do *core* e, também, reconhecer o papel dele na criação de movimentos eficientes e potentes. Segundo o autor, o *Core* inclui partes do sistema esquelético (por exemplo, caixa torácica, coluna vertebral, cintura pélvica, cintura escapular), tecidos passivos associados (cartilagem, ligamentos) e os músculos²⁸ que provocam, controlam ou impedem o movimento nessa região do corpo. Nessa região, principalmente os músculos do abdômen e glúteo, formam um cilindro de estabilidade ao redor da cintura. Aproximadamente, 29 músculos compõem o *Core*, que funciona como uma caixa, constituída pelos músculos abdominais na frente, pelos paravertebrais e pelos glúteos na parte posterior, pelo diafragma no teto e pelo assoalho pélvico e pela cintura pélvica no assoalho (MARÉS, 2017).

²⁸ Músculos: grupo eretor da espinha, quadrado lombar, reto abdominal, oblíquo interno do abdome, oblíquo externo do abdome, transverso do abdome, multifido, rotadores, intertransversais, interespinhal, diafragma, grupo do assoalho pélvico, peitoral maior, latíssimo do dorso, peitoral menor, serrátil anterior, romboide, trapézio, grupo iliopsoas, glúteo máximo, grupo isquiotibiais.. (WILLARDSON, 2017 p. 19 e 20).

Para Check (2000), é parte principal dos exercícios o treinamento do *Core*, e o autor divide em duas partes: Unidade Interna e Externa (UI e UE). A ativação da UI se inicia ao pensarmos no movimento que será realizado, são os músculos de sustentação da coluna vertebral, a UE são os músculos de movimentação, que geram movimentos de forma integrada, o corpo como um todo. Check (2000), os músculos da UE são mais fortes e os músculos da UI, mas ambos têm funções interligadas e são importantes para a execução com maior qualidade dos movimentos.

Para Willardson (2017), não há um músculo do core que seja mais importante que o outro. Todos possuem funções e as cumprem em todas as posturas estáticas e em todos os movimentos possíveis. Dessa forma, por se tratar de um elemento estabilizador da movimentação corporal requerida para determinados exercícios, torna-se fundamental treinar o *Core* com instabilidade, com contração isométrica e com peso corporal. Assim, ao se incluir alguma das variáveis acima descritas é possível aumentar o recrutamento²⁹ das fibras musculaturas estabilizadoras para realizar movimentos (D'ELIA, 2016).

Se essas estruturas forem estimuladas e trabalhadas, os movimentos, a força e o equilíbrio provavelmente irão se maximizar durante o treinamento. Em função dessa característica, fica clara a importância de treinar o *Core*, por ser uma “unidade funcional integrada”, em seu estado eficiente cada componente estrutural distribui peso, absorve forças, mantém o alinhamento e o equilíbrio postural. Treinar o *Core* é muito mais do que simplesmente fazer abdominais, é trabalhar as musculaturas do tronco para gerar estabilidade, partindo da ideia de que a principal função do *Core* é manter o corpo estável durante os movimentos dos membros inferiores e superiores, chegando a um forte centro de estabilização, sem movimento compensatório da coluna vertebral ou pelve, em outras palavras, ter um *Core* forte diminui as chances de lesões e favorece a execução de exercícios (BOYLE, 2015). Abaixo um exemplo de exercício que traz benefícios ao *Core* e de grande abrangência entre os praticantes.

²⁹ Segundo Minamoto (2005), quanto mais fibras musculares, maior a contração muscular, desta forma aumentar o recrutamento destas fibras permite acomodar uma tensão específica, velocidade e requisitos metabólicos da contração muscular para executar movimentos.

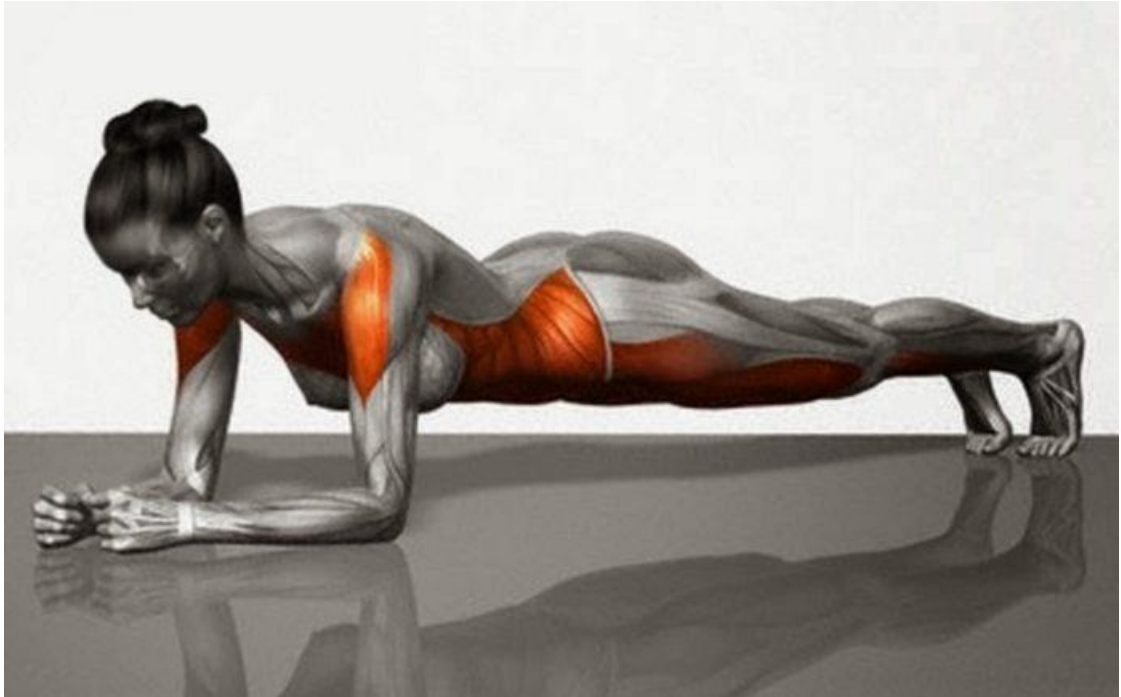


Figura 8 – Prancha abdominal - Disponível em: <https://www.fasdapsicanalise.com.br/7-coisas-que-acontecem-quando-voce-comeca-fazer-prancha-todos-os-dias/> Acesso em: 23 de jun. 2019

De acordo com Boyle (2015), muitos atletas não conseguem ativar os glúteos e o abdômen, esta incapacidade está na origem de muitas disfunções, causando problemas desde lombalgia até lesões mais graves. O mesmo autor, defende que o trabalho isolado do *Core* pode ser importante para reconectar padrões neurais e corrigir as disfunções acima mencionadas. Um *Core* fraco é um problema fundamental de movimento ineficiente, o qual leva à lesão. Em algumas experiências que tive com alunos com *Core* fraco, a execução de movimentos, o equilíbrio, e outras valências físicas ficam com a execução comprometida.

3 MODULO III: MARCO TEÓRICO

3.1 MARCO TEÓRICO REFERENCIAL: A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA INTERFACE ENTRE TREINAMENTO FUNCIONAL E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Construir um marco teórico referencial sobre o processo formativo do profissional graduado em Educação Física, e que está em busca de uma atuação específica no TF, não foi uma tarefa simples. Principalmente, porque ao procurar sobre o assunto em produções científicas específicas, poucos foram os achados.

Para dar maior sustentação ao meu estudo, investi na revisão de produções científicas para localizar o que se tem estudado sobre o tema da presente dissertação, mas não encontrei nenhum estudo específico que tratasse de professores de TF que ministram cursos.

Para dar conta da tarefa de revisão, o primeiro passo foi escolher as palavras-chave: treinamento funcional, formação inicial e formação profissional, que no meu entender melhor representavam o tipo de estudo a ser empreendido.

O segundo passo foi a escolha das “ferramentas de buscas”, tendo sido privilegiados o Google Acadêmico³⁰ e o Portal de Periódicos da Capes³¹.

O terceiro passo foi a realização das pesquisas nesses bancos de dados. Inicialmente as buscas foram realizadas no mês de junho de 2018 em ambos os buscadores, foram utilizados as “aspas” e o operador booleano “AND” entre os três termos, sem nenhum tipo de refinamento temporal ou de idioma. Embora não existisse nenhum tipo de refinamento nas buscas realizadas, foram levadas em consideração todas as produções que tivessem relação direta com a temática pesquisada e que permitissem seu acesso, leitura e *download*.

O quarto passo envolveu a identificação das produções que pudessem ter de alguma forma ligação com a metodologia adotada na dissertação. Os resultados gerados com a busca no Google Acadêmico foram de **44** produções. Contudo, uma das 44 produções era um Livro Digital, que para ter acesso a leitura era necessário comprar, que em função da acessibilidade do material, e pelo custo, a obra foi

³⁰ Google Acadêmico: <http://scholar.google.com.br/> por ser uma ferramenta de fácil acesso, aos acadêmicos e à população em geral, registra uma grande quantidade de trabalhos produzidos nos mais variados níveis de formação acadêmica.

³¹ Periódicos da CAPES: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> foi escolhido por ser uma base de dados com produções nacionais e internacionais de acesso livre aos vinculados à UFRGS, e com mais de 45 mil publicações, de forma a cobrir as mais variadas áreas do conhecimento.

excluída e outras 15 produções que não possuíam nenhuma ligação com o estudo. Para tornar mais fácil as apropriações dos conteúdos, **três** grupos foram criados: **“treinamento funcional”** (1 produção), **“formação inicial”** (22 produções, dentre esses achados três idênticos, totalizando **20**); **“formação profissional”** (cinco produções). Na última etapa, destinada à elaboração do relatório de achados, analisei a literatura prospectada visando encontrar essencialmente os tipos de abordagem metodológica e agrupando os estudos.

No quinto e último passo foi realizada a leitura das produções selecionadas para a organização de grupamentos temáticos. Iniciei com a leitura do título, do resumo e da metodologia de cada um dos estudos localizados nos buscadores. No caso desta dissertação, estes grupamentos foram estabelecidos e aglutinados considerando o tipo de abordagem temática adotada em cada um dos 26 textos, separados pela nomenclatura dos termos de busca, tendo sido definidos os seguintes: **treinamento funcional, formação inicial e formação profissional.**

No grupamento **treinamento funcional** uma única produção, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 - GOOGLE ACADÊMICO – TREINAMENTO FUNCIONAL

AUTOR (ANO)	ABORDAGEM	RELEVÂNCIA
Sanders <i>et al</i> (2017)	Quantitativa	O estudo é desenvolvido a partir de um entendimento fisiológico à sua aplicação na Educação Física Escolar. É feita uma revisão acerca da história do TF no Brasil e sobre a modalidade. São apresentados os benefícios de praticar TF e sua aplicação. Concluiu-se que o TF quando realizado de forma correta, com seus volumes, cargas e frequências é um excelente aliado na melhora da saúde de crianças e adolescentes na fase estudantil, tendo em vista os inúmeros benefícios da prática regular desses exercícios, proporcionando sensações de prazer e bem-estar aos seus praticantes, contribuindo para que a Educação Física Escolar cumpra com seus objetivos. Ao que se refere ao meu estudo, será possível entender a partir da fala dos professores, quais são os benefícios de uma correta aplicação e ensino de TF.

No grupamento **Formação inicial** as 20 produções foram separadas em 17 categorias, conforme quadro abaixo.

Quadro 2 - GOOGLE ACADÊMICO – CATEGORIA FORMAÇÃO INICIAL

AUTOR (ANO)	ABORDAGEM	RELEVÂNCIA
Oliveira (2015)	Qualitativa	O estudo teve como objetivo identificar o conhecimento dos estudantes de Educação Física sobre a atuação do profissional de Educação Física na Atenção Básica por meio do Núcleo de Atenção à Saúde da Família. O estudo se torna relevante pela a aproximação de entender os conhecimentos relacionados ao Sistema Único de Saúde, e assim identificar a possibilidade da contribuição para a formação e reflexão crítica dos estudantes de Educação Física.
Berkman n (2015)		Este estudo propõe compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS. Nessa perspectiva, busca analisar os fatores determinantes ou que influenciam a inserção ou permanência no mercado, confrontar o sonho com a realidade do graduado. O estudo contribui para entender sobre a trajetória dos recém-formados. O estudo apontou: como falta de segurança, de direcionamento e autoconfiança, a falta de identificação com a profissão, a rentabilidade e a valorização profissional são alguns dos aspectos identificados que influenciaram nas escolhas dos entrevistados, tanto para permanecer na profissão quanto para abandoná-la.

Fuchs (2016)	Qualitativa bibliográfica com análise documental semiestruturada	O estudo teve como principal objetivo analisar e documentar como se deram as correlações de forças dos atores sociais nos processos de reestruturações curriculares do Centro de Educação Física e Desporto (CEFD) da UFSM, e seus papéis para a implementação das políticas públicas educacionais referentes às diretrizes curriculares ou resistência às mesmas. Após pesquisar, os processos de constituição dos atuais currículos, foi elevada a hipótese de que essas relações se estabilizaram com acordos, criando um consenso entre as partes. Assim o autor conclui que CEFD continua com uma formação fragmentada, e os interesses individuais superam os coletivos.
Miyake (2016)	Mestrado profissional Pesquisa Participativa	O estudo ressalta como é imprescindível repensar na completude da formação profissional e complementar dos futuros profissionais de saúde, para que possam atuar de forma interdisciplinar, pensando no indivíduo integralmente. O estudo proposto é uma reflexão teórica sobre o significado do Estágio Curricular Supervisionado na área da saúde para a formação dos discentes, especificamente os determinantes e os elementos constitutivos do processo de trabalho do educador físico na área da saúde. O objetivo do estudo é oferecer conteúdo teórico-conceitual para orientar a ação reflexiva dos discentes, como futuros profissionais e dos profissionais formados que exercem o papel de supervisores de estágios. O estudo conclui que é de fundamental importância a prática que será obtida por meio das experiências vivenciadas no estágio supervisionado, pois ao graduando, inserido em um ambiente relevante a sua futura atuação, é possibilitada a ele oportunidades para observar e analisar tal contexto, para que a partir disso, se crie novas práticas em seu trabalho.
Carvalho (2016)	Qualitativa análise de conteúdo	O estudo analisa a entrada do Profissional de Educação física (PEF) no Sistema Único de Saúde (SUS), por meio dos Núcleos de Apoio de Saúde da Família (NASF), é o ponto de partida para a integração em meio de sua formação e atuação em programas de atividade física e promoção da saúde. Este estudo possui uma familiarização com a presente dissertação, pois trabalha com a formação do PEF. Há um questionamento quanto ao modelo de formação inicial que envolve o PEF, que historicamente se caracteriza pelo tradicionalismo higiênico, estabelecido no modelo médico-biológico. Indo contra as novas exigências de atuação no NASF, que se orienta pela concepção ampliada de saúde com novos eixos de atuação como promoção da saúde, integralidade e a interdisciplinaridade. Os resultados apontam para uma lenta organização curricular nos cursos de bacharelado em EF do município do Rio de Janeiro quando comparado a outras experiências no país como o curso de Bacharelado em Educação Física e Saúde da Universidade de São Paulo (USP). O estudo demonstrou que os profissionais estão fragilizados, ao mesmo tempo que são desvalorizados quando comparado a outros profissionais atuantes na Estratégia da Saúde na Família (ESF) do NASF.
Barros (2016)	Qualitativa de caráter descritivo interpretativo, a partir de estudos de caso múltiplos	As investigações a respeito da aprendizagem dos treinadores esportivos têm se concentrado nos processos de aprendizagem do treinador <i>expert</i> , identificando a trajetória de atuação, com o propósito de buscar alternativas, que de fato operacionalize os processos formais de formação desses profissionais, demonstrou que os treinadores indicaram uma variedade de situações de aprendizagem em particular, por meio das experiências de prática esportiva, compartilhamento de informações e observação de treinadores mais experientes e cursos específicos da modalidade, característicos do contexto Informal e Não Formal de aprendizagem profissional. O estudo demonstra que os saberes experienciais foram importantes para o aprendizado dos treinadores.
Nunes et. al. (2017)	Qualitativa descritiva	Este estudo objetivou caracterizar o perfil acadêmico dos professores de Educação Física que trabalham no ensino superior brasileiro na subárea de treinamento desportivo. Os resultados apontam para o descompasso entre a caracterização do perfil acadêmico e a produção científica predominante relacionada ao treinamento desportivo.
Oliveira (2016)	Qualitativa descritiva exploratória	O estudo identificou as condições de trabalho dos egressos do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no universo <i>Fitness</i> , na região metropolitana de Porto Alegre/RS. O estudo buscou saber como os profissionais descrevem as características gerais do mercado <i>Fitness</i> ; Conhecer as condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas; Verificar as condições objetivas de trabalho sobre a sua rotina diária; Identificar como se dá a relação do profissional com os Conselhos CONFEF/CREF; Saber se ocorreram dificuldades ou barreiras para ingressar no mercado de trabalho. Segundo o autor o resultado obtido foi de um mercado muito promissor, mas que por vezes não favorece o trabalhador, o qual parece estar inserido em uma lógica de mercado como se a tendência à informalização do trabalho já fosse um fato concreto na sociedade.
Hauptli (2013)		A pesquisa tem como objetivo identificar o perfil dos egressos do curso de bacharelado em Educação Física da UNISUL – Campus Universitário da Grande Florianópolis para determinar seu aproveitamento e ocupação no mercado de trabalho, tanto no início quanto no decorrer da atuação profissional. Quanto aos resultados, concluiu-se que os sujeitos possuíam em média de 30 anos de idade, predominantemente solteiros e com uma maior participação de profissionais formados em 2011/1. Os egressos atuantes na área da Educação Física, representam 84,3% de todos os participantes da pesquisa e 51,1% destes são do sexo feminino. A maior ocupação ficou na área da musculação, seguida pelas áreas da gestão do esporte privada e pública. O estudo conclui que os sujeitos que não estão trabalhando na área da Educação Física apontaram a remuneração baixa como o principal motivo e metade destes, tiveram pouca oportunidade de emprego.
Medeiros (2015)	Qualitativa etnografia	O estudo teve como objetivo responder a seguinte questão “como e quais são as aprendizagens construídas pelos estudantes do Curso de Educação Física da FACOS no PIBID nas escolas de Osório?”. O autor em uma crítica e reflexão questionou os significados das aulas de EFI na Educação Básica, no Ensino Superior e no Subprojeto de EFI da FACOS. Assim interpretou que há uma relação diferente dos participantes do estudo com o que embasa as teorias que sustentam a pesquisa. Tal interpretação deve ser compreendida como desafio de problematizar e transformar a Educação e o ensino no Brasil, promovendo uma EFI

		reflexiva, crítica, que tenha sentido naquilo a que se propõe, sustentada em princípios epistemológicos da própria EFI em prol da sociedade.
Silvano (2018)	Qualitativo grupo focal	Este trabalho de pesquisa analisou a prática pedagógica e a relação com os conteúdos e as abordagens que se evidenciam na prática de professores da disciplina Educação Física. Os resultados alcançados evidenciaram que a maioria dos professores exercem a profissão a pouco tempo; são professores jovens e dão ênfase à experiência profissional como ferramenta de sustentação à atuação da docência que veem o processo de socialização com seus pares como positivo para o crescimento na profissão e revitalização das práticas pedagógicas. Foi evidenciado que os professores se confrontam com outros desafios, entre eles a não valorização da disciplina e do próprio profissional que é vitimizado com palavras de desdém. Quanto ao saber docente em relação aos conteúdos, a cultura corporal de movimento se destaca como prioridade. Diante desse cenário, a pesquisa pôde ser considerada ponto de partida para reflexões formativas dos professores e possibilidades de novas mediações no processo de ensino e aprendizagem. Mas, o professor precisa ser o protagonista da sua ação pedagógica na busca por mudanças e melhor qualidade do ensino da Educação Física na escola.
Imai (2007)	Qualitativa Pesquisa-ação	Esta pesquisa foi a construção de um programa de formação continuada em serviço no campo psicomotor com profissionais da Educação Infantil não possuidores de tal formação. O conhecimento dos principais elementos psicomotores (esquema corporal, coordenação motora, lateralidade, organização espacial e temporal) é fundamental para o professor identificar possíveis dificuldades psicomotoras, planejar as práticas e acompanhar a evolução da criança. Ao final dessa experiência de formação, observou-se: maior domínio dos conceitos psicomotores pelas professoras, práticas com intencionalidade, planejadas a partir da análise da avaliação e das observações de dificuldades de ordem psicomotora no acompanhamento diário da criança, emprego dos jogos e brincadeiras como meios didáticos.
Gaspar (2013)	Qualitativa Bibliográfica e de Campo	Este estudo analisou o Mundo do Trabalho e os campos de atuação dos professores de Educação Física formados na UFSC após a divisão do currículo em Licenciatura e Bacharelado. Os objetivos da pesquisa foram expressos através de duas perguntas de partida: A partir da organização do Mundo do Trabalho hoje em que se diferenciam os diversos campos de atuação da Educação Física? Essas diferenças e regularidades justificam uma cisão do curso entre licenciatura e bacharelado? Chegou-se à conclusão de que os trabalhadores que atuam nas diversas áreas da Educação Física são de fato professores e que a fragmentação do curso tem servido para tornar mais precária a condição de trabalho da área. Indicou-se como saída para o problema na formação o projeto de Licenciatura Ampliada, que está em discussão pelo país. Já os problemas de precarização, flexibilização e desemprego encontrados.
Swirkowski (2018)	Qualitativa exploratória, de cunho materialista histórica dialética	Esta pesquisa trata do estudo sobre a formação inicial no curso de graduação em Educação Física e buscou conhecer e analisar os pareceres e resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais em seu processo histórico, considerando as contradições existentes entre as diretrizes expostas nos documentos citados e as possibilidades de atuações pedagógicas oferecidas socialmente pelo mercado de trabalho. E, para ilustrar temos algumas representações sobre a formação de alguns professores envolvidos no mundo <i>Fitness</i> . Vimos um curso cujo delineamento teórico indica a fragmentação do conhecimento, em síntese, vimos também que o processo histórico em seus condicionantes sócio históricos direcionam essas diretrizes curriculares para negócios capitalistas. Consequentemente tem como principais contradições a perda de autonomia do estudante, fazem confusão entre professor e profissional, equívoco esse que, na prática, ou seja, na realidade do trabalhador, se configura em uma limitação da área de atuação, vale dizer o professor é quem trabalha na escola e o profissional é o que trabalha fora dela.
Paixão (2016)	Qualitativa semiestruturada	Foi analisado o processo de aprendizagem do professor com formação em bacharelado em Educação Física, no início de carreira, atuante em academias de ginástica. A partir do estudo, verificou-se que a formação inicial não proporcionou conhecimentos específicos suficientes para a atuação destes profissionais. Dentre as formas de aquisição desses conhecimentos encontram-se contatos com professores formados há mais tempo, leituras de artigos, capítulos de livros e sites que abordam o tema. Essa situação conduz à conclusão de que implementar as experiências vivenciadas pelos acadêmicos nos cursos de bacharelado em Educação Física é uma demanda que merece ser discutida e concretizada nos cursos de formação inicial.
Freitas (2017)		O presente trabalho tem como objetivo analisar como os professores de Educação Física de uma escola pública estadual no município de Palhoça veem a Educação Física no ensino médio noturno. Constatou-se que a Educação Física no ensino médio noturno é vista como um momento de descontração, recreação e de prática esportiva, visando uma melhora na qualidade de vida desses alunos. As dispensas das aulas são pouco utilizadas pelos alunos, mesmo sendo um direito, isso mostra de certa forma, interesse na disciplina e o fato de muitos trabalharem no contra turno, não interfere na motivação e participação dos mesmos nas aulas de educação física.
Costa (2014)	Relatório de Estágio Profissional Questionário BREQ2	O presente relatório é descrever as experiências vivenciadas ao longo do estágio profissional do autor, a nível profissional e pessoal. A dimensão Pessoal é dada a conhecer a história pessoal do autor e as suas expectativas em relação ao estágio profissional, facilitando assim a compreensão do autor e o modo como surgiu o sonho de "Ser Professor". No Enquadramento da Prática Profissional é realizado, de forma detalhada, o enquadramento da prática no contexto do estágio profissional e ainda é descrito o que é "Ser Professor". A Realização da Prática Profissional inserido na participação na Escola e Relação com a Comunidade, onde é descrita, a experiência do autor no Desporto Escolar.
Matias (2013)	Relatório de Estágio Profissional	O estudo relatou a convivência do autor no curso de Educação Física em relação à experiência vivida numa academia como professora e proprietária. A autora demonstra que sua escolha foi muito positiva, que a Educação Física foi uma excelente escola: "tive a formação inicial e hoje me considero realizada não só como pessoa, mas sim como uma profissional, pois coloquei em prática tudo que vivenciei durante quatro anos e meio na Universidade Estadual

		da Paraíba". O que demonstra que no estudo o fator experiencial aliado a formação inicial foi importante para a realização profissional, mas a autora ainda completa dizendo que: "continuo aprendendo, pois, um grande profissional sempre vai à busca de novas descobertas e realizações e é um eterno aprendiz."
Machado (2017)	Relatório de Estágio Profissional. Testes de aptidão física	O presente documento tem como principal objetivo refletir de forma crítica sobre alguns pontos importantes que se desenrolaram ao longo do ano de Estágio Profissional. O ano de estágio assume um papel muito importante na formação pessoal e profissional dos professores estagiários e representa o culminar de vários anos de aprendizagem enquanto estudante de Educação Física e Desporto. O autor avaliou o impacto que teve enquanto professor, ao nível da aptidão física e da motivação para a prática desportiva, nos alunos que não praticavam qualquer atividade física extraescolar.
Coutinho (2015)	Relatório de Estágio Profissional Testes Firschool	Este estudo incorpora as vivências, as dificuldades e os métodos utilizados para ultrapassá-las, e as aprendizagens de uma estudante estagiária em contexto escolar, em forma de reflexão crítica, objetiva e fundamentada, o estágio e ainda discorro acerca dos seus intervenientes. O desenvolvimento Profissional, nas qual a autora discorre acerca de considerações realizadas ou construídas ao longo do Estágio Profissional e que a fizeram evoluir na prática docente. Afirmando que as vivências foram importantes para seu desenvolvimento, bem como um conjunto de perspectivas futuras em relação ao trabalho que espero desenvolver.

No grupamento **Formação Profissional**, as cinco produções foram separadas em quatro categorias, conforme quadro abaixo.

Quadro 3 - GOOGLE ACADÊMICO – CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

AUTOR (ANO)	ABORDAGEM	RELEVÂNCIA
Ferreira <i>et al.</i> (2018)	Quantitativa	Os estudos desenvolvidos ao longo dos últimos dez anos, desde a institucionalização da Educação Física (EF) no SUS, fornecem-nos dados para refletir sobre a atuação do profissional de Educação Física (PEF) no campo da saúde. Neste estudo é partido da constituição da EF enquanto profissão e sua aproximação com o campo da saúde. É ilustrado o caso do Sistema Único de Saúde (SUS) para apresentar o que foi possível aprender após dez anos (de 2008 a 2018) de atuação do (PEF) nesse cenário. São exploradas 3 abordagens: a abordagem da atividade física; a abordagem das práticas corporais; e a abordagem da salutogênese. Os autores consideram que a formação em EF não contempla os conhecimentos e habilidades necessários para o trabalho na área da saúde; A atuação dos PEF não tem sido desenvolvida em consonância com os princípios do SUS, já que está centrada na orientação de aulas práticas de atividade física pautadas no discurso biológico e curativo e que não existe clareza sobre o papel e os objetivos da atuação dos PEF no cotidiano de trabalho em saúde.
Isler (2015)	Quantitativa e qualitativa em método fundamentado.	O objetivo do estudo foi o contexto do Treinamento Personalizado <i>Online</i> (TPO) e as relações estabelecidas entre treinadores personalizados e clientes durante este método de treinamento contemporâneo. Foi explorado e descrito as percepções de sete treinadores personalizados <i>online</i> e oito clientes. Os dados foram analisados através da análise do conteúdo e separados por temas: as percepções sobre o envolvimento dos participantes com o processo de TPO; as ferramentas tecnológicas utilizadas pelos participantes; as percepções dos participantes sobre sua comunicação e relacionamento interpessoal. Os resultados demonstraram que os motivos dos treinadores para iniciar no TPO foram o interesse em aumentar os ganhos financeiros, o número de clientes e o atendimento das necessidades deles. Para os clientes, a competência do treinador e a indisponibilidade de aderir ao treinamento presencial foram os principais motivos. O estudo tem um tema muito pertinente ao estudar os treinadores e os clientes, a o que se aproxima sobre entender novos métodos que fazem os profissionais para conseguir mais clientes e aumentar suas rendas. Diante do exposto, o estudo permitiu contextualizar o processo de TPO e a compreensão sobre aspectos profissionais e pessoais da relação entre o treinador personalizado <i>online</i> e seu cliente.
Giannecchini <i>et al.</i> (2018)	Qualitativa descritiva	O estudo analisou as percepções de professores de Educação Física no final da carreira docente em relação à escolha da profissão, a formação inicial e continuada, aos valores atribuídos à profissão e às expectativas iniciais e atuais com a docência. Foi utilizada uma entrevista organizada a partir de temas geradores. Os dados revelaram que a experiência esportiva foi um impulso na escolha profissional. Quanto às expectativas iniciais da carreira elas se distinguem daquelas que se manifestam no final da carreira, especialmente pelo desejo inicial dos professores, em trabalhar com treinamento esportivo. O que pode ser apresentado nas futuras entrevista sobre o que levou os professores a trabalhar com TF.
Manfro (2018)	Qualitativa Exploratória	O estudo caracterizou o mercado das academias e percepções de carreiras são constituídas pelos profissionais em diferentes momentos de suas trajetórias. O estudo buscou entender como são formadas as expectativas de carreira dos graduandos. Algo muito próximo do farei em minha dissertação, além do mais, o este estudo buscou a trajetória de carreiras dos mais experientes a nível de como foram construídas. Através do que emergiu dos resultados, o autor construiu um novo desenho de carreira, e conclui que independente do formato em que esta carreira acontece, o desenvolvimento pessoal/profissional é constante no que concerne o acúmulo de experiência.
Oliveira (2017)		O estudo teve como objetivo analisar o mercado de trabalho no Município de Sapucaia do Sul e as possibilidades de inserção de um profissional graduado em Educação Física. O estudo

		buscou a teoria a acerca da evolução da Educação Física como campo profissional, sobre sua legitimidade, profissionalização, formação para o mercado e empreendedorismo. O autor conclui que foram encontrados profissionais competentes e capacitados, porém com um mercado que não favorece o trabalhador pela falta de oportunidades e possibilidades de atuação no âmbito da Educação Física no Município de Sapucaia do Sul.
--	--	---

O resultado da busca no Portal de Periódicos da Capes gerou apenas uma produção, sendo um compilado de resumos publicados na Revista Mackenzie de Educação Física, no ano de 2010, que foi descartado por não apresentar nenhuma relação com a presente dissertação. O fato de não ter localizado nenhuma produção que tivesse relação com a dissertação é um indicativo de que estudar tal tema pode vir a contribuir com as pesquisas no campo da formação em Educação Física dentro dessa especificidade.

A importância dessa varredura em diferentes portais de busca reflete a necessidade de localizar estudos que de alguma forma pudessem ter similaridades com a presente dissertação e tal processo indica os graus de ineditismo e originalidade de uma dissertação de mestrado. Como demonstra Cesaro (2012), uma varredura detalhada é de suma importância para a confecção do documento final. Conforme o autor do estudo, a originalidade de um tema não está no fato de ninguém antes tê-lo estudado, o que seria algo inédito, e sim na forma como esse tema é problematizado, na definição dos objetivos e no tipo de análise decorrente desse empreendimento.

Após um período de dois anos, quando realizei a primeira busca para a qualificação do projeto, realizei essa nova busca para analisar se havia alguma nova produção sobre o tema do estudo. Com a busca anterior já realizada, parti nesta etapa do terceiro passo, na qual foi a utilização dos termos chaves nas “ferramentas de busca”. Utilizei os mesmos buscadores, o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da Capes. Estas buscas foram realizadas no mês de agosto de 2020 em ambos os buscadores, com os termos chaves: “treinamento funcional, formação inicial, formação profissional”, foram utilizados as “aspas” e o operador booleano “AND” entre os três termos, novamente sem nenhum tipo de refinamento temporal ou de idioma. Assim como foi levado em consideração todas as produções que tivessem relação direta com a temática pesquisada e que permitissem seu acesso, leitura e *download*.

O quarto passo envolveu a identificação das produções que pudessem ter de alguma forma ligação com a metodologia adotada na dissertação. Os resultados da busca com o Google Acadêmico geraram deste processo um total de **61**

produções, **17** a mais do que a última busca. Destes 17 achados, 13 produções não possuíam nenhuma ligação com o estudo e foram excluídas. Os outros quatro resultados foram divididos em dois grupos: sobre **“formação inicial”** (uma produção) e sobre **“formação profissional”** (duas produções), e ainda uma produção repetida. Não teve a necessidade de separar em grupos. A última etapa, destinada à elaboração do relatório de achados, analisamos a literatura prospectada visando encontrar essencialmente os tipos de abordagem metodológica e agrupando os estudos.

No quinto e último passo foi realizada a leitura das produções selecionadas para a organização de grupamentos temáticos. Procedi com a leitura do título, do resumo e da metodologia de cada um dos estudos localizados nos buscadores.

Quadro 4 - GOOGLE ACADÊMICO – CATEGORIA FORMAÇÃO INICIAL

AUTOR (ANO)	ABORDAGEM	RELEVÂNCIA
Dantas (2019)	Qualitativa	O presente estudo teve como objetivos compreender o trabalho do profissional de Educação Física do NASF de João Pessoa e analisar as colaborações da formação inicial no processo de trabalho, compreender as deficiências da formação inicial do PEF e identificar os principais problemas relativos ao processo de trabalho desses profissionais. Participaram do estudo 14 profissionais de Educação Física que atuam no NASF da cidade de João Pessoa - PB. Os dados foram obtidos utilizando-se grupos focais. O conteúdo proveniente dos grupos focais foi submetido a análise de conteúdo dividida em três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e interpretação dos dados. Os autores consideram que a formação em EF não contempla os conhecimentos e habilidades necessários para o trabalho na área da saúde; os resultados apontam que a formação inicial do PEF se apresenta distanciada da demanda imposta pelos serviços públicos de saúde.

Quadro 5 - GOOGLE ACADÊMICO – CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

AUTOR (ANO)	ABORDAGEM	RELEVÂNCIA
Sachimbo (2017)	Descritivo-exploratória de caráter qualitativo	o objetivo desta pesquisa é caracterizar as percepções acerca da atuação profissional ligada à ginástica coletiva, identificando os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os desafios. Onde encontraram os seguintes resultados: a formação inicial foi reconhecida como um espaço de aquisição de conhecimentos (conceitual, procedimental), no entanto os participantes atribuem as habilidades (planejamento, comunicação, incentivo e gestão) e as atitudes (relacionais, pessoais, profissionais) às experiências profissionais. Teve por conclusão que é necessário repensar muitas questões referentes a formação, o que pode ter muito a contribuir com os meus achados.
Ferreira <i>et al.</i> (2020)	Quantitativa e qualitativa em método dedutivo.	O artigo teve como objetivo traçar o perfil profissional ideal e real dos professores de Educação Física do Ensino Médio que atuam em escolas da cidade de Porto Velho/RO. A amostra foi de 10 professores que atuam especificamente no ensino médio. Foi aplicado um questionário misto com 11 perguntas. O perfil do professor de Educação Física do ensino médio é de um indivíduo que se preocupa com sua formação, tem prazer em atuar na docência de adolescentes, se propõe a resolver pequenas questões relacionadas ao convívio com os alunos. Concluiu-se que os professores pesquisados estão satisfeitos com suas condições atuais e todos possuíam especialização. Este estudo se mostra interessante ao demonstrar que todos os entrevistados possuem especialização, o que demonstra que mesmo com uma formação inicial é importante estar “atualizado” ou se especializar, para atender as demandas de uma escola.

O resultado da busca no Portal de Periódicos da Capes não gerou nenhum resultado desse processo. Novamente, o fato de não ter localizado nenhum achado utilizando os mesmos termos e operadores booleanos, é um indicativo da

importância de se estudar este tema e que este estudo específico pode vir a contribuir com as pesquisas no campo da formação em Educação Física.

Portanto, o objetivo dessa seção se demonstra que a originalidade está na abordagem empregada no trabalho pelo pesquisador, em cada escolha metodológica que se faz, na mesma forma de como cada pesquisador olha e escuta seus/suas colaboradores. Assim como os estudos que possuem semelhanças com esta dissertação podem propiciar o surgimento de novos dados e uma nova interpretação ao campo, colaborando com a movimentação analítica dos achados nas entrevistas e demonstrando uma lacuna de estudos apontando ao tema desta dissertação.

3.2 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL: OS CONCEITOS MOBILIZADORES DA DISSERTAÇÃO

Ao começar minha aproximação às leituras que estavam relacionadas ao processo formativo, buscando, principalmente, localizar textos que me direcionassem ao processo formativo do profissional de Educação Física, acabei me deparando com duas referências: 1) as obras de Maurice Tardif, que estavam vinculadas quase que exclusivamente à formação de docentes para atuação em instituições de ensino; e 2) as obras de Lave e Wenger, vinculadas principalmente a estudos nas área sociocultural.

São estes autores que compõem, principalmente, as bases teóricas conceituais desta Dissertação de Mestrado, e que irei apresentar nos próximos subcapítulos os conceitos teóricos de cada um – Saberes e Formação Profissional e Aprendizagem Situada – e em seguida nas próximas subseções, serão apresentados os principais achados que referenciam tais autores.

3.3 SABERES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Maurice Tardif³² em sua obra “Saberes Docentes e Formação Profissional” (2014), originalmente escrita em francês e posteriormente traduzida para o

³² Maurice Tardif: Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Quebec à Montreal (1979), mestrado em Filosofia pela Universidade de Montreal (1982) e doutorado em Fundamentos da Educação pela Universidade de Montreal (1990). Atualmente é Membro da Sociedade Real de Montreal, Assembleia da Universidade de Montreal, Membro do Comitê de Premiação da Universidade de Montreal, Diretor do Centro Interuniv de Pesquisa em Formato de Ensino e Profissão, Membro da Comissão Canadense de Educação da UNESCO. Professor Titular da Universidade de Montreal. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação e Teorias da Educação e autor da obra “Saberes docentes e formação profissional.” (Vozes, 2002.).

português por Francisco Pereira, trata acerca dos saberes que alicerçam o trabalho e a formação dos professores. Tardif utiliza a pesquisa empírica como base de sua metodologia. O autor defende que o saber não se reduz exclusivamente a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos.

O marco teórico desta dissertação está relacionado com as formulações de Tardif a respeito dos saberes como elementos constituintes da formação profissional, as quais são detalhadas em um de seus capítulos, intitulado “Como é o saber na formação dos professores”. O qual apresenta os momentos em que os saberes abrangem um sentido amplo, englobando os conhecimentos, competências e habilidades. Esses saberes não são inatos, mas construídos ao longo de uma trajetória, ou seja, envolvendo aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber ser (TARDIF, 2014).

Tardif (2014) salienta que na formação dos professores muitas vezes os saberes se baseiam em teorias sociológicas, docimológicas³³, didáticas, pedagógicas etc., as quais, às vezes, foram concebidas sem nenhuma relação com as realidades do ofício do professor. O autor afirma que os saberes são elementos constitutivos da prática, isso representa a afirmação da ideia de que pelo trabalho o homem modifica a si mesmo, suas relações e busca ainda a transformação de sua própria situação e a do coletivo a que pertence.

De modo geral, pode-se dizer que os professores ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, entre os diferentes grupos que atuam, de uma maneira ou de outra no campo dos saberes. (TARDIF, 2014 p.40)

Tardif (2014) ressalta que o tempo de trabalho desencadeia uma série de saberes, como, o saber trabalhar, e, no caso do docente, o saber ensinar, transmitir. Daí a importância de sua experiência para a contribuição na construção do conhecimento. A relação entre o tempo e o trabalho na construção dos saberes indica que toda a práxis social pode vir a ser um trabalho cujo processo de realização desencadeia uma transformação real no trabalhador. Em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador,

³³ A palavra Docimológica (do grego dokimé, "teste") foi cunhada por Henri Piéron em 1920. Trata-se de um ramo de pedagogia que pode ser colocado especificamente entre as técnicas experimentais envolvidas no estudo de sistemas de avaliação, em particular do sistema de atribuição de notas e dos comportamentos dos examinadores e examinados.

pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo consigo mesmo (TARDIF, 2014).

No entanto, os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. Podemos implicar então, que esse processo deixa lacunas no ensino de aprendizagem. Tardif (2014) considera que o desenvolvimento do saber profissional está associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção. Esta ideia reforça a colocação do próprio Tardif (2014) quando chama o saber docente de saber plural, pois não é constituído apenas pela formação técnica, mas também pela prática diária que vai moldando a atuação do profissional da educação, por isso a relevância da boa relação do profissional com os meios de execução do trabalho, que vai desde o ambiente de trabalho até o acesso a informações que permitam a construção cotidiana do saber (pesquisa/conhecimento).

Tardif (2014) consolida a prática educativa como aliada significativa para a formação de saberes específicos e nos mostra o quanto esta prática se dá na pluralidade sendo alicerçada pela arte (talento), técnica (formação) e interação. Fica claro neste esboço que são necessários os hábitos e o capital cultural do profissional para a construção deste “ator” (professor), transmissor de conhecimento, pois contribuirão para a cultura profissional do sujeito. “A prática é como um processo de aprendizagem através do qual os professores e professoras retraduzem sua formação anterior e a adaptam à profissão”. A partir dessa citação é possível afirmar que toda a formação técnica está determinada pelos elementos da cultura na qual está inserida, é sempre influenciada pelos marcadores sociais que atravessam o cotidiano de um determinado lugar em um dado tempo histórico. Desta forma, é importante destacar que os professores que buscam dominar uma técnica profissional com o intuito de apenas melhorar o seu desempenho, não simplesmente “evoluem” profissionalmente pelo domínio da técnica em si, mas também se apropria e transforma, em maior ou menor grau, os conhecimentos subjacentes às técnicas apreendidas, ou seja, é mais do que o aparente domínio instrumental de uma técnica específica produzida por outros. O autor defende ainda que o professor é um “ator” no sentido forte do termo, pois assume sua prática através de conhecimentos próprios assim como saber-fazer do qual ele estrutura e orienta.

Alguns dos conceitos importantes de Tardif que podem ser relacionados a minha pesquisa é a “vida dos professores”, são pesquisas que se baseiam em suas histórias de vida, dando um enfoque aos seus relatos e experiências pessoais referentes aos seus ofícios. Em outro momento é lembrado que qualquer trabalho humano, mesmo o mais simples, só é possível pelo saber e o saber-fazer.

Vinte anos de pesquisa mostram que os saberes dos professores se baseiam, em boa parte, em suas experiências na profissão e em suas próprias competências e habilidades individuais (TARDIF, 2014, p.239)

Sem dúvidas, os saberes experienciais são fundamentais no processo de assimilação e transformação da prática profissional, especialmente no âmbito escolar, mas para Tardif é igualmente importante que a prática profissional também esteja relacionada, de modo orgânico, aos conhecimentos especializados e formalizados. Normalmente, esses conhecimentos especializados estão alicerçados em conhecimento científico e são adquiridos através de uma formação inicial que leva à obtenção de um grau universitário. Os conhecimentos profissionais são majoritariamente da ordem do saber-fazer, mas quando são articulados com conhecimentos teóricos, não necessariamente apenas acadêmico-científico, repercutem de maneira positiva na qualificação profissional do Professor de TF, gerando um tipo de conhecimento muito particular.

A capacidade de um profissional mobilizar saberes de diferentes ordens se percebe no momento em que surgem situações profissionais cotidianas não previstas, que lhe demandam improvisações e adaptações na organização do trabalho, tais como resolver de forma mais esclarecedora os objetivos almejados (o que se pretende transmitir) e os meios para atingir as metas (no caso possíveis objetivos dos alunos de TF). Os conhecimentos profissionais são fundamentos obtidos das teorias que em consequências das práticas tendem a evoluir, pois a sempre novos estudos ou até mesmo a necessidade de aparecer alguma demanda de trabalho que resulte em adaptações e novas compressões, por isso da necessidade de uma formação continuada e contínua. Isso deve levar aos profissionais a se reciclarem através de estudos universitários ou cursos qualificados.

3.3.1 Os saberes docentes de Tardif aplicados a ambientes não-escolares

Para Tardif (2014), a relação da docência com os saberes não se reduz apenas à transmissão de conhecimentos já construídos. A prática docente está

baseada em uma composição de saberes de diferentes origens, um saber múltiplo, constituído por:

Saberes da Formação Profissional: É um conjunto de saberes que se baseia nas ciências e na erudição, são transmitidos aos professores durante o processo de suas formações iniciais ou continuadas. Também se constituem o conjunto dos saberes da formação profissional os conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas e métodos de ensino (saber-fazer), legitimados cientificamente e igualmente transmitidos aos professores ao longo do seu processo de formação prática.

Saberes Disciplinares: São os saberes reconhecidos e identificados como pertencentes aos diferentes campos do conhecimento (no caso do TF, os saberes relacionados às questões biodinâmicas, fisiológicas e cinesiológicas do corpo humano, bem como às demais disciplinas de formação inicial em Educação Física). Esses saberes, produzidos e acumulados pela sociedade ao longo da história, são administrados pela comunidade científica e o acesso a eles deve ser possibilitado por meio das instituições educacionais e estudos já publicados.

Saberes Programados³⁴: São conhecimentos relacionados à forma como as instituições educacionais³⁵ fazem a gestão dos conhecimentos socialmente produzidos e que devem ser transmitidos aos alunos (saberes disciplinares). Apresentam-se, concretamente, sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender e aplicar.

Saberes Experienciais: São os saberes que resultam do próprio exercício da atividade profissional dos professores. Esses saberes são produzidos pelos professores por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço em que trabalham e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. Nesse sentido, “incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus*³⁶ e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser” (Tardif, 2014, p. 38).

³⁴ Tardif (2014) denomina este saber como “saberes curriculares”. Considerando que o objetivo deste estudo não é a análise da docência, adaptamos o termo para “saberes programados”, a partir de uma questão empírica que surgiu no decorrer do desenvolvimento da dissertação: identifiquei que o termo “programa” consiste no conjunto de elementos que compõem os conhecimentos aplicáveis.

³⁵ Neste estudo as intuições são as Academias, Centro de Treinamentos e Estúdios, onde os alunos obtêm “treinamento”.

³⁶ [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações –

3.4 APRENDIZAGEM SITUADA

Lave³⁷ e Wenger³⁸ em sua obra “Aprendizagem situada: Participação Periférica Legítima”³⁹ (1991) (tradução nossa), escrita originalmente em inglês, trata de uma teoria que explica a aquisição de habilidades profissionais por indivíduos participando de uma comunidade de prática. É uma abordagem que busca investigar a cognição em contexto. Na aprendizagem situada o foco é baseado no processo relacional entre a aprendizagem e a situação social em que ela ocorre, seja por meio da formação escolar ou da formação técnica. Segundo Lave e Wenger (1991), “nossa visão atual é a de que a aprendizagem é um aspecto integrante e inseparável da prática social” (p.29).

Este subcapítulo do marco teórico desta dissertação está relacionado às formulações de Lave e Wenger (1991) a respeito da aprendizagem situada como um elemento constituinte da formação profissional, as quais são detalhadas na obra dos autores. Os estudos sobre a aprendizagem situada se iniciam a partir da década de 1980 na antropologia, num período no qual alguns estudiosos dessa área, bem como alguns estudiosos do campo da linguística interessados em estudar a língua como prática social, pois o trabalho apresentado por esses dois autores passava a tratar a aprendizagem a partir da sua relação com os lugares onde ou situações nas

e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] “*habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (BOURDIEU, 1983, p. 65 apud ORTIZ, 1983)

³⁷ Jean Lave é antropóloga social, é Ph.D. pela Universidade de Harvard, 1968, professora Emérita no Departamento de Geografia da universidade de Berkeley, California. Grande parte de sua pesquisa baseada na etnografia concentra-se na reconsideração da aprendizagem, especialmente sobre o tema da aprendizagem. Seu livro mais conhecido como coautor, com Etienne Wenger em Aprendizagem Situada: Participação Periférica Legítima (Cambridge University Press, 1991), traz a investigação da aprendizagem para o campo das teorias da prática e da cognição situada, uma renovação da abordagem sobre os processos de aprendizagem que tem tido desdobramentos tanto teóricos quanto práticos nesses vários campos. Mais informações disponíveis em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Lave Acesso em: 25 jun. 2020.

³⁸ Étienne Charles Wenger é um teórico e praticante educacional, nascido e crescido na Suíça, Wenger obteve bacharelado em Ciência da Computação pela Universidade de Genebra, Suíça, em 1982. Ele então estudou na Universidade da Califórnia em Irvine, nos Estados Unidos, onde se tornou Mestre em Ciência da Informação e da Computação em 1984 e um Ph.D. na mesma área em 1990. Wenger inicialmente se deparou com o conceito de Aprendizagem Situada ao ingressar no Instituto de Pesquisa de Aprendizagem. Onde conheceu Jean Lave e como coautor, publicaram o livro Aprendizagem Situada: Participação Periférica Legítima (Cambridge University Press, 1991). Mais informações disponíveis em: https://en.wikipedia.org/wiki/Etienne_Wenger Acesso em: 25 jun. 2020.

³⁹ Título original: Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.

quais estas aprendizagens ocorriam, ou seja, muito mais preocupados com o processo de interação social que produz a aprendizagem do que nos processos cognitivos e estruturas sociais que dominavam os estudos desse período.

Almeida (2014), em um artigo no qual ela apresenta aprendizagem situada para o público em língua portuguesa, cita que em 1988, Jean Lave fez sua primeira publicação, intitulada “Cognição na prática: Mente, matemática e cultura na vida cotidiana”⁴⁰, que acabou se destacando como a obra que deu início dos estudos sobre aprendizagem dentro dessa perspectiva interacionista. Neste estudo, o objetivo foi investigar o uso da Matemática *in situ*, observando os mesmos indivíduos em diferentes contextos em sua vida cotidiana. Este estudo focalizou, por meio de uma investigação com observação participante, situações que ocorriam fora da sala de aula como, por exemplo, fazer compra no supermercado e o ato de cozinhar. Neste estudo empírico os relatos de ações situadas forneceram descrições detalhadas das atividades e descobrindo formas conceituais que permitissem teorizar sobre a cognição na prática cotidiana, como o ato de fazer pesquisa de preços ou quantidades na hora de preparação dos alimentos. (ALMEIDA, 2014)

De acordo com Lave (2011)⁴¹, durante uma fala sua na Universidade de Berkeley, falou sobre as teorias formais e informais de aprendizagem que são frequentemente focadas apenas em teorias de ensino, currículo ou avaliação e nenhuma delas tem como foco principal o aluno. As teorias formais da aprendizagem, são datadas do início do século XX, e elas não são organizadas da mesma maneira, cada local possui diferente forma de tratar sobre aprendizagem, segundo a autora o conhecimento é produzido nas universidades por produtores de elite em que o ensino é uma questão de transmissão de conhecimento daqueles que sabem para aqueles que não sabem; e que é preciso ensinar para produzir aprendizado. Para Lave (2011) pode haver discrepâncias entre nossas experiências pessoais de aprendizado e no que acreditamos sobre a produção de conhecimento. Da mesma forma, nossas crenças mais informais sobre como a aprendizagem acontece vêm de nossa própria posição embutida nas instituições de ensino.

⁴⁰ Título original: Cognition in practice: Mind, mathematics and culture in everyday life.

⁴¹ Discurso de Jean Lave para o Grupo de Trabalho – “Como os Alunos Aprendem”, em 22 de fevereiro de 2011 na Universidade de Berkeley na Califórnia – EUA.

A teoria, de acordo com Lave e Wenger (1991), se distingue de outras visões alternativas de aprendizagem, sendo mais abrangente do que as noções convencionais de "aprender in situ" ou "aprender fazendo", as quais eram equivalentes. Para os autores os usos do "aprendizado" na pesquisa cognitiva e educacional eram amplamente metafóricos, e para chegarem até a aprendizagem situada, foi necessário reexaminar a relação entre o "aprendizado" da especulação e as formas históricas do aprendizado. Isso os levou a distinção entre teórica educacional e instâncias históricas específicas de aprendizagem. Por sua vez, os levou a explorar o aprendizado como "aprendizado situado" (LAVE; WENGER, 1991).

A aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991) é uma teoria que explica a aquisição de habilidades profissionais por um indivíduo participando de uma comunidade de prática. O que é possível ver no trecho abaixo:

A aprendizagem vista como atividade situada tem como característica definidora central um processo que chamamos de participação periférica legítima. Com isso, queremos chamar a atenção para o ponto de que os alunos inevitavelmente participam de comunidades de praticantes e que o domínio do conhecimento e da habilidade exige que os recém-chegados avancem em direção à participação plena nas práticas socioculturais de uma comunidade. (LAVE; WENGER, 1991, p. 29) (tradução nossa)

Lave e Wenger (1991), quando analisam as diferentes formas de aprender em contextos e situações diversas, defendem a aprendizagem como algo inseparável das práticas sociais, sendo que, para estudar e analisar momentos de aprendizagem, é necessário considerar os aspectos sociais envolvidos em tal atividade. O que nos leva ao sujeito social⁴² e suas experiências oriundas de práticas de aprendizagens diversas, que tornam toda relação com o saber repleta de sentidos e misturam-se em momentos de aprender únicos, destacando a necessidade de um olhar singular para sujeito e em para cada momento de aprendizagem específico, como o momento de aprendizagem na formação inicial.

⁴² Para o autor Dayrell (2003), a definição de sujeito social é tomada com um sentido próprio, sem a preocupação de uma definição, o que dá a entender uma compreensão consensual do seu significado, não se pode falar em um sujeito desvinculando do social. O sujeito social é um ser humano ativo e que age no mundo e que possui uma experiência relativa ao seu percurso; ele se forma e modifica o ambiente e as pessoas com quem se relaciona; é possuidor de desejos, e são esses desejos que os motiva a buscarem mais conhecimento e relações.

A aprendizagem vista como atividade situada tem como característica central a participação do indivíduo em uma dada comunidade de prática situada, Lave e Wenger (1991) caracterizam essa participação como Participação Periférica Legítima (PPL), que significa que os aprendizes vão paulatinamente participando ativamente de comunidades profissionais. O que pode ser visto no processo pelo qual os recém-chegados tornam-se parte de uma comunidade de prática ao serem introduzidos nos rituais de iniciação que demanda domínio de conhecimento e habilidade próprias daquele universo específico, que se dá por meio de observação e trocas de informações sobre os elementos constituintes das comunidades de prática.

Os autores entendem como uma nova perspectiva aprendizagem com PPL. Propõe-se a utilização dessa categoria como descritor da participação na prática social, que configurará a aprendizagem como parte indispensável. a participação periférica diz respeito a estar localizada no mundo social. "Lugares e perspectivas em mudança fazem parte das trajetórias de aprendizagem dos atores, das identidades em desenvolvimento e formas de afiliação" (LAVE; WENGER, 1991, p. 36). Podemos assim concluir que na PPL, a aprendizagem é uma mudança de participação e o processo do sujeito de tornar-se um membro pleno e participante nas comunidades de prática.

A aprendizagem ocorre através de uma participação no currículo de aprendizagem no ambiente da comunidade. Aprendizagem é essencialmente situado, desde modo, um currículo de aprendizagem é, portanto, característico de uma comunidade, o termo comunidade não implica necessariamente em um grupo homogêneo e identificável, ou limites socialmente visíveis. É a participação em um sistema de atividades em que os participantes compartilham entendimentos sobre o que estão fazendo e o que isso significa em suas vidas e para suas comunidades. (LAVE; WENGER, 1991. p. 97).

Lave e Wenger (1991) acreditam que a aprendizagem contextual geralmente não é intencional e ocorre quando os indivíduos estão cada vez mais participando de "comunidades de prática". O iniciante irá adquirir os conhecimentos, comportamentos e crenças estabelecidas na comunidade de prática, o que acontece devido à sua crescente participação na comunidade subjacente à noção de participação periférica legítima e, portanto, de "conhecimento" e sua "localização" no mundo vivido, é crucial e sutil. (LAVE; WENGER, 1991. p. 98)

Uma comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades e mundo, ao longo do tempo e em relação a outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. A comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de um conhecimento, até porque fornece o suporte interpretativo necessário para dar sentido ao seu patrimônio. (LAVE; WENGER, 1991. p. 98) (Tradução nossa).

A participação na prática cultural onde existe certo conhecimento é um começo epistemológico da aprendizagem. Portanto, a estrutura social, as relações de poder e as condições de legalidade dessa abordagem oferecem possibilidades de aprendizagem (ou seja, de participação periférica legítima). (LAVE; WENGER, 1991. p. 98)

Podemos concluir que o conceito de PPL ganha sentido não na definição concisa de seus limites, mas em suas múltiplas conexões teóricas com pessoas, atividades, conhecimento e o mundo. A PPL enfatiza as características contínuas do ciclo de desenvolvimento da comunidade de prática, molda a relação de identidade como um processo gradual de um praticante completo e a tensão permanente inerente à contradição de substituição de continuidade. O conceito mais amplo e de longo prazo do significado da aprendizagem implícito no conceito de PPL inclui a transformação da pessoa, de um praticante recém-chegado para um veterano, cujo conhecimento, habilidade e discurso mutáveis são parte de uma identidade em desenvolvimento - em resumo, um membro de uma comunidade de prática. A atividade de aprendizagem situada foi transformada em participação periférica legítima em comunidades de prática. As comunidades de prática têm histórias e ciclos de desenvolvimento e se reproduzem de tal maneira que a transformação dos recém-chegados em veteranos torna-se totalmente integrante da prática, logo não podemos isolar o termo prática e sim vê-lo em seu conjunto.

Saber é inerente ao crescimento e à transformação das identidades e está localizado nas relações entre os praticantes, sua prática, os artefatos dessa prática e a organização social e a economia política das comunidades de prática. (LAVE; WENGER, 1991, p. 122) (Tradução nossa).

Quadro 6 – Resumo sobre a definição de aprendizagem situada:

Aprendizagem Situada	Participação Periférica Legítima	Comunidade de praticas
Na aprendizagem situada o foco é baseado no processo relacional entre a aprendizagem e a situação social em que ocorre, seja ela em meio a formação escolar ou formação técnica.	Os aprendizes participam das comunidades de profissionais, no processo pelo qual os recém-chegados tornam-se parte de uma comunidade de prática e desenvolvendo conhecimento com o veterano.	Uma comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades e mundo, ao longo do tempo e em relação a outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas.

Fonte: Autor

3.5 A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA INTERFACE DE SABERES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL E APRENDIZAGEM SITUADA

Apresentei na seção anterior os conceitos que são as bases teóricas desta Dissertação de Mestrado, a seguir, nesta seção, irei apresentar os principais achados que referenciam tais autores e que compõem o marco teórico referencial deste trabalho. Apresento abaixo as produções partindo do primeiro grupo de referências em Tardif – Saberes e Formação Profissional e em seguida, no segundo grupo de referências – Aprendizagem Situada com os principais achados que referenciam Lave e Wenger.

Durante o processo de varredura das produções que tratavam sobre formação a partir da perspectiva de Tardif, um dos artigos que me chamou a atenção pelo número de citações⁴³ foi o de Nunes (2001). Nele, a autora desenvolve uma revisão buscando identificar como e quando a questão dos saberes docentes aparece na literatura sobre formação de professores na produção educacional brasileira. Nunes (2001) destaca em sua análise que a formação dos professores por volta da década de 1960⁴⁴ estava mais centrada na transmissão direta de conteúdos e que, mais recentemente, vem ganhando mais protagonismo a formação centrada nos saberes oriundos da experiência proveniente da prática docente. A autora também destaca o “valor” do saber produzido na prática cotidiana do professor, levando em conta toda a história do professor e a sua inserção social, levando em conta que as condições materiais e institucionais da escola podem influenciar nos valores produzidos.

Outro texto que aborda os saberes docentes e formação profissional é o capítulo de livro de Nóvoa (1992), “Os professores e a sua Formação”, que expõe

⁴³ Ao realizar as buscas no repositório eletrônico do Google Acadêmico sobre produções que tratavam de “saberes docentes e formação profissional” apareceram muitos artigos e livros. Estabeleci como critério para o refinamento os artigos que possuíssem maior número de citações, independentemente do ano.

⁴⁴ De acordo com Fiorentini e colaboradores (1998), a formação dos professores passa por avanços ao passar dos anos, ele cita que na década de 1960 o ensino do professor era oriundo de uma valorização quase exclusiva do conhecimento (isto é, dos saberes específicos) que o professor tinha sobre a sua disciplina, na década de 1970, à valorização dos aspectos didáticos-metodológicos relacionados às tecnologias de ensino, deixando em segundo lado o domínio sobre conteúdo específico e na década de 1980 o discurso educacional é dominado pela dimensão sociopolítica e ideológica da prática pedagógica. Segundo Nunes (2001) os anos 1990 foram marcados pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente e dos saberes dos professores.

uma encruzilhada na formação profissional dos docentes portugueses, aborda a desvalorização na década de 1970 nos debates na década de 1990 sobre formação contínua. O texto tenta instruir novas abordagens sobre a formação, tentando fugir das dimensões acadêmicas (áreas, currículos, disciplinas etc.) para uma perspectiva centrada no terreno profissional. O texto procura estimular um pensamento diferente sobre os modos e as estratégias de formação de professores.

Na medida em que me utilizo das teorias de Tardif para analisar o processo de constituição dos saberes de profissionais que atuam fora do ambiente escolar, passei a me dedicar a buscar trabalhos que tenham se valido do movimento teórico-metodológico similar. Um desses estudos é o de Skowronski (2014), que pesquisou o “Programa Academia da Saúde”, e teve como objetivo compreender quais eram os saberes mobilizados pelos profissionais de Educação Física junto aos polos do programa. Nesse estudo, o autor buscou os principais autores da educação, especialmente Tardif (2014) e Gauthier e colaboradores (1998), e identificou algo semelhante ao que encontrei nas minhas varreduras: que os autores que teorizavam sobre saberes eram voltados para a docência. Levando em conta essa constatação, o autor sustenta a pretensão de utilizar os saberes em forma de debate e não sua aplicação ao trabalho na Academia da Saúde. Adaptando, assim, os saberes para os profissionais de EF que trabalhavam com saúde pública. Esse estudo tem uma aproximação muito grande com o presente estudo que estou desenvolvendo, pois, além de utilizar os principais autores da área da Educação, que lidam com a temáticas dos saberes, que são investigadas no processo de formação pessoal dos profissionais de Educação Física que atuam em academias, estúdios e centros de treinamento dedicados à modalidade do TF.

Durante o processo de varredura das produções que tratam sobre formação a partir da perspectiva de Lave e Wenger, surgiram inúmeros artigos, contudo, adotei ao processo de amostragem dos artigos, um filtro pelo número de citações. De acordo com Antonello (2006, p. 205), “estes autores argumentam que o aprendizado sempre ocorre em função da atividade, contexto e cultura no qual ocorre ou se situa.” Para a autora, essa proposição está em nítido contraste com a maioria das atividades que envolvem conhecimento abstrato em sala de aula, e essas atividades estão completamente fora de contexto em circunstâncias específicas. A interação social é uma parte importante da aprendizagem situacional. Entre eles, os aprendizes participam de “comunidades de prática”, essas

comunidades têm certas crenças e definem os comportamentos a serem obtidos. No artigo sobre “Aprendizagem na ação revisitada e sua relação com a noção de competência”, em outro estudo, Antonello (2006), a autora objetivou abordar, discutir e propor uma investigação a partir de uma cuidadosa revisão da literatura sobre a relação da aprendizagem situada com a noção de competência na percepção de universitários que estavam trabalhando e cursando a etapa final do curso de administração. O texto demonstra a importância do contexto em que os indivíduos estão inseridos, dentro da construção de significados para o processo de aprendizagem, e o quanto é importante o cotidiano no processo, o que me possibilita vislumbrar no meu estudo como as situações que ocorrem em práticas no TF, tendo importância para criar vínculo de uma cultura de aprendizagem e que possibilite o desenvolvimento de competências.

Outros textos que abordam a aprendizagem situada relacionando-a com a questão da experiência do trabalho é o estudo de Gudolle (2012), que teve por objetivo identificar e analisar o processo de aprendizagem situada a partir da participação e legitimidade nas práticas de um grupo de trabalhadores de um Pub. A autora concluiu que a aprendizagem dos indivíduos dos três grupos de trabalho: garçons, atendentes de bar e da cozinha, ocorre de forma única, esses grupos aprendem e desenvolvem linguagens, formas de comunicação e práticas peculiares, o que leva a analisar cada grupo de forma individual. Indo na mesma direção, está o estudo de Didier (2008), que teve por objetivo propor uma discussão acerca das contribuições de duas diferentes abordagens da aprendizagem – a aprendizagem situada e a aprendizagem pela experiência – para o entendimento do processo de aprendizagem dos praticantes da estratégia.

Já para o estudo de Flach (2011), cujo foco foi discutir e explorar as contribuições da literatura sobre os processos de aprendizagem informal nas práticas de trabalho de profissionais que atuam nessas organizações de trabalho de âmbito artístico e cultural e que não produzem em escala industrial. Nesse estudo, o autor entende que a teoria baseada em práticas pode melhor contribuir para a compreensão das organizações voltadas para atividades culturais e das artes. Por fim, o autor buscou esmiuçar nesse ensaio teórico um esforço inicial para apresentar a visão da aprendizagem baseada em práticas como uma alternativa para examinar numa outra dimensão as organizações culturais e artísticas.

Outro estudo do mesmo autor, intitulado “A teoria sobre aprendizagem informal e suas implicações nas organizações”, Flach (2010) traz à luz aspectos informais sobre aprendizagem informal e suas implicações no dia-a-dia de trabalho de indivíduos, a partir do momento em que executam tarefas, realizam asserções, resolvem problemas e cooperam com os companheiros e estariam passando por um processo de aprendizagem informal, a partir da interação entre o indivíduo e o contexto. Esse trabalho pode ser relacionado ao presente estudo, pelo fato de que a minha pesquisa foi realizada com professores que estão imersos a troca de informações com outros pares em ambientes socioculturais. Como é possível notar quando o autor relaciona a aprendizagem informal com a situada:

Outro elemento importante para a análise de processos informais de aprendizagem consiste no conceito de aprendizagem situada, que envolve a abordagem teórica da aprendizagem focada na perspectiva social, ou seja, que argumenta que as pessoas aprendem por meio de observação e interação com os membros do grupo social (FLACH, 2010, p. 198).

Assim, o estudo supracitado teve por objetivo explorar as contribuições da literatura sobre a aprendizagem informal nas organizações.

Um dos artigos que me chamou a atenção pelo número de citações foi o estudo de Matos (1999), mas apesar desse estudo se utilizar da perspectiva da aprendizagem situada, a discussão está mais centrada na noção de comunidade de prática, conceito que o autor se vale para o desenvolvimento das análises no âmbito escolar, sobre a prática em matemática. Fugindo de analisar de forma individual o aprendizado e responsabilizar as pessoas pela sua própria marginalização, portanto, a comunidade de prática surge como um forma alternativa que busca de uma via de natureza sociocultural como elemento chave, a ideia de participação em comunidades de prática, insere um esforço de trazer elementos conceituais de áreas como a sociologia e a antropologia para que auxiliem na análise da aprendizagem da matemática. A discussão dos extratos das atividades dos alunos buscou realizar um balanço das potencialidades dessa perspectiva, criando possibilidades de encontrar novas formas de ajudar a explicar como se aprende matemática.

Jean Lave é uma das principais autoras sobre a aprendizagem situada e no artigo “Aprendizagem como/na prática”, Lave (2015) relaciona como o estudo da cultura e da aprendizagem pode ser de particular relevância para o campo da antropologia sociocultural em geral. Fazendo um questionamento sobre o que liga

cultura e aprendizagem e perguntando-se como esses termos estão relacionados. ela destaca que para compreender os dois termos é imperioso analisar o que sustenta o emaranhamento na vida político-econômica do sujeito, assim como suas lutas e disputas históricas, em suas coerências e incoerências, e na produção relacional e histórica da vida cotidiana. Através das lentes da teoria da prática social, os estudos etnográficos sobre aprendizagem na prática oferecem diferentes entendimentos sobre as vidas dos indivíduos, o que pode ser um contraponto bem interessante em estudos sobre esse tema que se valem da etnografia, que não foi a opção metodológica feita no presente estudo.

4 MODULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em suas formações os estudantes de Educação Física têm acesso a materiais que os torne capacitados em TF ou o que os fazem buscar fazer um curso de capacitação? Essa com certeza é uma pergunta muito importante, que para mim faz muito sentido, afinal busquei fazer um curso para estar mais capacitado para o mercado. Porém, busquei neste estudo entender as rotas de formação das pessoas que ficam de frente de muitas outras, profissionais ou estudantes, e passam seus conteúdos, seus saberes, suas experiências.

No presente módulo, desenvolvo a movimentação analítica do material, nas subseções deste módulo, desenvolvo sobre as decisões metodológicas adotadas: tipo de pesquisa, obtenção do material empírico, os participantes da pesquisa, questões éticas e a análise e interpretação dos resultados.

4.1 O TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como um tipo de pesquisa com abordagem qualitativa descritiva. Molina Neto (2010) demonstra que a pesquisa qualitativa é um conjunto de hipóteses e procedimentos com foco principal em descrever os acontecimentos, tendo sua relação atrelada à explicação e à interpretação das relações e vivências de um grupo específico.

Silva (1996) enfatiza que a abordagem qualitativa é uma descrição e compreensão de caráter singular dos eventos e o contexto em que os mesmos fatos ocorrem. A pesquisa qualitativa não se sustenta em um conceito teórico e metodológico uniforme, havendo, pois, múltiplas abordagens que embasam os debates, as discussões e as reflexões referentes à prática dessa pesquisa (FLICK, 2009).

4.2 OBTENÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Para a obtenção de informações foram realizadas entrevistas. Podemos entender entrevista como: um diálogo entre duas ou mais pessoas (entrevistador/es e entrevistado/s). O principal objetivo é extrair declarações e informações sobre determinado assunto. No que se refere à coleta do material empírico, foi utilizado um modelo de roteiro de entrevista semiestruturada (Manzini, 2004), junto com um Questionário Sociodemográfico, que auxiliou na entrevista com a coleta de dados dos entrevistados, formados em Educação Física, atuantes na área do TF, que ministram cursos em centros de treinamento localizados no Rio Grande do Sul. A

utilização de um roteiro de entrevistas semiestruturado proporcionou-me convidar os entrevistados à narração de acontecimentos concretos e relevantes ao tema do estudo, com perguntas mais gerais que buscavam respostas amplas (como pedir para o entrevistado narrar um acontecimento que sua experiência foi importante sob seu ponto de vista) (FLICK, 2014, pag. 117).

Na “preparação da entrevista” foi criado um guia para direcionar a entrevista, foi criado pelo pesquisador em colaboração com o orientador e membros do grupo de pesquisa POLIFES. O guia foi realizado através de perguntas com relação direta aos objetivos do estudo, de forma que abordassem ao referencial teórico e a experiência do pesquisador na área do estudo. Dentro da fase um, os seguintes itens nortearam a elaboração do roteiro de entrevista (Apêndice B): o conceito aos termos “ formação”, “TF”, “Rota de formação” e “ministrar Curso”; episódios: primeiro contato com TF; experiência em ministrar cursos de TF; saberes necessário para ministrar cursos de TF; experiência como praticante e referências de conhecimento. Assim como a elaboração de um questionário sociodemográfico (Apêndice C), que possuiu a função de auxiliar a coletar os dados de identificação dos entrevistados, para ajudar na organização da transcrição, e uso nos resultados a fim de identificar possíveis questões relacionadas a tempo de formação e para arquivamento. Foram utilizados para a gravação o celular do pesquisador, assim como um gravador de marca Sony.

Antes de dar entrada em campo propriamente dito, foi realizado um piloto, a fim de tornar-me mais familiarizado com as perguntas, bem como analisar se o guia daria conta da área do estudo, averiguar a necessidade ou não de ajustes no roteiro, a duração da entrevista e se o entrevistado estaria familiarizado com as questões propostas, como sugere Flick (2014, p.118). O piloto foi realizado com um colega de profissão, que se tornou apto para realização por trabalhar na área cursar uma pós-graduação *Stricto Sensu*. Esta entrevista não fez parte do presente estudo.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A entrevista foi realizada em caráter presencial, todavia, conforme a necessidade dos entrevistados, também foram utilizados meios eletrônicos como o *Skype®* ou outra rede social que fosse possível realizar uma chamada de vídeo/videoconferência.

Os participantes foram profissionais vinculados a espaços que ministram cursos de formação em TF. Foram levados em conta apenas colaboradores profissionais ligados a centros de formação, que ministram cursos presenciais de TF, o que não abrange profissionais que ministram cursos oferecidos na modalidade on-line (EAD), mesmo que situados no Rio Grande do Sul.

Os participantes foram contatados a partir de um levantamento realizado no Google, de forma a localizar os centros que ministram cursos de TF no Rio Grande do Sul. Apenas dois locais se encaixaram no perfil. Após esse levantamento, foi realizado um primeiro contato, num primeiro movimento de aproximação via redes sociais e em outro pessoalmente. Ambos os locais previamente selecionados receberam a Carta de Apresentação (Apêndice D), que tinha por objetivo fazer uma breve apresentação acerca da pesquisa e, assim, descobrir o interesse dos participantes em relação ao estudo proposto.

Foram identificados alguns participantes nestes centros de treinamento, contudo a ideia era trabalhar com 10 (Dez) profissionais. Inicialmente, realizei contatos com todos os possíveis participantes, o que resultou em nove profissionais com interesse em participar. Destes, nem todos responderam de forma rápida a solicitação de agendamento das entrevistas. Dois profissionais só vieram a responder meses depois do início da produção dos dados, e logo em seguida veio a pandemia de Covid-19, o que impossibilitou a realização de duas entrevistas (estão sinalizadas com * no quadro abaixo). Essa situação nos levou a realizar as entrevistas de forma online, por meio de vídeo-chamada, utilizando a ferramenta de preferência dos que aceitaram realizar a entrevista nesse formato: o *Skype*®.

Os entrevistados possuíam algumas características similares: idade média de 31 anos, o mais novo possuía 24 anos e mais velho 40 anos na data da entrevista. Eram oriundos de quatro universidades do Rio Grande do Sul, sendo que seis dos entrevistados eram oriundos de universidades particulares e três de universidades públicas. Nenhum destes ministrantes de curso possuía formação de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*.

Todos os entrevistados estavam formados em Educação Física, atuando como profissionais no mercado de trabalho há pelo menos um ano. O mais antigo atuava há mais de 18 anos, o que resultou em um tempo médio de atuação de 7,3 anos. O tempo de experiência foi em média de 5,3 anos, o mais novo possuía 3 anos de experiência, e o mais velho 10 anos.

Os dados acima foram retirados das falas dos entrevistados, bem como de suas respostas no Questionário Sociodemográfico (Apêndice C). Apresento no quadro abaixo um resumo dos dados dos participantes.

Quadro 7 – Dados dos Entrevistados:

Nome	Idade	Instituição de formação	Possuiu Pós ⁴⁵ ?	Quanto tempo ministra curso	Ano de colação de grau (anos de formado)
Gael	27	UFRGS	NÃO	3	2018 (2)
Betina	31	UFRGS	NÃO	4	2012 (8)
Miguel	24	PUC/RS	NÃO	3	2018 (2)
Olivia	39	ULBRA	NÃO	7	2002 (18)
Arthur	32	PUC/RS	NÃO	5	2017 (3)
Valentim	40	IPA	NÃO	10	2004 (17)
Ben	35	PUC/RS	NÃO	8	2010 (10)
Davi*	25	UFRGS	NÃO	3	2019 (1)
Lorenzo*	27	PUC/RS	NÃO	4	2016 (4)
Médias	31 anos de idade	4 Diferentes		5,2 anos	7,3 anos

**Entrevistas realizadas por vídeo-chamada em decorrência da pandemia do Covid-19. Fonte: Autor*

As entrevistas ocorreram em local de escolha do participante. Caso a entrevista ocorresse no local de trabalho (no Centro de Treinamento), os responsáveis pelo estabelecimento deveriam preencher a carta de anuência (Apêndice E).

As entrevistas realizadas totalizaram o tempo de 3 horas, 47 minutos e 05 segundos de depoimentos. Após a transcrição, cada um dos entrevistados foi contactado para solicitar que os mesmos analisassem as transcrições, permitindo dar sequência ao estudo. Foi realizado contato através de rede social com os nove participantes após um período de tempo, todos deram resposta positiva para as transcrições e assim foi dada sequência ao estudo.

No apêndice G (Quadro 9) há um quadro-resumo no qual se encontram descrições sobre as minhas impressões como pesquisador frente às respostas dos colaboradores.

4.4 QUESTÕES ÉTICAS

Após a banca de qualificação, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os procedimentos foram seguidos rigorosamente, a fim de dar início ao trabalho de campo.

⁴⁵ Pós-graduação Stricto Sensu ou Lato Sensu.

A Dissertação segue as normas da resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, referente à pesquisa com seres humanos.

A concordância do entrevistado em participar da pesquisa ocorreu com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), no qual o pesquisador apresentou e esclareceu os riscos e benefícios da participação na pesquisa.

No sentido de possibilitar a reprodução fiel da fala do entrevistado, as entrevistas foram gravadas, sendo preservada a confiabilidade, o anonimato e a privacidade do entrevistado de acordo com TCLE. O material gravado e transcrito ficará armazenado de forma codificada e com senha nos acervos dos pesquisadores pelo período de 5 anos.

Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes de bebês mais populares no Brasil no ano de 2020⁴⁶, assim como dar ainda maior discrição os nomes dos locais no qual os colaboradores trabalhavam, foi substituído por “empresa”.

Foi dada ao entrevistado a possibilidade de, a qualquer momento, ter acesso às informações obtidas na entrevista e poder, da mesma forma, retirar seu consentimento sem prejuízo algum ou constrangimento.

Tendo obtido a aprovação do CEP, sob o número CAAE 21861919.2.0000.5347 (mais informações em anexo A), foi dado início ao contato com os professores. A entrada em campo contou com a apresentação do pesquisador e da pesquisa para os sujeitos participantes. Cumprindo o disposto na Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional e Saúde (BRASIL, 2016), os participantes foram informados dos objetivos do estudo, dos aspectos éticos e do sigilo de seus dados pessoais.

4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para realizar o processo analítico e interpretativo dos achados foi utilizada a análise temática, que segundo Braun e Clarke (2006), é um método interpretativo de análise de dados. Seu objetivo é a busca de temas nos dados produzidos durante o processo de coleta, através da organização e descrição detalhada dos mesmos, permitindo apresentar e organizar os dados de uma forma rica e sintética. A riqueza

⁴⁶ Fonte: <https://www.maioresemelhores.com/nomes-de-bebes-mais-populares-no-ano/> Acesso em: 21 set. 2020.

da análise temática está na liberdade dada ao pesquisador para buscar significados teóricos e/ou epistemológicos a partir dos temas levantados em primeira análise. Essa técnica de codificação dos achados pode se adequar a diversos tipos de dados qualitativos (entrevistas, grupo focal; diários etc.) e esse foi um dos motivos que a fizeram ser escolhida para a categorização da empiria.

A análise temática pode ser um método que funciona tanto para refletir a realidade, como para desfazer ou desvelar a superfície da 'realidade'. Qualquer quadro teórico traz consigo uma série de pressupostos sobre a natureza dos dados, o que eles representam em termos de 'mundo', 'realidade', e assim por diante. Uma boa análise temática torna transparentes essas características, que em um primeiro momento estavam encobertas por outros elementos, fatos e atores sociais (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para Minayo (2010) indica que empreender uma análise temática requer descobrir os núcleos de sentido que compõem os processos comunicativos presentes nas narrativas; na qual é analisada a presença e frequência de temas, para dar significado no objetivo analítico. Para seguir os pressupostos metodológicos indicados por Minayo (2010), analisei as respostas e falas nas entrevistas que se referiam à questão de rota de formação e os conhecimentos sobre o TF.

Minayo (2010) separa em três etapas operacionais: a primeira é a pré-análise, na qual é realizada a escolha dos documentos que foram analisados, relacionando-os com alguns indicadores que orientaram na compreensão do material. Nessa etapa determinei a unidade de registro (palavra-chave), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientaram a análise (MINAYO, 2010). O mapa categorial deste estágio inicial pode ser visto na Figura 1 (abaixo), na qual foram separadas em três (3) grandes temas e com outras expressões do núcleo de fala dos entrevistados.

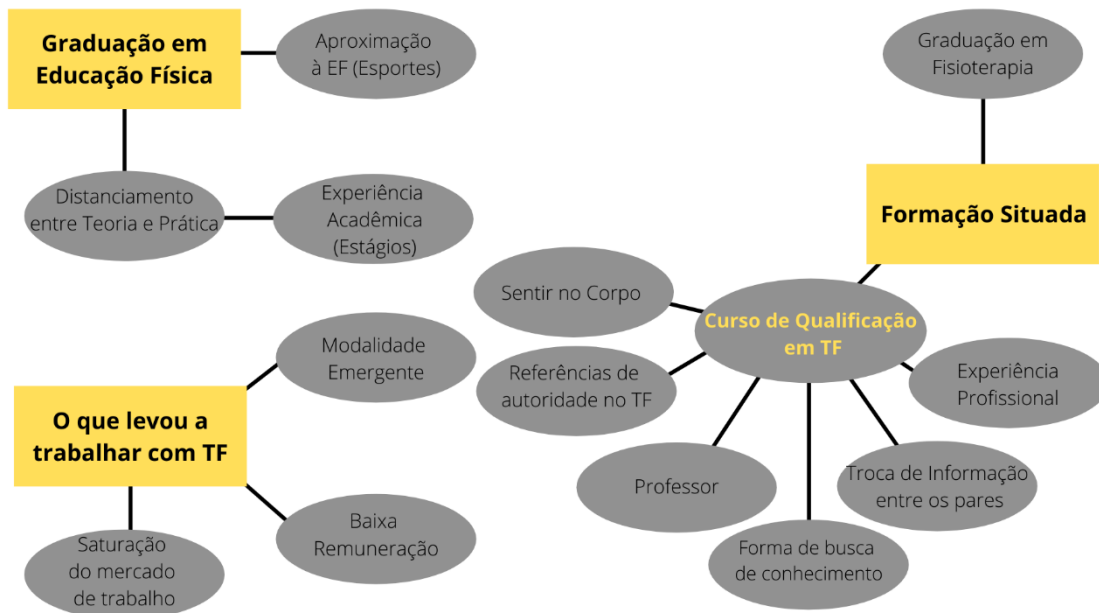


Figura 9 – Primeira etapa da análise temática Fonte: Autor

Para dar sequência na análise dos achados, na pré-análise foram constatadas algumas respostas e falas das entrevistas que possuíam pertinência junto ao estudo, contudo estavam ainda soltas (flutuantes) e foram necessárias novas leituras, e assim foram utilizadas em outros momentos dentro do estudo, criando novas hipóteses e reformulando alguns pontos que eram de conhecimento dos colaboradores. As falas foram de grande importância, dando uma maior ênfase na definição do que era o treinamento funcional, qual o termo era o mais adequado para se referir a eles dentro do espaço de trabalho, assim como fazer uma melhor caracterização, que foi vista na apresentação dos entrevistados acima e no início dos resultados, e não menos importante as referências que eles adotavam para ministrar os cursos.

A segunda etapa é a exploração do material, buscando temas. Nesta etapa foi realizada uma classificação do material, com intuito de alcançar o núcleo do texto, agrupando significados e expressões que surgiram a partir das narrativas dos entrevistados. Nesta etapa foram eliminadas algumas unidades de registros, ou foram agrupadas, o que nos resultou em diferentes códigos nos temas, e originou um mapa categorial. Nele experimentei organizá-los em aglomerados temáticos. O mapa categorial deste estágio intermediário pode ser visto na Figura 2 (abaixo), na qual foram separadas em quatro (4) grandes temas, com o surgimento de um novo tema, que ganhou força e teve suas expressões do núcleo de fala ganhando destaque por apresentarem uma singularidade com a maioria dos entrevistados, e

que se tornou um tema pertinente para apresentar de forma separada a busca de conhecimento por esses professores de TF.

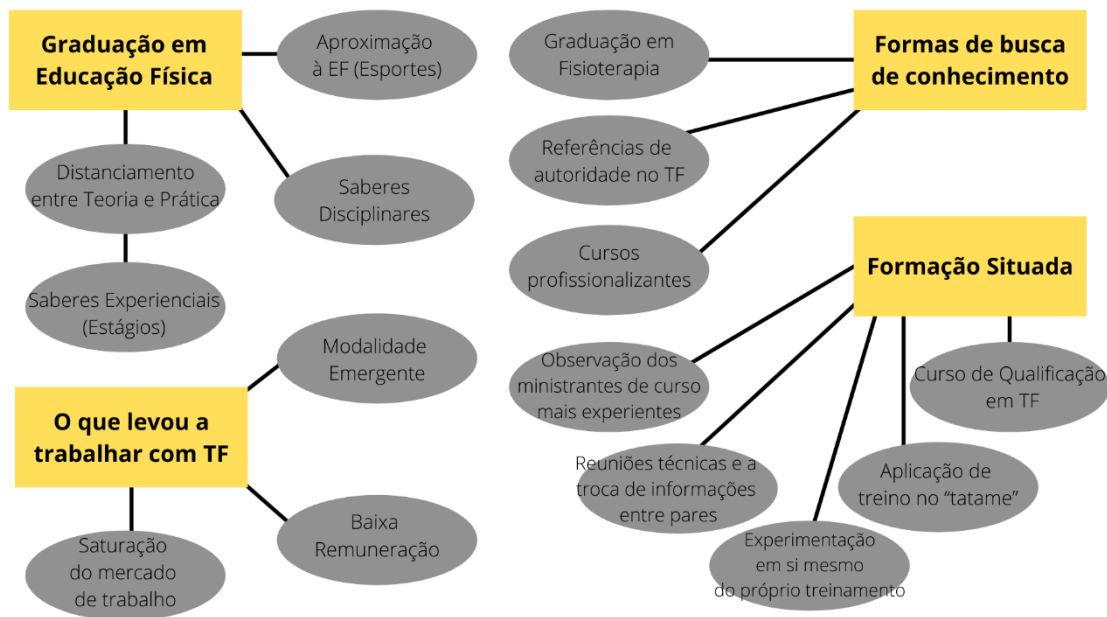


Figura 10 – Segunda etapa da análise temática Fonte: Autor

Na terceira e última etapa, realizei a revisão dos temas, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, relacionando-as com teorias propostas ou abrindo outras linhas de teoria ou interpretação. A principal característica desta fase é o refinamento dos temas, transformando alguns candidatos a novos temas e excluindo os que perderam força na análise. Isso ocorre por não haver dados suficientes para apoiá-los, ou se os dados são muito heterogêneos, o que pode ser visto com a exclusão do tema "O que levou a trabalhar com TF", as expressões e significados desse tema estavam apenas presentes em um entrevistado.

Apresentando os mapas categoriais de forma separada, apresentando na primeira figura a formação inicial destes professores, a forma com os quais buscam conhecimento e na segunda figura a formação situada. A formação situada ganhou muita força na análise, pela compreensão da fala dos entrevistados, no qual

separamos em cinco (5) situações fontes. Abaixo nas figuras 3 e 4 é apresentado o mapa categorial com as teorias de interpretação.

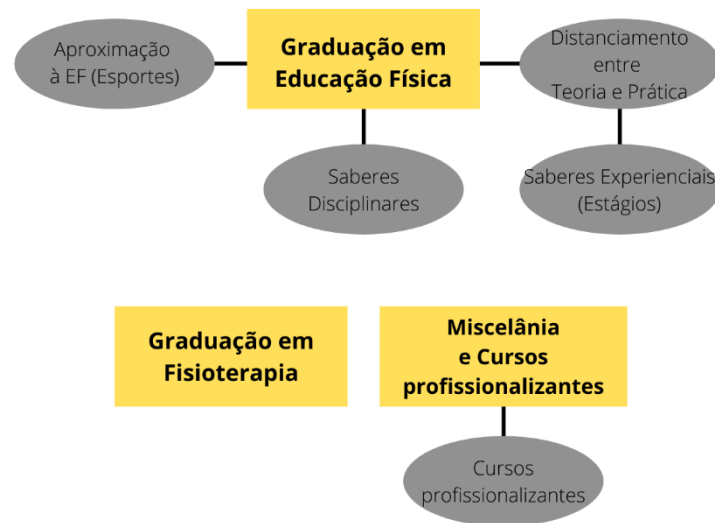


Figura 11 – Terceira etapa da análise temática 1 Fonte: Autor

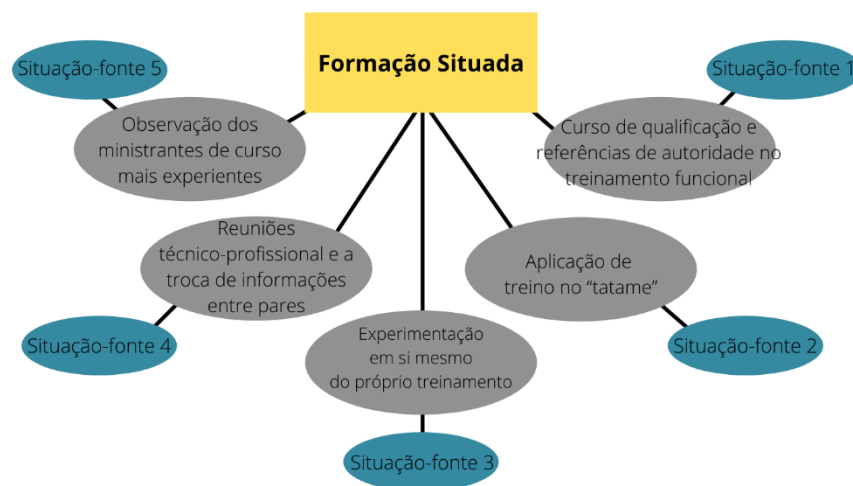


Figura 12 – Terceira etapa da análise temática 2 Fonte: Autor

Na seção a seguir irei apresentar os resultados e discussão, onde retoma-se a caracterização conceitual e referencial abordada no início da dissertação sobre saberes experienciais, disciplinares, da formação profissional e programados com base em Tardif (2014) e aprendizagem situada baseada em Lave e Wenger (1991), para descrever e compreender os saberes e aprendizagem que são mobilizados pelos professores de Educação Física quando ministram cursos de TF.

5 MODULO V – ROTAS DE FORMAÇÃO: PONTO DE PARTIDA, PARADAS E SITUAÇÕES-FONTES

A partir do que já foi apresentado no subcapítulo de análise temática, é possível traçar um percurso na formação dos ministrantes de cursos. Rocha (2017) apresentou em seu estudo uma representação gráfica da trajetória de carreira similar à apresentada aqui como porção final do processo de categorização. Segundo a autora, a progressão nessa carreira é marcada por ciclos, inflexões e tomadas de decisão as quais os sujeitos passam (ROCHA, 2017). Cada um desses diferentes momentos da carreira não ocorre em um dado instante, não são necessariamente planejados previamente em algum momento da trajetória, portanto, apesar de ocorrem em um determinado dia e hora, como uma tomada de decisão sobre fazer ou não um curso de aperfeiçoamento, eles não são estanques, pois decorrem de um conjunto de ocorrências anteriores que levaram a um desfecho em um momento pontual do percurso.

Dentro dessa perspectiva, apresento os resultados buscando estabelecer alguns encadeamentos nas trajetórias dos ministrantes de cursos de TF participantes da pesquisa a partir das entrevistas. Para guardar relação com os autores-chave que dão sustentação à operação analítica, dividi o conjunto de análises em três grandes blocos: (1) “Ponto de partida”, onde apresento de modo geral os que os ministrantes de curso de TF que participaram da pesquisa pensam sobre a modalidade sobre quem nela trabalha; (2) as “paradas” no percurso, nas quais faço relação com as dimensões pré-estabelecidas por Tardif (2014) no que se refere aos saberes que constituem a rota de formação desses professores; e as (3) “situações-fonte”, categorias construídas a partir da inspiração da teoria da aprendizagem situada, na qual os sujeitos participantes da comunidade de prática do TF vão sinalizando um conjunto de situações formais e/ou informais que os levaram da condição de aprendizes à de ministrantes.

Em relação ao primeiro bloco, descrevo o modo como os participantes da pesquisa foram se aproximando e se envolvendo com o TF, como eles definem a modalidade e a situam no conjunto de práticas fitness, bem como as justificativas dadas por eles mesmos para a preferência pelo uso do termo professor para designar o que fazem no âmbito do TF. Na sequência, apresento o segundo bloco, que está dividido em três paradas: a “primeira parada” é referente à seção graduação em Educação Física, na qual destaco as falas referentes ao tempo da

graduação destes professores, o que para eles mesmos representa o início da rota de formação. A “segunda parada” é destinada à apresentação da seção intitulada “Miscelânea de cursos de qualificação”, na qual apresento os cursos e afins realizados pelos colaboradores, afora os de TF, que eles julgaram importantes no conjunto de saberes que hoje mobilizam no processo de preparação dos cursos de TF que ministram, alguns destes cursos, inclusive, ocorreram de forma concomitante à formação inicial. Para fechar esse bloco, apresento a “terceira parada”, referente àqueles professores que apontaram a necessidade de buscar uma segunda graduação como forma de aperfeiçoamento, mais especificamente o bacharelado em Fisioterapia.

No terceiro bloco apresento o conjunto de acontecimentos destacados pelos próprios professores desde os primeiros passos dentro das empresas, partindo da condição de aprendizes de TF até chegarem à posição de ministrantes de cursos dessa modalidade. A seção denomina-se Formação situada, e está dividida em cinco subseções intituladas situações-fontes. A “situação-fonte 1”, refere-se ao início dentro dos cursos de qualificação em TF; a “situação-fonte 2”, aborda a aplicação dos conhecimentos dentro do “tatame”, ou seja, no chão da academia; a “situação-fonte 3”, descreve o processo de experimentação em si das sessões práticas de TF; a “situação-fonte 4”, trata das reuniões e troca de informações entre os pares; e a “situação-fonte 5”, destaca observação das práticas de ensino de ministrantes mais experientes.

Antes de partir para a apresentação de cada uma dessas seções, cabe destacar que ao passo que as categorias foram ganhando corpo fui sentindo necessidade de buscar na literatura materiais que pudessem de algum modo ampliar a operação analítica que emergia do processo de aplicação da análise temática. Encontrei alguns textos muito interessantes nesse processo de busca posterior à construção categorial, que foram mobilizados de forma complementar à literatura base do estudo, pois ajudaram a ampliar o leque de sustentação teórica dos blocos analíticos, mais fortemente no segundo e terceiro, mesmo que estes textos não tenham aparecido no capítulo de revisão.

5.1 PONTO DE PARTIDA: ANTECEDENTES, MOTIVAÇÕES E ENVOLVIMENTO COM TF

Nesta seção apresento, sob a forma de um panorama geral, o modo como os entrevistados se aproximaram do TF, desde as motivações para a escolha da

graduação em Educação Física, passando pelos seus conhecimentos sobre TF. Aqui também descrevo as justificativas dadas por eles em relação à preferência quanto à nomenclatura professor para designar a função que desempenham em suas empresas.

O ponto de partida para estruturação dessa seção foram as primeiras perguntas do roteiro de entrevista, bem como algumas perguntas complementares que foram feitas aos entrevistados no sentido de elucidar algum ponto específico das respostas. Entre as perguntas formuladas, destaco duas delas: o que te levou ao TF? Em que circunstâncias o TF surgiu como uma alternativa na tua trajetória profissional e na vida de um modo geral? As respostas levaram à definição de dois elementos de destaque no processo que os levou a ingressarem no universo do TF: um primeiro, caracterizado pelo prévio contato com o mundo dos esportes – anterior à realização da formação inicial em Educação Física; e um segundo, muito vinculado às questões financeiras e, sobretudo, à ampliação das possibilidades que uma formação continuada em TF proporciona àqueles já habilitados na área da Educação Física.

No que se refere ao primeiro elemento decisório na jornada dos participantes rumo à prática do TF, grande parte deles apontou a identificação nos tempos de infância e adolescência com o mundo dos esportes, oriunda da prática em escolinhas de rendimento ou em grupos de amigos em práticas de lazer. Esse primeiro interesse os levou a escolherem o curso de educação física como primeira graduação. Esse tipo de escolha induzida inicialmente pelo interesse no esporte não é algo incomum entre professores de Educação Física brasileiros, também foi apontada por Giannecchini e colaboradores (2018) em estudo sobre a experiência esportiva como impulso na escolha profissional na área. No caso específico dos nossos colaboradores, o esporte que a maioria relatou ter maior identificação antes mesmo de cursar educação física foi o futebol, como é possível conferir na fala de Ben, Davi, Miguel e Betina:

Enfim, aí acabei escolhendo educação física e acredito que naquele momento, eu então com 18 anos, foi mais uma escolha de.... relacionada a preferências pessoais, por gostar muito de praticar esportes, por sempre ser uma criança, um adolescente envolvido como prática esportiva, caminhou por esse... por esse caminho, por essa escolha. [...]

Entrevistado: Ben

[...] eu comecei na educação física pelo fato de que eu jogava futebol né, então comecei a me interessar por uma parte de treinamento físico em função de eu ser atleta né de buscar ser profissional [...]

Entrevistado: Davi

O que me levou a fazer educação física foi gostar bastante de fazer esportes, nesse início aí a maioria gosta de futebol, principalmente aqui no Brasil, gostava dessa área, queria jogar futebol, mas aos poucos isso foi mudando durante a faculdade.

Entrevistado: Miguel

Sempre fui ligada a área do esporte. Pratiquei tudo o que era esporte desde pequena e eu já entrei com esse foco de ir pra área do esporte mais do treinamento assim em si, como, sempre tive esse foco.

Entrevistado: Betina

Da mesma forma, os entrevistados relataram como o TF surgiu em suas trajetórias de vida. O dilema entre permanecerem vinculados às práticas “tradicionais” da Educação Física e/ou ingressar numa nova modalidade, no caso o TF, está presente nas narrativas de Olívia, Arthur, Miguel, Betina e Ben. De certo modo, as falas convergem para uma insatisfação (e, inclusive, uma baixa expectativa de futuro) com aquilo que até então trabalhavam e lhes havia sido apresentado na formação inicial.

Eu não pude sair completamente, porque a grana que ele tinha pra me pagar era tipo o valor de, eu ganhava sei lá 25 reais, 45 minutos de uma aula de Jump, ele me ofereceu 5 [reais] formada já, mas tipo eu sabia que era uma questão de investimento naquele momento ali né, eu topei só, que eu trabalhava num turno só e continuava na academia tradicional, aí depois comecei a ter mais alunos de *Personal*.

Entrevistada: Olívia

Eu sempre gostei e ainda gosto da musculação, acho que me identifico por esse tipo de trabalho, porém tinha, como te falei, a forma como era aplicada a musculação eu não via muito nexo às vezes, dependendo do perfil da pessoa. [...] para mim funcional antes era borrachinha, Bozu, essas coisas, eu vi que tinha algo diferente por trás disso, me despertou essa ideia de justamente entender o porquê que eu vou passar alguma coisa, ter uma linha de raciocínio melhor, digamos assim por trás do treinamento.

Entrevistado: Arthur

O que aconteceu mesmo foi que eu estava em outra academia em uma época, não trabalhava só com musculação, e me sentia um pouquinho perturbado assim de não ver que estava evoluindo, era estagiário na época e comecei a procurar cursos pra fazer.

Entrevistado: Miguel

Aí foi isso, foi eu busquei o trabalho de TF como uma outra forma de campo de atuação na área. Eu vinha do esporte, gostava muito do que eu fazia, mas eu estava no clube que não tinha muita expectativa e fui pro funcional. Aí conheci o funcional, achei maravilhoso, enfim, sabia muito pouco, então o que eu aprendi no curso foi muito pra mim.

Entrevistada: Betina

E aí eu me formei em 2010 e nesse período de pós formatura eu ainda estava trabalhando com futebol, mas aí comecei a trabalhar em outros lugares para complementar a renda, comecei a trabalhar em academia como instrutor, aí foi [...] naquela época 2008, 2009 me chamava atenção porque era algo que de certa forma era diferente para a época, enfim eu já

vinha vendo algumas coisas na internet sobre TF, o curso da época da GAFF pelo Alexandre Franco do Rio de Janeiro, e ali que me foi apresentado o um conceito TF baseado no Michael Boyle que era basicamente o que o Alexandre passava na época, era um curso muito baseado nos conceitos de Michael Boyle, e aquilo ali teve um impacto para mim profissionalmente, quando eu ouvi ele falando, ele é muito bom professor didaticamente, “Como não tinha pensado nisso antes, como é que eu não aprendi isso antes como é que não ensinaram isso sua faculdade antes”, E aonde eu trabalhava na época, que era um espaço de musculação tradicional, eu já comecei a aplicar o que eu tinha aprendido no final de semana no espaço onde eu trabalhava e o curso do Alexandre da GAFF era um curso de módulos 1, 2, 3, 4, e 5, então fui fazendo aqueles módulos e aí fui cada vez mais me surpreendendo, fui cada vez mais assim tendo conhecimento sobre uma outra forma de se aplicar o treinamento em academia.

Entrevistado: Ben

Para apresentar em que momento surgiu o TF na vida desses professores, questionei-os se quando eles começaram a trabalhar já existia a modalidade TF. A resposta da grande maioria foi de que já existia a modalidade, apenas a entrevistada Olivia em sua resposta disse desconhecer se o TF já existia à época.

A partir das falas dos entrevistados, é possível perceber que o TF tem sido tratado como uma modalidade de atividade física distinta da musculação, cujos objetivos e elementos que o tornam distinto da prática tradicional da musculação e colaboram com sua difusão na atualidade. Há, por exemplo, um grande apelo voltado à prática do TF em espaços não especificados, não se restringindo às academias e centros de treinamento, mas também tomando conta das ruas e parques das cidades. Por conta disso, torna-se importante analisar a fala dos entrevistados que são “experts” no assunto, e assim se possível, analisar o que é visto por eles e que não foi encontrado na literatura.

Duas questões do roteiro de entrevistas ilustram bem o modo como os professores entrevistados localizam o TF no universo das práticas Fitness. Alguns entrevistados relatam que o TF estaria localizado dentro do treinamento físico, tal como é possível perceber nas falas de Olivia, que afirma: “então, pra mim TF é treinamento físico que respeita alguns pontos”, e na de Arthur: “Pra mim é treinamento físico, só que a gente vai ter uma atenção melhor pra questão de movimento inicial”. Na fala abaixo de Betina é possível encontrar mais detalhes acerca desta questão:

Para mim hoje o funcional está localizado em todos os âmbitos do treinamento físico, tanto para atleta, atleta de alto rendimento, atleta amador, atleta de final de semana, para quem não é atleta, idoso que quer dar melhor qualidade de vida, nem precisa ser idoso, mas adulto, jovem adulto, adulto mais nem tão jovem. O TF vai sendo importantíssimo, eu acho que, é um pouco pretensão falar que o TF talvez esteja tomando o

lugar da musculação, não acho que nunca vai acontecer, mas eu acho que a musculação, enfim, todo o “boom” que teve mundialmente, mas acho que o funcional tem capacidade sim de estar todos os âmbitos, de verdade no esporte e qualidade de vida.

Entrevistada: Betina

Contudo dois participantes salientaram que a nomenclatura “Treinamento Funcional” seria uma questão mais de marketing do que de uma especificidade no campo das práticas fitness, uma espécie de “chamariz” para atrair clientes. Após ter os clientes praticando o TF, caberia ao ministrante da prática apresentar a eles o diferencial da modalidade em comparação à musculação tradicional, por exemplo. Esse diferencial - que surge na fala de Ben e Lorenzo como sendo o treinamento *in loco* que é desenvolvido pela empresa - teria como função desassociar a ideia errônea que faz de que esta modalidade é apenas mais um modismo:

O treinamento funcional ele dentro do universo fitness tanto pelo público quanto pelos profissionais eu vejo ele um que quando mal interpretado e um pouco até de certa forma banalizado, [...] as pessoas elas acabam relacionando o treinamento funcional como algo no sentido de aulas coletivas, as aulas com o intuito de alto gasto energético com objetivo de emagrecimento, com ferramentas como borrachas, bolas, elásticos, bases instáveis. Então o TF ele tem esse quadro, esse cenário dentro do mercado, tanto entendido isso pela população como os próprios profissionais e eu vejo o treinamento funcional. [...]o treinamento funcional é uma roupagem para apresentar um serviço que pelo nome já diferenciado para a população, para trazer as pessoas até nós, até a academia até o centro de treinamento, até o curso e a partir daí apresentar o que realmente é o trabalho. [...] o nome Funcional muito mais com o nome mercadológico de apresentar uma nova alternativa, uma nova forma de negócio, uma nova forma de vender algo para as pessoas.

Entrevistado: Ben

E como na fala de Lorenzo:

Na realidade para mim o nome funcional é mais um marketing, na realidade ele está dentro do treinamento físico geral, seja musculação, treinamento envolvendo o aumento das capacidades físicas no geral, [...] é um treinamento físico igual a qualquer outro.

Entrevistado: Lorenzo

Segundo o entrevistado Davi, o TF possui semelhanças com outras modalidades e, segundo ele próprio, seria uma prática “híbrida” por ser possível trabalhar múltiplos elementos junto ao TF. Davi, inclusive, traz em um de suas falas as semelhanças entre o TF e outras modalidades como a musculação e Pilates. Ao relacionar o TF às duas práticas há mais tempo estabelecidas como “famosas” no rol de práticas corporais da educação física, ele adota uma narrativa que vai ao encontro com as falas de outros dois colaboradores, para quem o TF faria parte da musculação:

Eu não colocaria como uma modalidade a parte, [...] a gente trabalha em cima de questões articulares, questões de movimento, não utilizar máquinas; mas eu acho que mais é também da empresa em si, como transmite o treinamento, não vejo como algo fora, uma coisa diferente [...] parte da musculação.

Entrevistado: Miguel

Eu diria que é o TF ele é musculação, eu considero como musculação. Porque tu fazes exercícios de musculação, só tu não usas máquina. [...] as pessoas passam muito tempo sentados, então no momento que tu treinas essas pessoas e a maioria das vezes é sentado, cadeira extensora, cadeira flexora, abdução, voador, tudo quase sentado, tu acabas dando a ela uma postura que ela tá o dia inteiro. Então a ideia é inverter isso.

Entrevistado: Valentim

Na mesma linha, Arthur relata: “Para mim hoje eu já não vejo mais tanta diferença entre musculação, TF ou *Crossfit*, eu vejo tudo como linhas de trabalho, na verdade”. Para este professor, o que “diferencia se é funcional ou musculação é a forma como tu vai organizar sua linha de pensamento, como que tu vai organizar o treinamento pro aluno”.

Apesar de apresentarem justificativas diferentes, foi possível notar que para os participantes o TF tem seguintes objetivos centrais: um deles seria a busca para uma melhor atenção na questão dos movimentos das funções articulares; bem como o resgate das capacidades básicas que são perdidas ao longo da nossa vida, dentro da nossa rotina. Após sanadas tais questões, cabe ao profissional/professor dar sequência aos demais objetivos que o cliente/aluno procura dentro do treinamento, como, por exemplo, hipertrofia, definição, emagrecimento.

Na pergunta relacionada a como eles poderiam definir o TF em uma ou duas frases, há um claro consenso no entendimento sobre o TF, como é possível nas falas abaixo:

[...] o treinamento funcional ele seria basicamente né, a busca, ou melhor dizendo a análise da totalidade do ser, muitas vezes na musculação a gente fragmenta muito e no funcional a gente busca o conjunto [...].

Entrevistado: Davi

É treinamento físico que respeita alguns padrões, algumas funções articulares, que se preocupa com a qualidade de movimento e tem transferência para vida das pessoas, sendo atleta, dona de casa, sendo qualquer à realidade né [...].

Entrevistada: Olivia

Pra mim é treinamento físico, só que a gente vai ter uma atenção melhor pra questão de movimento inicial e depois a gente pode dar sequência pros demais objetivos que todos procuram.

Entrevistado: Arthur

Treinamento funcional ele vai atuar na capacidade básica do corpo, do corpo humano, resgatar as capacidades básicas. Que a gente perde ao longo da nossa, nossa vida e da nossa rotina.

Entrevistada: Betina

Tranquilamente eu te diria que é uma forma de treinamento físico. Com objetivo principal de resgatar os movimentos naturais do corpo humano de forma básica depois tu leva pra outro lado, hipertrofia e tal, mas o princípio é isso.

Entrevistado: Valentim

A definição, para eles, é que o TF é uma busca de estratégia para desenvolver a capacidade das pessoas pela qualidade de movimento, respeitando a individualidade e uma transferência das práticas para a rotina dos alunos.

Anteriormente nesta mesma seção ao mencionar o ministrante das práticas de TF adotei a expressão “profissional/professor”, e ao praticante adotei a expressão “cliente/aluno”. Entretanto, a fala dos entrevistados foi clara: a maioria deles se intitulam “professores” de TF.

Primeiramente, vale ressaltar que a formação em educação física é dividida em Bacharelado e Licenciatura e, muito em função dessa divisão, possui campos de atuação muito distintos. A grosso modo, o Bacharelado está mais voltado à atuação com esportes em geral, saúde e lazer em ambientes não escolares, e é formalmente denominado de “profissional de Educação Física” ou, informalmente, “educador físico”, esta última expressão também controversa. Já o licenciado está mais associado ao trabalho docente em escolas, é a formação mais clássica em Educação Física, e a denominação tradicional é de “professor de Educação Física.

Contudo, essa delimitação do campo de atuação a partir das habilitações tem gerado muita polêmica na área em função do processo de divisão estar demarcado, em grande parte, por uma lógica corporativista, além do fato de que há similaridades da formação no âmbito da graduação dos dois cursos. Não tem sido raro, portanto, encontrar profissionais que trabalham em academias ou em escolinhas de futebol que preferem ser chamados de professor, o que muitas vezes pode ser encarado até mesmo como um posicionamento político contra a lógica corporativista, ou simplesmente uma preferência pela tradição do termo.

Na medida em que esta tem sido uma questão bastante complexa, e também por não haver um termo específico para designar aqueles que atuam na condução das sessões de treinamento funcional, perguntei para os meus colaboradores sobre qual nomenclatura seria mais apropriada para um profissional que ministra cursos

de TF. Entre as respostas, predominou o termo professor, mas também houve quem mencionasse os termos treinador e *coach*⁴⁷.

Três dos entrevistados preferiam ser identificados como professor, pois acreditavam que sua tarefa primordial é ensinar, algo justificado na fala da entrevistada Olivia:

A gente usou uma época treinador, mas eu não desvinculo treinador do professor, porque na verdade a gente não está só fazendo com que as pessoas desenvolvam valências né, elas estão desenvolvendo saúde, elas estão aprendendo a lidar com o corpo elas estão aprendendo muita coisa, e tu é o meio disso, exatamente tu é o gatilho, tu é o que faz o meio campo... então eu não consigo, eu sempre que eu me apresento eu sou a professora Olivia, não consigo pensar diferente.

Entrevistada: Olivia

Os outros dois também acreditam que o termo mais correto seria o de “professor”, porém as suas justificativas são diferentes: um indica que prefere ser chamado de “treinador” durante as práticas com os clientes; mas dentro dos cursos, frente os pares da educação física, se considera “professor”. Há também quem acredita, como o caso do entrevistado Miguel, que o termo professor seria mais adequado, porém o nome treinador segundo ele é mais “impactante”, o mesmo, ainda afirmo que se intitulava professor, mas durante sua fala, afirmou que professor é de alunos/clientes, mas para dar cursos ele prefere ser chamado de treinador, porque os cursos são “teóricos/práticos”.

Dois entrevistados acreditavam que o termo mais correto para se referir a eles no ambiente de trabalho era o de “treinador”, pois seria um termo que englobaria todos os que ali trabalhavam, independentemente do nível em que estivesse.

Quem é estagiário não é professor ainda, mas ele é treinador, então a [Empresa] desde o início eu fiz isso, eu nunca separei: esse é estagiária é a cor verde, essa é professora cor azul... vermelho, não todo mundo é igual. Porque quando meu pai chega para treinar o estagiário vai ensinar meu pai. O estagiário vai ser o professor do meu pai. Então eu não quero que ele seja tratado diferente do professor. Então eu prefiro chamar todo mundo de treinador.

⁴⁷ Coach é um termo de língua inglesa, sua tradução significa treinador (a). É mais utilizado para representar treinadores esportivos, porém, de uma forma mais abrangente, vem sendo empenhada por diferentes profissionais que, mesmo sem ter uma formação específica em termos de nível superior, atuam como treinadores, para pessoas que procuram se preparar ou aperfeiçoar em alguma área específica, em questões psicologias, empreendedoras, etc. Estes são os termos utilizados para denominar os profissionais dentro dos espaços de TF. Neste estudo irei adotar o termo “professor”, pois em minha experiência profissional considero o treinador como voltado à performance, já o professor, mais voltado ensino didático, que é meu foco com a formação das rotas destes profissionais no TF.

Entrevistado: Valentim

Apenas um dos entrevistados mostrou-se indiferente ao termo: para ele não importava ser chamado de professor, profissional ou treinador, pois não via qualquer justificativa em tal distinção. Na medida em que a grande maioria apontou, direta ou indiretamente, professor como o termo mais adequado, passamos a utilizar esse termo para nos referirmos aos participantes desse estudo, prevalecendo a designação “professores de treinamento funcional”⁴⁸. Para Gaspar (2013) e Swirkowski (2018), a legitimidade de ser professor não está atrelada exclusivamente ao trabalho em espaços escolares, pois quando profissional formado em Educação Física está conduzindo um grupo em ambientes não escolares há ali também um componente pedagógico, o que leva muitos dos profissionais a se identificarem como professor mesmo não atuando na escola. Desde que passou a ser possível ofertar o curso de Bacharelado em Educação Física no Brasil, em meados dos anos 1980, as discussões têm sido cada vez mais intensas, e os efeitos na formação e no campo de atuação têm sido inúmeros⁴⁹. No âmbito desse estudo, considere importante apenas contextualizar tais debates para compreender a variedade de designações para quem atua especificamente com treinamento funcional, já que o foco aqui são as rotas de formação que os colaboradores traçaram, tanto dentro de instituições formais como nas empresas nas quais atuam, tomando como ponto de partida a condição de aprendizes até chegarem à posição de ministrantes.

5.2 PRIMEIRA PARADA: GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A metáfora das paradas utilizada como título de cada uma das três partes dessa seção foi inspirada nas formulações de Tardif (2014) a respeito dos saberes que nos constituem como sujeitos profissionais. Como já mencionado na introdução dessa dissertação, esse autor construiu uma classificação na qual é possível localizar a ocorrência de certos tipos saberes: o profissional (conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação), os disciplinares (saberes que

⁴⁸ Há uma série de estudos que tratam desta relação entre professor e profissional (Barros, 1995; Cruz, 2012; Ghilardi, 1998; Silva, 2011), que está intimamente ligada à separação entre licenciatura e bacharelado, por isso nesse estudo irei utilizar o termo atribuído pelos próprios colaboradores.

⁴⁹ Há uma discussão muito forte no campo da Educação Física sobre a relação formação inicial e exercício profissional, mas que não é o foco do estudo. Essa discussão pode ser encontrada mais precisamente por meio do livro Formação profissional e mundo do trabalho, da coleção comemorativa aos 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Organizado por Marta Genú Soares, Pedro Athayde, Larissa Lara. (SOARES *et al*, 2020).

correspondem ao campo do conhecimento correlato e emergem da tradição cultural), os curriculares (diretamente ligado aos programas escolares) e experienciais (normalmente vinculados ao trabalho cotidiano). Na medida em que a noção de lugar é preponderante na classificação Tardif (2014), busquei organizar a partir da interpretação que fiz das falas dos colaboradores os pontos de parada na rota que eles mesmos traçaram em retrospectiva. E a primeira parada por eles apontada foi a graduação em Educação Física, nas quais preponderam os saberes disciplinares.

Para Tardif (2014), os saberes disciplinares são conhecimentos especializados e estão previstos de serem adquiridos através de uma formação inicial. Estes conhecimentos são teóricos, reconhecidos e identificados como pertencentes a um campo específico do conhecimento, no caso aqui a Educação Física, que se encontram acessíveis futuros profissionais por meio das instituições educacionais e estudos já publicados.

As narrativas dos entrevistados evidenciaram que a formação inicial, que representa o início da rota de formação dentro de Instituições de Ensino Superior, foi constituída a partir da experiência obtidas em estágios, disciplinas e, inclusive, nas dificuldades (resolução de problemas) que se apresentaram a estes professores no decorrer da graduação e após a formação concluída.

Na fala de dois professores, Gael e Davi, há um reconhecimento e valorização da formação inicial, dos saberes que foram desenvolvidos na universidade e a importância dos pressupostos científicos que lhes permitiu adquirir maior conhecimento sobre a, e conseqüentemente valorização da, parte prática aprendida junto à instituição na qual trabalham. Para Gael, a parte acadêmica e científica são a base de tudo, e que após entender o marco teórico, com suas implicações nos diferentes âmbitos da atuação em Educação Física, passa a ser mais seguro partir para a prática.

Primeiro mais relacionado com a parte acadêmica, científica mais relacionada com o treinamento físico, parece a parte mais... a base de tudo, aí procurando entender as aplicações disso para a funcionalidade.
Entrevistado: Gael

Davi, apesar de valorizar a base científica na formação inicial, aponta que somente quando o sujeito põe em prática o que aprendeu em aula que os conhecimentos se consolidam, como ele ressalta no trecho abaixo:

bem da parte prática de dar aula, claro que a parte fisiológica e biológica eu aprendi muito na “Universidade” [retirado por questões éticas] né, mas a parte sim prática de observar e corrigir foi tudo lá na [Empresa].
Entrevistado: Davi

Contudo, alguns entrevistados relatam um certo ressentimento com o modo como alguns professores universitários, que também produzem conhecimento científico, trataram o trabalho de quem atua na ponta dos serviços ligados à academia, no caso específico do TF, até mesmo com comentários depreciativos em relação à formação na graduação, dando a entender que tudo o que se aprende por meio da prática é básico e automatizado.

Essa presunção de superioridade intelectual por meio do aprendizado de conteúdos científicos na graduação em detrimento da prática foi tratada por Bossle e Fraga (2016). Esse artigo, fruto da tese da primeira autora, aborda o processo de cientificação da formação em Educação Física, que se desenvolveu no período compreendido entre os anos 1970 e 1990, e mais recentemente ganhou muita força com a valorização da produção acadêmica no âmbito da Pós-Graduação. Esses autores identificaram que nesse período houve uma paulatina transição entre um modelo de formação baseado essencialmente na prática esportiva, que era considerado pouco científico e, portanto, desvalorizado, para um modelo centrado no que eles chamaram de “racionalidade biomédica desportiva”, que passou a pautar o fazer científico e a conferir prestígio acadêmico à área, forçando uma alteração na concepção de formação inicial em Educação Física (BOSSLE; FRAGA, 2016).

O relato de Ben, que segue abaixo, ilustra bem o grau de desvalorização dos saberes advindos da experiência prática:

Aí vai vir, por exemplo, no meio científico existe treinamento funcional, às vezes do cientista, hoje, eles tiram onda e deboçam do treinamento funcional, justamente porque está muito vinculada a isso: exercícios circenses, exercícios sem lógica, sem técnica, sem respeitar princípios básicos da educação física, então eu vejo que TF... eu vejo ele trazendo para dentro da academia, na minha visão, não talvez a visão do mercado, trazendo para dentro da academia o respeito pelos princípios básicos da cinesiologia, da biomecânica, da fisiologia, da teoria do treinamento esportivo, que são princípios básicos do treinamento da educação física que é muitas vezes dentro do ambiente de musculação são deixados de lado, não são bem interpretados, não são colocados em prática, principalmente conceitos básicos de biomecânica e conceitos básicos de treinamento desportivo e de periodização de treinamento. Porque a musculação como ela é ensinada na universidade e é como ela é feita na prática na maioria das academias de musculação é o feijão com arroz entendeu, é o treinho básico da máquina. É o mesmo treino para que a dona Maria faz, as vezes é o mesmo treino que o fisiculturista faz, então muitas vezes não existe uma distinção nisso.

Entrevistado: Ben

A crítica de Ben pode ser de algum modo resumida na frase que já é um bordão da reclamação de estudantes de Educação Física quando se deparam com a prática profissional: “na teoria é uma coisa; na prática outra”, ou ainda, “na teoria é tudo muito bonito; quero ver funcionar na prática”. Para Tariff (2014), os saberes produzidos e replicados em instituições de ensino são, via de regra, saberes fragmentados, que são distribuídos ao longo de diferentes disciplinas de uma extensa grade curricular que trata o conhecimento de modo desarticulado, e que leva ao estudante da graduação buscar por conta própria, e muitas vezes já no ambiente do trabalho, articular o conhecimento científico, as técnicas de ensino e os princípios éticos que devem ser mobilizados no âmbito da prática profissional, elementos que compõe o que Tardif (2014) chama de saberes experienciais, e também o que Marcelo Skowronski (2014) chama, baseado na noção de saberes curriculares de Tardif, de saberes programados.

Esta discussão sobre o distanciamento entre teoria e prática no processo de formação inicial tem sido tema de estudos no campo da Educação Física. Darido (1995), Betti e colaboradores (1996) e Ghilardi (1998), afirmam que para se alcançar uma maior aproximação entre teoria e prática nesse nível de ensino, é necessário que os currículos estejam direcionados para a formação profissional na ponta, ensino reflexivo, privilegiando um conjunto de conhecimentos voltados para o desenvolvimento de competências do profissional de Educação Física ajustado com o campo de atuação, que o auxiliem a construir alternativas para as situações-problema que ele vai enfrentar nos serviços.

Embora não haja um consenso dentro da área acerca do assunto, pois o campo de atuação em Educação Física, especialmente o do bacharel, é muito vasto, alguns autores que tratam dessa questão da formação no que se refere aos serviços de saúde podem nos ajudar a compreender um pouco o problema do distanciamento teoria e prática. Para Oliveira (2015), Carvalho (2016), e Ferreira e colaboradores (2018), a formação em EF não contempla os conhecimentos e habilidades necessários para o trabalho na área da saúde, muito em função do privilégio concedido aos conhecimentos de ordem biomédica, que partem de um pressuposto didático centrada transmissão conteudista de que basta ensinar bioquímica, fisiologia, cinesiologia e os princípios do treinamento esportivo para habilitar o sujeito a trabalhar em qualquer ramo profissional da Educação Física. Em

suma, ao que parece basta ensinar a teoria biomédica que o resto vem com experiência, mas pelo que dizem os entrevistados, não é bem assim.

Outro modo de visualizar o distanciamento entre teoria e prática profissional no que se refere mais especificamente ao TF, é observar o número de cursos de qualificação profissional oferecidos, bem como o número de alunos que se inscrevem neste tipo de curso. A fala de Ben logo abaixo é ilustrativa nesse sentido.

Eu comecei a assumir também os cursos e aí 2016 pra frente 2016, 2017, 2018 e 2019 foi um processo bastante grande assim de transformação. Onde comecei a viajar ao Brasil todo ministrando curso, claro que junto com toda equipe que se desenvolveu dentro desse processo. E cara de 30 turmas em 2016 a gente foi pra quase 100 turmas no ano passado, é bastante coisa [...]
Entrevistado: Ben

A narrativa acima foi extraída de uma resposta que ele me deu quando perguntei sobre o que o levou a trabalhar com TF. É possível notar nesse trecho da fala de Ben que a procura por cursos aumentou vertiginosamente, visto que entre 2016 e 2019 saltou de um total de 30 cursos de qualificação em TF para quase 100.

Em outro ponto da entrevista, esse mesmo entrevistado comenta de forma crítica métodos de cursos de pós-graduação mais genéricos oferecidos por outras empresas, algo que se assemelha à crítica ao distanciamento entre teoria e prática nas salas de aula dos cursos de formação inicial em educação física. O entrevistado, a partir de sua narrativa, ao mesmo tempo em que crítica este tipo de curso mais genérico, procura valorizar e demonstrar a grande vantagem para os profissionais que buscam se especializar em TF.

A gente dá um norte, mostra como a gente faz, eu vejo muito em outros cursos e outras certificações e até mesmo cursos de pós-graduação com a experiência que estão fazendo agora; Os caras falam... falam... falam... rodeiam... rodeiam... rodeiam... mas não mostra como aplicar na prática ou deixar muito vago ou muito aberto. Então a gente mostra de uma forma mais direcionada como aplicar na prática.
Entrevistado: Ben

Outros dois entrevistados também abordaram o problema do distanciamento entre o que há na prática e o que se vê na teoria, evidenciando a falta da experimentação prática na formação inicial, o que pode ser visto no trabalho de Nunes (2006), que já trazia um estudo no qual analisa de forma crítica o estágio docente do licenciado em educação física, confrontando a ideia de “corpos em movimento” e de “educação dos corpos sentados”. Segundo essa mesma autora, o estágio docente é a oportunidade que o estudante tem de vivenciar a prática, antes

de entrar no mercado de trabalho. A autora evidencia a importância do estágio para os professores por proporcionar um componente teórico-prático que permite um alinhamento de ideias, hipóteses e enfrentamentos que do que pode vir a surgir no decorrer dos trabalhos e a proporcionar maior segurança para enfrentar a prática docente.

Esse necessário alinhamento entre teoria e prática, normalmente, tem mais chances de ocorrer em estágios não obrigatórios, quando o estudante de graduação busca, muitas vezes por conta própria, uma empresa para estagiar. Na fala de Gael é possível notar as vantagens que ele aponta em ver na prática profissional uma espécie de certificação do que foi adquirido na vida acadêmica na universidade.

[...] eu conheci o pessoal do time [Empresa], que é muito forte nessa filosofia sobre TF e fui me aperfeiçoando um pouco mais nessa parte prática e não nessa parte na base acadêmica que eu adquiri na universidade, então foi basicamente nesses dois princípios né, tendo uma base acadêmica e depois partindo pro conhecimento da prática junto com o pessoal da [Empresa].

Entrevistado: Gael

Da mesma forma, Olivia aponta que o diferencial dos cursos que ela ministra está na possibilidade do alinhamento entre teoria e prática. O que aparece lá, segundo ela, não fica apenas no papel, pois são tratadas questões que efetivamente serão encontradas na prática:

[...] eu acho que isso é um diferencial dos cursos que a gente faz, assim na verdade tem muita coisa que está escrito tá bonito no papel, mas que na prática realmente não acontece como tá ali, as pessoas são diferentes, por mais que existam estudos, muitas vezes vai ter alguma coisa que né, é diferente assim do que está escrito, então eu acho que esse é um diferencial, as pessoas são diferentes, por mais que existam estudos, muitas vezes vai ter alguma coisa que né, é diferente assim do que está escrito, então eu acho que esse é um diferencial, a gente estuda, mas a gente coloca no teste aqui no dia a dia com nossos alunos né [...]

Entrevistado: Olivia

Como alternativa para “vivenciar mais na prática” o que é apresentado na graduação em educação física, Ben indicou uma solução adotada por ele mesmo: retardar o processo de formação, de finalização do curso, para conseguir usufruir mais dos saberes experienciais propiciados pelas horas de estágio no futuro local de trabalho.

E aí entrei e aí me identifiquei com o curso, me identifiquei com educação física isso lá em 2004, eu entrei muito novo, eu entrei com 18 anos da faculdade e eu fiz, estudei de 2004 a 2010 durante processo de graduação eu retardei um pouco o processo de formação de finalizar o curso, porque durante o processo de graduação eu comecei a me envolver bastante no

mercado de trabalho. Somente a partir de 2006, nos primeiros dois anos 2004, 2005 eu não trabalhei e a partir 2006 eu comecei já fazia estágios, no momento que eu comecei, enfim, foi um caminho sem volta e no período de graduação eu me envolvi bastante com a área esportiva, então fiz alguns na área de escolinha de futebol. Trabalhei bastante tempo na escolinha do Ipanema esportes, trabalhei no Grêmio, trabalhei no Sporting Sul, trabalhei no Porto Alegre, eu tinha uma vontade de ir para o meio esportivo, meio do futebol, enfim principalmente o futebol, mas enfim trabalhar com atleta, trabalhar no meio esportivo.

Entrevistado: Ben

Este processo de retardar a formação evidencia que o estudante está buscando mais conexão entre os conhecimentos aprendidos na graduação e os saberes que advém das práticas, algo que parece ausente na formação inicial, especialmente naqueles serviços fora do ambiente escolar. Para muitos dos colaboradores dessa pesquisa, uma formação mais situada no campo de atuação profissional que eles vão ocupar no futuro é fundamental para a ampliação do repertório de práticas que se ganha com a experiência, algo que qualifica o trabalho do dia-a-dia.

Este sentimento de distanciamento entre teoria e prática manifestado pelos colaboradores dessa pesquisa também foi identificado em outros estudos no campo da educação física, como o de Sachimbombo (2017) e Machado (2017), que evidenciaram tal situação no âmbito específico da atuação profissional ligada à prática esportiva, e também os estudos de Dantas (2019) e Medeiros (2015), que consideram que os conhecimentos desenvolvidos na formação inicial em educação física não contemplam as competências e habilidades necessárias para o trabalho na área da saúde.

Enfim, a demanda trazida pelos colaboradores, bem como os estudos que trouxe para corroborar tal análise, indicam a necessidade de se repensar as estratégias de organização curricular dos cursos de formação inicial em educação física de um modo que haja maior alinhamento entre o que se estuda na academia e o que se faz no mundo do trabalho.

5.3 SEGUNDA PARADA: MISCELÂNEA DE CURSOS DE QUALIFICAÇÃO

Depois de encerrado o ciclo da formação inicial, e já tendo conquistado um espaço no mercado de trabalho no universo fitness, o movimento que muitos desses profissionais fazem é buscar se especializar na área. No caso dos ministrantes dos cursos de TF, esse movimento não se limitou à modalidade que eles trabalhavam, alguns deles buscaram agregar novos conhecimentos em cursos de qualificação

em áreas afins ao TF, especializações, fóruns ou repositórios virtuais ou até mesmo em uma segunda graduação. Eles fizeram (e alguns deles à época da entrevista ainda faziam) essa miscelânea de cursos com o objetivo de enriquecer o planejamento das suas aulas nos cursos de TF que ministravam.

Em diferentes momentos os colaboradores dessa pesquisa deixaram entender que buscavam nesses cursos novos conhecimentos, e não apenas informações sobre as novidades do mercado fitness. É interessante observar que os termos informação e conhecimento, embora estejam interligados, não são sinônimos. De acordo com Chimentão (2006), informação refere-se a tudo aquilo que é disponibilizado às pessoas de forma imediata, ou seja, sem necessidade de uma mediação. E uma informação se torna conhecimento quando o indivíduo que a recebe lhe atribui um sentido, processa-a e a articula com o conjunto de outras informações (CHIMENTÃO, 2006).

Os professores de TF entrevistados consideram que do modo como o mercado de fitness está estruturado, a busca pelo conhecimento é imprescindível para se manter atualizado e não serem superados. Essa busca começa a partir de meios usualmente conhecidos no ambiente acadêmico, como podemos ver na fala de Ben:

Cara, hoje estou buscando voltar a uma pós-graduação que eu iniciei o ano passado, em março. Fora isso busco hoje bastante literatura, artigo nem tanto, eu gosto bastante dos livros que são referências para muitos artigos. Então, gosto de buscar, por exemplo agora estou estudando um pouco... peguei a parte de biomecânica, peguei o livro da biomecânica básica da Susan Hall, peguei o livro de Fisiologia articular do Kapanjdi [...].
Entrevistado: Ben

Ou em repositórios virtuais, como podemos ver na fala de Lorenzo:

Atualmente a fonte que eu mais uso é os artigos né, artigo e livro. E artigo é quando eu falo artigo, é procurar na internet, tipo Google, Researchgate, PubMed e livro que eu particularmente eu gosto mais do livro físico do que o digital.
Entrevistado: Lorenzo

Arthur segue na mesma linha que Lorenzo, e afirma que procura se atualizar buscando acesso a plataformas digitais, como as redes sociais, não tão convencionais para busca de conhecimento, e que, segundo ele, por meio dessas redes é possível fazer uma ligação com outros assuntos e ir atrás de conteúdos para dar embasamento aos achados.

Às vezes o que eu faço, procuro um assunto às vezes nas plataformas mais simples, eu vejo Instagram, Youtube, vejo os caras falando sobre alguma coisa... isso faz eu "linkar" com outros, aí a partir daí eu procuro coisas que realmente tenham embasamento pra isso né, uma maneira um pouco diferente digamos assim.

Entrevistado: Arthur

[...] e como eu falei, eu sou um cara que eu não tenho um perfil de procurar artigo científico, principalmente de ficar lendo, eu acabo ficando entediado, então o que eu faço, procuro tipo nomes, caras que já estão a muito tempo na área de treinamento, fisiculturista, vejo os caras falando, lá eles comentam alguma coisa que seja interessante, e a partir daí eu procuro estudar o que venham a falar sobre aquilo ou procurar outros caras falando e assim eu vou construindo um quebra cabeça.

Entrevistado: Arthur

A partir do supracitado, onde os professores explanam sobre como buscam por conhecimento, através de artigos e meios digitais, outra fonte de conhecimento são os cursos de qualificação em áreas afins ao TF, os cursos podem ser considerados uma alternativa à formação institucionalizada, visto que esses cursos são desenvolvidos no mesmo molde da qualificação em TF. Contudo, por não serem o alvo do estudo, mas estarem presentes na rota de formação desses professores, desenvolvi essa seção para trazer a partir das falas deles as alternativas que utilizam para adquirirem maior conhecimento para aproveitarem em seus cursos.

Identifiquei na fala dos entrevistados a procura por cursos distintos ao TF. Esses cursos, em sua maioria, seriam ligados ao treinamento de força, ao treinamento para populações especiais (por exemplo, para gestantes) e ao levantamento de peso olímpico (LPO). Posteriormente, percebi que essa ligação entre TF e tais cursos se deu muito porque haveria uma parceria entre a empresa que alguns entrevistados trabalhavam e outras empresas que ministravam tais cursos, como é possível observar na narrativa a seguir.

A referência muito forte hoje é a [Empresa], hoje a gente tem um relacionamento com eles, é uma empresa que atua em mais de 50 países, é uma empresa uma escola de força e então todos os conceitos de força, toda a base de treinamento tem ali; que vem da metodologia Russa, da metodologia americana. [...]então hoje a [Empresa], Pavel, esses caras são as referências.

Entrevistado: Valentim

Sim, sim, na verdade a gente tem o curso da [Empresa], que são cursos bem fortes em treinamento de força, então a gente tem acesso a eles direto assim com caras que sabem muito de periodização de treino são referências [...] então a gente tá sempre buscando assim né, dessa parte, eu me interesso também por treinamento para gestantes, então eu tô sempre fazendo um curso paralelo online, alguns professores referência. Então a gente tem total liberdade quanto mais a gente busca melhor, na verdade os cursos eles têm um ponto de partida né, pra ser padrão em

todas as cidades que eles acontecem e com os mesmos palestrantes, mas é óbvio que a gente tem de trazer uma questão.

Entrevistada: Olivia

E dentro desse processo que me ajudou muito foram alguns cursos e certificações que eu fiz dentro desse... desse período, então fiz basicamente todas as certificações da [Empresa], que é uma escola de treinamento americana, que me trouxe, nos trouxe uma bagagem bem interessante didática de como levar para dentro do ambiente de academia de forma simples.

Entrevistado: Ben

Normalmente eu busco mais as nossas referências aqui, bastante coisa da [Empresa] que também é nossa parceira aqui, eu tenho as certificações da [Empresa] que é uma escola que eu gosto bastante também, uso bastante as referências deles no curso que a gente fez. [...] mas saio pra fazer vários cursos, não só de TF, mas também de outros, agora eu tenho entrado bastante na parte do LPO então tenho viajado pra fazer esses cursos[...].

Entrevistado: Miguel

É possível concluir nesta segunda parada, que os meios utilizados para a busca por conhecimentos por estes professores que ministram cursos e bem vasta, são utilizados meios tradicionais como artigos, livros, através de buscadores digitais bem convencionais como Pubmed, Google; e também através de meios digitais que podem soar estranho para o mundo científico, como as redes sociais, que neste caso podem estar associados a pessoas famosas e professores/cientistas, se tornando uma ferramenta de muito alcance digital, mas que mesmo assim para o professor que relatou o uso, a busca para dar embasamento, que foi interpretado como a busca por estudos científicos .

Outra forma que parece para eles bem usual é fazer cursos de qualificação em áreas afins ao TF, que são similares pelos modos que são estruturados aos de qualificação em TF, mas que proporcionam conhecimentos importantes para serem trabalhados dentro dos cursos, o que pode ser visto em Tardif (2014) através dos saberes Programados e no estudo de Ferreira e colaboradores (2020), no qual, demonstrou que para o grupo de professores específico, onde os entrevistados já possuíam especialização, para eles mesmo com uma formação inicial é importante estar “atualizado” ou se especializar, para atender as demandas de possam surgir no trabalho.

5.4 TERCEIRA PARADA: SEGUNDA GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA

De acordo com as diretrizes curriculares para os cursos de Bacharelado em Fisioterapia, mais especificamente o Art. 3º da Resolução CNE/CES 4, de 19 de fevereiro de 2002, o perfil de egresso do bacharel nessa área contempla uma

formação generalista, humanista, crítica e reflexiva que o capacite a atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual. Além do diploma de bacharel em Fisioterapia, o profissional deve obter um registro no Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO) para atuar nesta área, já que a profissão é regulamentada no Brasil. O fisioterapeuta, de um modo geral, é quem cuida da recuperação de pacientes no que diz respeito a possíveis limitações em seus movimentos, atuando tanto na prevenção como na recuperação de lesões musculares.

A apresentação do perfil do egresso do Fisioterapeuta me pareceu pertinente nessa introdução pelo fato de que quatro dos entrevistados afirmaram que estavam cursando ou já haviam concluído a segunda graduação em Fisioterapia. Eles afirmaram que essa opção, apesar de mais longa do que os cursos de especialização, era a que mais lhes dava mais elementos para aperfeiçoarem o trabalho que desenvolviam como professores de TF. Esses quatro entrevistados percebiam que muitas das demandas dos seus alunos nos cursos de TF poderiam ser contempladas com base no conjunto de conhecimentos que o referido curso superior ofereceria, como é possível perceber nas falas de Miguel e Arthur:

[...] também tem a área da Fisioterapia, então eu tô lendo bastante coisa a respeito disso, então tem bastante coisa que a gente acaba agregando ao curso né, se precisar improvisar nas palestras e isso legal que acaba sempre tendo alguma novidade ou alguma coisa diferente “a isso é legal” a gente pode inserir no curso, daí a gente troca uma ideia.

Entrevistado: Miguel

hoje o que está me embasando bastante pra trazer pros cursos é o curso de Fisioterapia, eu to cursando “fisio” e a gente está vendo muita coisa com articulação, musculatura, ao movimento humano, então muita coisa eu trago de lá [...]

Entrevistado: Arthur

No momento em que surgiram essas respostas, passei a questionar mais diretamente se consideravam que o curso de Fisioterapia estaria contribuindo com a função de ministrantes dos cursos de TF.

Ah ajuda bastante. O conteúdo técnico é completamente diferente, não diferente, mas é assim, quando se fala em análise de estrutura de corpo, tecido muscular, de estrutura óssea, enfim qualquer relação miofascial ajuda muito né, então dá uma demanda de informação muito interessante, muito interessante.

Entrevistado: Lorenzo

Além do caráter complementar dos conhecimentos oriundos do Bacharelado em Fisioterapia no processo de aperfeiçoamento da condição de ministrantes de

curso de TF, é também possível perceber uma maior valorização da graduação nessa área por parte dos entrevistados em comparação com o Bacharelado em Educação Física. Lorenzo, inclusive, aponta lacunas em sua primeira graduação que só conseguiu perceber ao cursar a segunda:

[...] eu vejo que tem uma lacuna muito grande entre educação física e Fisioterapia que não devia ter, porque eles são muito próximos né, ainda mais quando a gente fala nessa questão de corpo e uma vai atuar mais um processo de melhorar uma condição e outro quer melhorar uma condição, mas a partir de um processo de lesão, na reabilitação, mas os dois querem melhorar e essa é uma linha que no momento eles tem que se encontrar e eu estava vendo que cada vez mais essa linha não se encontrava. E pela curiosidade em relação a como se trabalhar, a entender todo esse processo acabei migrando para fazer, eu tô fazendo fisioterapia também.
Entrevistado: Lorenzo

Para Valentim, o retorno à graduação, em especial ao Bacharelado em Fisioterapia, está atrelado ao fato de que ele não encontrou o que estava procurando nos cursos de especialização ou de qualificação profissional que fez depois de ter se formado em Educação Física. Ele afirmou, por exemplo, que tal investimento era exclusivamente em função do aprendizado, do conhecimento que lá ele conseguia adquirir, e não apenas por causa de um diploma, ou como ele próprio diz “por causa do papel”.

Depois quando eu voltei fiz alguns cursos, tinha muita pouca coisa ainda naquela época, continuei viajando e depois tentei uma pós aqui em fisiologia do exercício. Não deu. Eu tentei outra coisa e também era muito marketing, tinha muita venda dentro do próprio curso e também não foi. Tentei depois uma pós em TF, mas era uma visão totalmente distorcida do que eu acreditava; então era muito equilíbrio, era muito focado em equilíbrio, borracha e muito menos se falava em força, não se falava isso faz tempo, então já se fala, então eu via que era totalmente contra, então eu não vou por causa do diploma. Eu quero aprender, tô aqui pra aprender, não por causa do papel. Então eu resolvi não, então continuei, tudo o que eu conseguia era para viajar para fazer curso fora. [...]
Entrevistado: Valentim

É curioso observar a justificativa para investir tempo e dinheiro em uma segunda graduação seja apenas pela questão exclusivamente do aprendizado ou para agregar conhecimentos que lhes pudessem dar mais segurança no trata dos assuntos nas aulas dos cursos de TF o próprio fato de afirmar “tô aqui para aprender, não por causa do papel”, traz de forma implícita o valor que o papel, no caso o diploma de Bacharel em Fisioterapia, tem em relação ao diploma de Bacharel em Educação Física tem no universo das práticas fitness. Afora as questões de ordem corporativa entre os respectivos conselhos profissionais, que são muitas e controversas, parece que a formação em Fisioterapia, ou a dupla formação

Educação Física/Fisioterapia, agrega valor de mercado e maior prestígio profissional ao professor de TF.

Essa questão da maior valorização da formação em Fisioterapia pelos estudantes dos cursos de graduação em Educação Física foi tratada no estudo de mestrado de Ana Paula Dahlke (2017), cujo objetivo foi analisar os processos discursivos que levaram estudantes dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física da UFRGS a significarem os processos de saúde-doença muito mais pelo viés biomédico do que sociocultural. Nesse trabalho, a partir das falas colhidas pelo Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, Dahlke chegou à conclusão de que o perfil profissional desejado pelos estudantes do curso bacharelado em Educação Física estava muito mais alinhado com o perfil de egresso do fisioterapeuta do que do licenciado em Educação Física.

Em alguns dos trechos das falas dos estudantes trazidas por Dahlke (2017), é possível perceber que a formação ideal para um profissional da Educação Física seria a grade curricular da Fisioterapia, ao menos aquela do curso oferecido pela UFRGS, e mais algumas disciplinas como treinamento de força e os estágios na escola. Em suma, Dahlke (2017) afirma que esses estudantes consideravam deficiente a formação em Educação Física por haver poucas disciplinas de cunho técnico-científica embasadas nas Ciências Biomédicas, e muitas de caráter sociocultural e pedagógico.

Diante de tal constatação, é possível afirmar que a opção dos entrevistados em fazer uma segunda graduação em Fisioterapia não se resume apenas à fato de que tal curso permitiria mais aprendizado e, conseqüentemente, a ampliação do repertório de conhecimentos para atuarem com mais segurança na função de ministrantes de cursos de TF. É possível perceber que, apesar da alegação em contrário na fala de Valentim – “tô aqui para aprender, não por causa do papel” –, o diploma de bacharel em Fisioterapia parece pesar favoravelmente na balança de valorizações do mercado profissional das práticas fitness.

5.5 FORMAÇÃO SITUADA

As narrativas dos entrevistados mostraram que há um conjunto de situações que ocorrem no chão da empresa e que não estão localizadas em um período de tempo específico, tampouco se restringem aos momentos formais oferecidos ou

incentivados pela empresa. Nesse terceiro bloco analítico, construídas a partir da inspiração da teoria da aprendizagem situada (LAVE E WENGER, 1991), descrevo as situações que cada um dos professores mencionou terem sido fontes de aprendizado importantes, desde os primeiros passos na condição de aprendiz até as aprendizagens que seguiam adquirindo na condição de ministrantes de curso de TF.

Esse “primeiro passo” é dado, na maioria das vezes, a partir da realização de estágios nas próprias empresas que ministram cursos de TF, ou então, algo bem mais difícil de ocorrer, quando o profissional é contratado após a conclusão da formação inicial. Essa segunda forma de ingresso é rara pelo fato de que a experiência prática do estágio no próprio local ainda durante a formação inicial tem grande peso no processo de contratação daqueles que serão para representar a empresa como ministrante de cursos de TF.

A partir do momento em que estão inseridos nessas empresas, eles podem se movimentar e ir atrás de outras formas de conhecimento que estão fora dos cursos de TF. Resumidamente, nesse terceiro bloco condensei as falas dos professores colaboradores desse estudo sobre as situações que surgem ou se desdobram do processo de inserção nos locais onde ministram cursos.

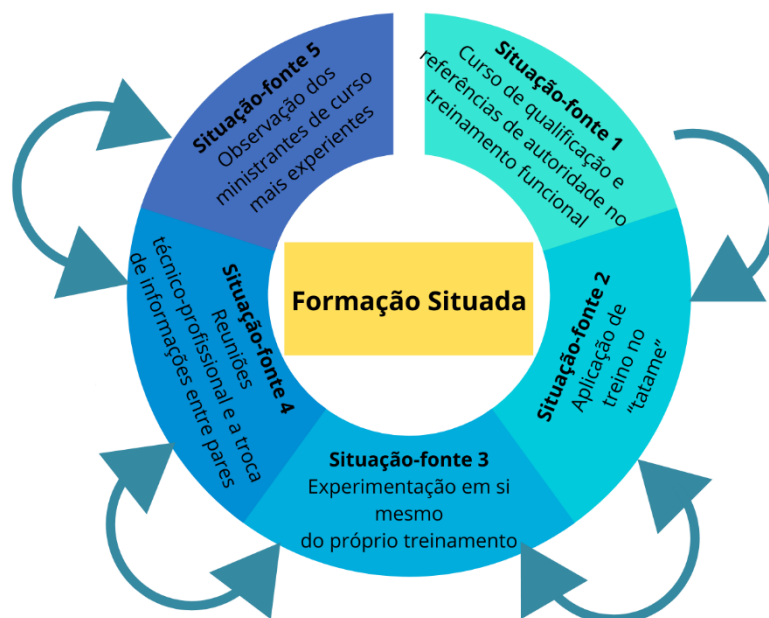


Figura 13 – Situações-fontes Fonte: Autor

A figura acima representa as cinco categorias que emergiram do processo de agrupamento das situações relatadas pelos colaboradores do estudo, a saber: a situação-fonte número um (1) corresponde ao primeiro passo, que seria entrar nas

empresas estagiando ou sendo contratado após ter concluído a graduação, fato que, a partir da fala dos entrevistados, identifiquei que é mais difícil de acontecer. Após esse momento, os professores se estabelecem e começam a ministrar aulas a alunos/clientes, momento que está alocado na situação-fonte número dois (2) “aplicação de treino no tatame”. A situação-fonte número três (3), situa-se no momento em que o professor aplica o aprendizado que obteve nos cursos sobre si mesmo; a situação-fonte número quatro (4) reúne os momentos nos quais o professor participa de reuniões técnicas, cujo objetivo principal é a discussão de estratégias, leituras de novos materiais (artigos, livros, etc.) e a troca de conhecimento entre os pares. Por último, a situação-fonte número cinco (5), na qual o professor aprende a partir da observação dos ministrantes mais antigos, a quem tomam como um “espelho” que irá buscar se ver num futuro não muito distante como um ministrante de cursos de TF.

É importante destacar que as situações-fonte, especialmente as quatro últimas, diferentemente do bloco relativo às paradas, ocorrem na maioria das vezes de forma concomitante: não há uma ordem fixa dos acontecimentos, e muitas vezes elas se retroalimentam, ou seja, elas não são situações estanques e fechadas em si mesmas. Nesse bloco há uma clara referência à aprendizagem situada (LAVE E WENGER, 1991), teoria base que me levou a adaptar e adotar o título de “formação situada” para esta seção, visto que esses professores participam de forma ativa e contextualizada no processo de aquisição e transmissão do conhecimento. Com esse arcabouço conceitual como pano de fundo das narrativas, foi possível evidenciar na fala destes professores como o aprendizado está relacionado ao local de trabalho e é determinado pelo conjunto de situações que surge na imprevisibilidade do “caldo de cultura” laboral dentro das empresas, como é possível identificar a seguir:

Eu aprendi tudo junto da instituição onde eu trabalho né, pelo fato de a gente ter desenvolvido uma metodologia de trabalho própria assim né, a maneira com que a gente trabalha e a maneira com que a gente observa os exercícios eu aprendi tudo lá [...];
Entrevistado: Davi

Bom, acho que é o conjunto que inicia pela... os conhecimentos adquiridos na universidade, na graduação, pois os conhecimentos adquiridos na experiência de mercado de trabalho, experiências passadas que eu vivi como professor no mercado de trabalho. Falta aprofundar os conhecimentos como cursos específicos, workshops, certificações, estudo de Literatura, estudos de artigos. Acho que é uma soma, buscar melhorar aspectos também, não tanto a aspectos técnicos, mas aspectos mais comportamentais de relacionamento que eu acho importante entender as

pessoas, porque o educador físico tem isso, o contato com as pessoas, o saber lidar com as pessoas e lidar com as situações.
Entrevistado: Ben

5.5.1 Situação-fonte 1 – Curso de qualificação e referências de autoridade no treinamento físico funcional

Esta situação-fonte é marcada pelo início da jornada destes professores nos cursos de qualificação em TF. Muitos fazem esse curso após terem se formado em Educação Física com o intuito de uma atualização, e outros começam a fazer concomitantemente ao curso de graduação. Contudo, para entrar nestas empresas e vir a se tornar um ministrante de um curso é necessário, primeiramente, ter sido um estagiário. Esse é o processo mais comum de ingresso, pois a imersão nas empresas nessa condição tem por função sondar à aptidão para o trabalho requerido e, ao mesmo tempo, formar desde cedo dentro dos princípios que regem a empresa. Os relatos mostraram que para fazer o estágio nessas empresas, às vezes, não era necessário ter feito algum curso antes.

Além desses estágios, é possível também ser contratado logo depois de o profissional ter concluído um dos cursos oferecidos pela própria empresa contratante. Os relatos mostraram também que as empresas parecem se sentir mais confortáveis em contratar quem “se formou” num curso oferecido por elas, o que também acaba funcionando como uma espécie de atrativo para a realização dos cursos, pois eles são voltados justamente para esse público, ou seja, candidatos a professores de TF que querem ingressar nesse ramo.

Esses dois fatores iniciais ficam claros nas narrativas de alguns professores. Como, por exemplo, no caso do Miguel, que relata que sua forma de ingresso foi via estágio, ou seja, ainda durante a graduação. Contudo, salienta que o motivo que o fez querer fazer o curso, estagiar e posteriormente trabalhar naquela empresa foi a competência dos professores que ministravam o curso.

Eu fiz o curso eu já gostei, assim, gostei mais da equipe do que propriamente o curso em si, eu gostei de ver os profissionais ali, eu vi que eles tinham todo um modelo de ensino, depois de um tempo eu vi que eles tinham processo de estágio, onde eles buscavam estar ensinando os estagiários e aí eu quis entrar porque eu vi que ia ser diferente, eu ia aprender. Então o que me levou mais ao funcional mesmo foi isso, ver a equipe, gostar, querer fazer parte da equipe.
Entrevistado: Miguel

Já para Gael, que também se vinculou à empresa ainda durante a graduação, o motivo que o fez querer ser efetivado foi a linha de trabalho adotada pela empresa.

Durante a graduação fui fazendo estágio nesse sentido, e pro final do curso na graduação, eu acabei me vinculando a essa empresa de cursos de formação para profissionais, curso de TF enfim, treinamento para esporte e no final disso, no final da formação e acabei permanecendo até hoje nessa linha.

Entrevistado: Gael

Para Ben e Olívia, o processo de efetivação só ocorreu após estarem formados e já terem realizado os cursos, como pode ser percebido nas falas a seguir.

E aí eu me formei em 2010 e nesse período de pós formatura eu ainda estava trabalhando com futebol, mas aí comecei a trabalhar em outros lugares para complementar a renda, comecei a trabalhar em academia como instrutor, aí foi que em 2010 eu resolvi fazer um curso de treinamento funcional, [...] e aonde eu trabalhava na época, que era um espaço de musculação tradicional, eu já comecei a aplicar o que eu tinha aprendido no final de semana no espaço onde eu trabalhava e o curso do Alexandre da GAFF era um curso de módulos 1, 2, 3, 4, e 5, então fui fazendo aqueles módulos e aí fui cada vez mais me surpreendendo, fui cada vez mais assim tendo conhecimento sobre uma outra forma de se aplicar o treinamento em academia. E aí em 2011, surgiu o convite do Valentim para ir trabalhar com ele no estúdio que ele tinha [...]

Entrevistado: Ben

E aí na academia, como ela era uma academia de bairro assim, eu sentia que já tinha atingido o máximo assim, só pra ganhar mais era dando mais aulas e eu não tinha mais horário, então começou a ficar bem complicado, aí conversando com o Valentim ele disse: “vai fazer um curso de treinamento funcional, que é outra ideia...”, aí fiz o curso, aí sai maravilhada assim né, cabeça fervendo aquelas informações.[...] aí surgiu a oportunidade de trabalhar na [Empresa], aí o Valentim precisava de uma mulher na equipe, aí ele me fez uma proposta né. Eu não pude sair completamente, porque a grana que ele tinha pra me pagar era tipo o valor de, eu ganhava sei lá 25 reais, 45 minutos de uma aula de Jump, ele me ofereceu 5 formada já, mas tipo eu sabia que era uma questão de investimento naquele momento ali né, eu topei só, que eu trabalhava num turno só e continuava na academia tradicional, [...]

Entrevistada: Olívia

Como estamos falando sobre o curso de formação em TF, torna-se imprescindível saber se existe alguma característica específica que é necessária para ministrar os cursos de TF. O que foi possível analisar nas falas, é que havia consenso sobre estar atualizado sobre conhecimentos e informações que viriam a ser ministradas, ter experiência prática e confiança nas orientações prestadas aos alunos. Essas são algumas das características que foram possíveis identificar a partir das narrativas, como, por exemplo, as que seguem:

Eu acho que sim, está ali na frente pra falar com profissionais é um tanto quanto desafiador né, tu tens uma experiência diferente e ali as pessoas estão pra trazer informações e agregar conhecimento. Então eu acho que uma das características, não falando da parte técnica, mas sim dessa mais

de exposição é isso, o cara tem que ser humilde, simpático e tem que passar confiança.

Entrevistada: Olivia

Eu acho que tem que tá vinculado na área do treinamento... tem que tá imerso na prática, eu acho que tá imerso na prática é uma característica importante e também tem que ter uma base teórica... assim... robusta, pra ti conseguir permear em meio às dúvidas dos alunos... enfim toda essa lógica que as duas coisas se complementam.

Entrevistado Gael

Então tem que ter esse jogo de cintura e tem muito conteúdo muita bagagem. Isso que eu faço "Fisio", isso ajudou bastante, a minha prática esportiva desde pequena. Me ajudou. Dá para usar também. Então o professor para dar curso tem que estar sempre em busca de conhecimento, para conseguir além de não conseguir dar uma, ter bagagem para conversar com os alunos, um jogo de cintura e outros também né.

Entrevistada: Betina

Acho que primeira coisa, não sei se seria uma característica, mas seria dedicação, que tu precisa ter um tempo... tirar um tempo pra se dedicar aquilo ali, procurando material, pra sempre está trazendo coisas diferentes pra dentro das palestras e confiança no que tu tá fazendo, Claro que pra ter confiança tem que ter conhecimento, ambos caminham juntos.

Entrevistado: Arthur

Eu acho que o cara tem que estar sempre se atualizando, isso não dá pra deixar de lado, essa questão do estudo, se algum momento eu ouço algo de um colega meu, eu não sei o que é, eu preciso ir atrás de conhecimento, de fontes, e a gente tá sempre recebendo fontes, o nosso material está sempre mudando constantemente a gente precisa saber o que está mudando ali, então essa parte do estudo ela tá. E quem tá ali iniciando no curso é quando tu mais buscas estuda pra tá ali, porque tu vai estar nervoso, tu não vai ter ainda aquele domínio que a gente tem depois, aquela calma que dava, é diferente, mas tem que ter.

Entrevistado: Miguel

A partir do conjunto de narrativas alocadas nessa situação-fonte, é possível perceber que para ser um professor de cursos de TF é preciso, primeiramente, envolver-se como aluno dos próprios cursos, quer seja na condição de estagiário, que obrigatoriamente precisa fazer o curso, ou na de profissional formado que faz o curso para entender a linha de trabalho da empresa na qual pretende se candidatar a uma vaga. Há uma espécie de currículo laboral oculto que todo o sujeito precisa passar para chegar à posição de ministrante de curso de TF.

Essas primeiras experiências nos cursos e capacitações oferecidos pelas empresas, ou a ela vinculados, levam os futuros professores de TF a terem contato com aqueles que são considerados profissionais referência de autoridade no TF. "Figuras notórias" nessa área de conhecimento específica, e que são assim considerados por deterem expertise não apenas na modalidade em foco. Muitas dessas referências de autoridade mencionadas pelos colaboradores dessa

pesquisa embasavam as aulas nos cursos de TF que eles ministram desde o tempo em que eram alunos.

Alguns dos nomes por eles elencados coincidiam com aqueles que trago no Módulo II dessa dissertação, especialmente os autores ou celebridades do ramo que são de fora do Brasil, tal como é possível notar na fala de Davi e na de Olívia transcritas abaixo:

[...] utilizo praticamente o Boyle foi um dos pioneiros assim e trago também alguma questão do Kettlebell, daí junto com Pavel Tatsuline, é mais o Pavel mesmo, que ele foi o difusor do Kettlebell na América né.

Entrevistado: Davi

Mike Boyle, Gray Cooke, Lee Burton, hoje o Fábio Zonin também se torna uma grande referência, O Pavel Tsatsouline, McGill, Paul Check falando do centro do corpo. A gente lê muito esses caras.

Entrevistada: Olívia

Quando perguntei sobre a existência de alguma referência de autoridade no cenário nacional, a resposta do Davi foi a seguinte: “nacional não, de treinamento funcional eu não procuro muito muita coisa na literatura não”. Essa fala de certo modo representa o quão atravessado está o universo das práticas fitness pela cultura norte-americana, pois mesmo que haja o reconhecimento do trabalho realizado por professores que eles tiveram nos cursos de qualificação, como pode ser notado na fala de Miguel mais acima, a referência de autoridade está muito centrada nos autores de língua inglesa. A influência é tão forte que até mesmo a busca por cursos ministrados em inglês fora do país está no horizonte de formação dos colaboradores, como é possível notar em dois trechos da fala de Valentim abaixo; e outro de Ben, logo na sequência:

Eu tive que tomar a decisão: ou eu ia fazer uma pós-graduação na fisiologia do exercício, treinamento de força, enfim, algumas coisas assim, ou eu ia viajar para fora para entender o que eu estava fazendo fora o que já existia no tal do treinamento funcional, o “Funcional Training” já existia. Eu faço uma pós aqui ou viajo para tentar abrir a minha cabeça, minha mente? Eu tomei uma decisão de viajar, eu fui para fora, fui para os EUA e lá eu consegui, fiz um curso lá, vários na verdade, mas o primeiro foi onde eu... cara, lá tem uma academia que é um espaço de mil metros quadrados, sem uma máquina; aí tu via crianças, idosos, adolescentes, atletas todos treinam no mesmo espaço, fazendo coisas iguais, com algumas diferenças, eu: cara isso aqui funciona, é legal e um troço cheio de gente..[...]

Entrevistado: Valentim

Durante muito tempo a gente tem muitas, várias referências; aquelas que tu ouve, esse primeiro curso por exemplo foi com Michael Boyle, lá em Boston, muito legal, mas que é a referência ainda, mais com o tempo tu vai se tornando crítico também de algumas coisas. Então tu Show, legal, mas aqui não, não acho que é tão legal. Aí tu pegas aquilo de outro cara e

acha isso show, isso não é tão legal, então tu vai juntando e montando teu quebra-cabeça, teu portfolio digamos assim.
Entrevistado: Valentim

Ano passado passando, ano passado não, em 2018 fui estudar nos Estados Unidos, então eu estudei um mês nos Estados Unidos em inglês e também algumas coisas específicas da área e é isso, eu acho que o cara tem que buscar por exemplo áreas de interesse, Bom o que eu me interesse? A eu gosto disso, me interesse por isso, quais são as referências nessa área? São essas... essas... essas... Então eu gosto de buscar referências da literatura de livros, mas também cursos presenciais, sentar lá como aluno e escutar.
Entrevistado: Ben

Ao perguntar sobre profissionais brasileiros referência de autoridade no TF, Olívia destacou os seguintes:

José Antônio Carlos Gomes, ele é um cara que trabalha com alto rendimento [...]. Tem o Bosco que fala de treinamento de alta intensidade, são caras que a gente lê bastante assim.
Entrevistada: Olívia

Analisando esta fala de Olívia e anterior a esta, dá para notar a desproporção entre as referências internacionais (9) e as nacionais (2). Na varredura que fiz em sites de buscas, e que se encontram no Módulo II da dissertação, essas duas referências nacionais citadas pela Olívia, além de Fabio Zonin citado na fala anterior dessa mesma entrevistada, não foram encontradas.

Outro elemento que surgiu nas falas foi sobre profissionais brasileiros referências de autoridade que não atuam diretamente com TF, e sim com práticas fitness mais “tradicionais” como a musculação. Ou seja, os entrevistados conseguem absorver o conhecimento de outras áreas da educação física e do treinamento, filtrar e aplicar em suas rotinas de TF e nos cursos por eles ministrados, como atesta Arthur na fala transcrita abaixo:

[...] vou te contar um negócio, eu já li Gray Cook, [...] Belmiro de Salles [...]. Kapandji é um que eu estou lendo agora, esse é da fisioterapia, [...] pelo menos eu sinto bastante um cara que está na prática, eu respeito muito cara que tenha teoria, mas pega... tipo treina, tem alunos, tem coisas que aí tu consegues fazer um book...
Entrevistado: Arthur

Arthur traz três referências em sua fala, apenas uma que listamos na seção do módulo II: “profissionais de referência do treinamento funcional”. Ele cita referências advindas de sua nova formação em Fisioterapia, algo que ele procura associar com o “saber-prático”, e que não se limitem apenas às “vivências em laboratório”, ou seja, não busca respaldo apenas nos teóricos do treinamento que detêm reconhecimento para além das fronteiras nacionais.

Miguel e Gael, para minha surpresa, mencionaram como referências de autoridade profissionais locais em meio a figuras de renome internacional. Betina, por sua vez, acrescenta como referência dois profissionais que são da fisioterapia, tal como pode ser observado abaixo:

as minhas referências são os professores daqui da [Empresa]. [...] então eu gosto de dizer que eles são as minhas referências: Olivia, Mauricio, Ben, Valentim todos esses
Entrevistado: Miguel

Tiago Proença, Alexandre Franco. Eu tenho o Fábio Zonin, Brad Jones, Gray Cook, Pavel Tsatsouline como uma referência. Aí eu tenho algumas outras referências como por exemplo o Antônio Carlos Gomes.
Entrevistado: Ben

Hoje eu tenho muita referência, mercado a [Empresa] é uma referência bem grande, outros são dois "Fisios", que é o Tiago Fukuda [...], Natália Bittercourt e Michael Boyle
Entrevistada: Betina

[...] Eu vejo o Boyle sim como uma referência, mas a gente tem também as referências do dia a dia que são importantes, [...], que é o Leonel Villeroy, que ele tem uma abordagem bem interessante que também é baseada no Boyle.
Entrevistado: Gael

Para Lorenzo, suas referências são baseadas em sujeitos influentes na área da preparação física. São nomes nacionais e internacionais, sendo duas referências diferentes dos demais e que não aparecem na seção módulo II: “profissionais de referência do treinamento funcional”, como se nota no trecho a seguir:

[...] gosto de Antônio Carlos Gomes, eu gosto do Renato Massafferri que são brasileiros, mas também gosto de cara de fora [...] Verkhoshanski [...].
Entrevistado: Lorenzo

A fala de Valentin traz apenas um novo nome que não aparece na seção anterior, contudo, em sua fala é referenciado apenas profissionais internacionais.

Tu vais pegar livros do Michael Boyle é um dos primeiros a dar o nome de treinamento funcional. Tem o Alvin Cosgrove que é da antiga performance e é da Exos hoje, que é um cara que também se disseminou muito esse nome TF; tem vários, Paul Check que são caras que a gente sempre ouviu e Brad Jones que é da StrongFirst que é do FMS; Gray Cook que é do FMS.
Entrevistado: Valentin

Por meio dessas narrativas e indicações é possível perceber que a porta de entrada para o processo de qualificação dos profissionais que pretendem se tornar professores de TF são os cursos de qualificação da própria empresa, quer seja como estagiário ou logo depois de formado, uma condição quase obrigatória. Além

disso, é por meio desses cursos que um grupo de profissionais de referência de autoridade em TF, e de áreas afins, passa a ser mais conhecido e valorizado pelos ministrantes. São profissionais renomados dentro dos cursos, mas pouco reconhecidos no campo acadêmico, este último um lugar normalmente mais atento àqueles que compõem o rol de citações em periódicos científicos bem ranqueados, pouco lidos por quem atua nos serviços vinculados ao universo fitness.

5.5.2 Situação-fonte 2 – Aplicação de treino no “tatame”

A “aplicação de treino no tatame” surgiu a partir da fala de três entrevistados no que se refere ao trabalho do dia-a-dia no chão da academia: cursos, treinos e aulas. A expressão “no tatame” se refere ao trabalho sobre o tapete de EVA que é usado para cobrir o piso dos espaços destinados às atividades práticas de TF, pois são materiais emborrachados que trazem maior proteção e algum conforto para as diferentes posições e movimentações requeridas pelo TF e/ou outras modalidades com grau de exigência física similar. Com isso, quero sinalizar a importância da experiência prática que os próprios colaboradores destacaram em suas falas, algo considerado por eles fundamental antes de que eles comecem a ministrar os cursos de TF.

Nesta parte, reúno algumas falas que evidenciam esse tipo de experiência, que é absolutamente singular no trabalho que eles desempenham. Uma frase de Olivia ilustra bem o valor dessa situação: “[...] a gente estuda, mas a gente coloca no teste aqui no dia a dia com nossos alunos né [...]”. Nesta mesma linha, Betina relata em dois momentos a importância da experiência adquirida com a aprendizagem do método “no tatame” não apenas no início da carreira, mas também como um meio de manter a forma e perceber as possíveis alternativas no processo de produção das aulas dos cursos de TF que ministravam.

Durante dois anos assim eu trabalhei no tatame, como o que a gente chama, atendendo aluno e aprendendo esse método.

Todo nosso curso é embasado muito na prática, da prática do professor com o aluno. [...] porque é assim, no curso tu tá ensinando os professores a dar aula, é um método de treinamento, [...] faz o exercício como corrigir isso ou não, então a prática tem, e o Davi que é o meu principal parceiro ali de dar curso, ele tem muito essa prática de tatame, ele trabalha no tatame a mais de cinco anos [...], eu uso muito ele para isso, práticas do dia a dia que vão ajudar. Para nós é fundamental, o professor que, até quando a gente busca outros professores da empresa para ajudar nos cursos a gente pega quem tem mais experiência e domínio de dar treino, mas isso com certeza.

Entrevistada: Betina

A partir das narrativas acima é interessante perceber o quão importante é a aplicação de treino no tatame, pois o professor está inserido em um ambiente onde tudo acontece, onde as aulas, os treinos e os cursos de TF materializam. Quanto mais tempo de tatame, portanto, mais oportunidades para observar e analisar os cenários de prática e, a partir desse contexto, criar novas práticas em seu trabalho para aprimorar o próprio aprendizado e dos seus alunos. Como podemos ver nos estudos de Miyake (2016) e de Coutinho (2015), é imprescindível pensar a formação profissional e complementar dos professores com base na prática que será obtida por meio das experiências vivenciadas no estágio/trabalho. Para estes autores, uma vez inserido em um ambiente relevante a sua futura atuação, o professor tem aumentadas as possibilidades de se qualificar profissionalmente, abrindo oportunidades para até mesmo propor novas práticas em seu trabalho a partir das experiências desenvolvidas.

O desenvolvimento profissional mais marcante, conforme Matias (2013) e Silvano (2018), acontece ao longo do estágio profissional, o que demonstra que o fator experiencial aliado tanto à formação inicial quanto à continuada é importante para o êxito profissional, pois é nesse cenário formativo que o processo de socialização com seus pares acontece.

Arthur e Ben agregam outra função importante na utilização do tatame. Para eles, como identifiquei na narrativa abaixo, o tatame é como um “laboratório de testes”, que apoiado em literatura acadêmica, é um espaço que tem potencial de validação das práticas ali aplicadas.

Sim, eu acho desde o início não só dos cursos, todo desenvolvimento que teve a prática foi muito importante e a prática em sala de ensinar os alunos depois de ensinar os alunos do curso também né, esses dois lados é super importante, a gente costuma dizer que aqui é nosso laboratório a gente coloca tudo em prática, vê o que dá certo e o que não dá certo e passa lá nos cursos. Então eu acho que tem muita coisa que aconteceu aqui que a gente dá de exemplo nos cursos para ensinar também pros caras como agir, como lidar.

Entrevistado: Miguel

Eu acredito que, como estava conversando ontem, acho que a grande vantagem de um profissional fazer o curso que nós ministramos, é que a gente faz um filtro da literatura, da ciência e esse filtro a gente faz, a gente leva para um laboratório, uma “clínica”, que são nossas academias e disso a gente leva para o curso. Então a gente mostra para eles no curso a nossa metodologia de trabalho baseada nesse filtro que a gente fez da literatura, da ciência baseada em nossa validação ou na prática nas nossas academias e leva pro curso e apresentar para eles, [...] e se ele quiser pegar e na segunda feira ao sair do curso e aplicá-lo, é exatamente o que a gente está dizendo para eles, eles podem fazer.

Entrevistado: Ben

Esta mesma característica da “testagem” observada nas falas acima, também aparece na fala de Valentim, que ressalta o fato de a experiência deles em ministrar cursos está relacionada aos mesmos professores responsáveis por ministrarem as aulas para os alunos/clientes.

Então, a gente tem duas academias onde a gente testa as coisas. A gente faz as tentativas de alguns protocolos de algumas coisas lá. Se não der certo a gente não passa pros cursos se der sim, e aquele mesmo cara que aplicou, que testou, que dá aula do dia a dia às sete da manhã, ele é o cara que dá o curso, é o mesmo, não é uma equipe de curso onde o cara não dá aula. Então, praticamente todos, fora um ou dois, que deram desde o início da [Empresa] e hoje estamos somente no curso, mas a grande maioria é o cara que está dando aula é o cara que está dando curso [...].
Entrevistado: Valentim

O que leva o professor a adquirir experiência na aplicação de conceitos de TF, além do que pode emergir destas aulas pela imprevisibilidade dos acontecimentos, são as situações que o professor precisa resolver, visto que tudo que emerge deste “laboratório de testes” no atendimento aos alunos/clientes é compartilhado entre os pares, discutido e posto em prática na hora de ministrar os cursos, bem dentro das características da aprendizagem situada (LAVE; WENGER, 1991). De acordo com Sanders e colaboradores (2017), quanto mais conhecimento, experiência e compreensão dos fundamentos científicos, melhor será a aplicação do TF aos alunos/clientes.

5.5.3 Situação-fonte 3 – Experimentação em si mesmo do próprio treinamento

Ao passo que eu mesmo sou um praticante de exercícios físicos, vivenciei várias vezes o TF em meu próprio corpo, entendo que a parte prática de experimentação é muito importante, pois ajuda a identificar um conhecimento corporal que é único. Na educação física é importante a experiência corporal, ter vivenciado o que está sendo ministrando. Por exemplo, só quem já experimentou em si mesmo um exercício de TF sabe onde a sensação do estímulo ocorre em determinadas execuções de movimento, só quem já vivenciou aquilo sabe o que é “provável ou improvável” de se sentir. Com o aprimoramento, com a maior experiência em si mesmo, é possível melhorar a técnica, sentir o movimento agindo no “local certo”, e assim ensinar/orientar da forma correta. Essa parte é possível ver na fala de seis entrevistados, que acreditam que permanecerem em prática seria de suma importância para ministrar cursos.

Eu não vejo como fazer diferente, não que seja obrigado a estar em sala o resto da vida entendeu, pra ministrar um curso que eu já tive experiência, mas é aquilo que eu te falo, a gente estuda, a gente lê, a gente cria ali um conceito, traz algumas ideias, mas no papel ele é perfeito, só que no dia a dia eles são diferentes, [...] tudo isso vai influenciar na decisão ali do dia da hora do treino, então, a experiência nossa...pra mim é 80 por cento.

Entrevistada: Olivia

A primeira coisa é tu aplicar em ti aquilo que tu está aprendendo para depois ensinar os outros e depois cara é não ter medo... não ter medo de errar, é muito difícil dar curso assim para profissionais, tu não está dando pra leigo, são para pessoas que estudam, que tão ali na faculdade, elas se formaram no curso [...] Então a forma como tu aplica em ti, tu sabe onde é que estão os erros comuns. Fica muito mais fácil de saber aonde que a pessoa vai errar. Qualquer pessoa que trabalhe treinamento, de musculação, Pilates, o que for é a mesma coisa, se aplica para tudo.

Entrevistado: Valentim

Sim cara auxilia muito, pelo fato de que dentro do treinamento né tu tá experienciando em todos os sentidos né aquele movimento, sei ela, ou exercício que tu vai passar o que tu vai transmitir né, então até isso é uma coisa que a gente leva muito lá dentro é que os professores eles tem que treinar, eles tem que tá treinando dentro do método cobrando o que a gente cobra dos nossos alunos né, porque facilita o entendimento do professor e ele vai poder transmitir de uma forma muito mais objetiva e muito mais clara e ele também vai saber o que que o aluno tá passando naquele determinado momento. E quando se trata de um professor que vai ter que explicar pra que serve aquele exercício, ele já ter feito aquilo ali, vai saber diferenciar pequenos detalhes que vão trazer muito mais conteúdo para explanação dele, para explicação dele.

Entrevistado: Davi

Para Arthur, além da sua prática de TF, ele desenvolveu muito do seu conhecimento a partir da prática da musculação, que envolve o treinamento de força. Ele indica que essa experiência o auxilia ainda mais na prática do TF.

[...] mas te digo que muito que o próprio tempo de musculação me ajuda a ministrar os cursos, porque tudo que a gente traz nas palestras são práticas, tem a teoria por trás de tudo isso, mas é a nossa experiência prática. A vai falar sobre treinamento de força, vai falar sobre programação de treino, nada mais é do que a gente faz no dia a dia, então basicamente tudo o que eu faço durante meu dia, durante a minha atividade, a minha prática, na verdade me auxilia lá pra conseguir ter mais propriedade de falar.

Entrevistado: Arthur

Totalmente eu acredito, o palestrante de TF está lá muitas vezes ensinando o exercício, quanto melhor tu dominar aquelas técnicas, de certa forma mais confiante, mais seguro tu tá para passar aquela informação, porque é algo que domina, que tu treina, que tu faz, que tu ensina no dia a dia em teus alunos.

Entrevistado: Ben

O fato do cara ter essa questão da prática, auxilia em todo momento, porque te dá uma bagagem, te dá uma certa segurança e até para o pessoal que tá vendo tu falar, tu não é só o um cara conceitual, tu é um cara prático, então fica claro isso, assim as pessoas conseguem visualizar essa diferença, eu acredito que é isso.

Entrevistado: Lorenzo

A experiência prática retratada pelos professores de TF colaboradores dessa pesquisa compõe um conjunto de saberes muito específicos, mas de grande impacto na rota de formação de cada um deles, apesar de serem saberes difíceis de serem explicados e transmitidos fora do contexto no qual ocorrem.

Para tentar traduzir em palavras o tipo de saber aí gerado, González e Fraga (2009) em texto referente à disciplina de Educação Física no Referencial Curricular do Rio Grande do Sul, cunharam a expressão conhecimento de “carne-e-osso”, que talvez seja a mais apropriada para definir o tipo de saber descrito pelos entrevistados nesta situação-fonte. Para estes autores, a expressão saberes de “carne e osso” faz alusão à competência específica, originada pela experiência corporal, que gera uma possibilidade singular de o aluno apreender a manifestação corporal tematizada naquele material. Ainda de acordo com González e Fraga (2009), essa expressão está de algum modo conectada com o conceito de “se-movimentar” elaborado por Elenor Kunz (2008). De acordo com o verbete do Dicionário Crítico de Educação Física (GONZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P, 2008.), o conceito “se-movimentar” abrange três dimensões: o ator, a situação e o sentido/significado que é atribuído nessa relação. A fala dos entrevistados contrasta com a dimensão da “situação”, visto que ela diz respeito não apenas ao ambiente físico, mas, também ao contexto social e cultural no qual as situações concretas relativas ao movimento são realizadas e influenciam diretamente nos atores em questão.

Outro estudo que ajuda a compreender a dimensão dessa situação-fonte no processo de aprendizado desses professores é o de Antonello (2006) e o de Valmor e colaboradores (2011). Esses autores, cada um a seu modo, demonstram a importância do contexto em que os indivíduos estão inseridos, dentro da construção de significados para o processo de aprendizagem a partir de fontes formais e informais de aprendizagem.

5.5.4 Situação-fonte 4 – Reuniões técnico-profissional e a troca de informações entre pares

As trocas de informações entre os pares fazem parte da comunidade de práticos (LAVE; WENGER, 1991) do TF. Nas narrativas surgiram falas interessantes sobre a importância de contextualizar entre os pares os saberes construídos sobre exercícios físicos, estudos sobre treinamento e dúvidas das mais diversas ordens

que surgem na prática profissional. Essa situação-fonte está muito relacionada com a situação-fonte seguinte, cujo foco é a observação dos mais experientes em ação nos cursos, pois a partir do que foi observado há espaço para que eles possam conversar e ajustar o que precisa ser alterado. No entanto, as narrativas indicam que esse movimento de “reavaliar” e trocar informações em reuniões técnicas é um momento bem singular do processo formativo dos que ministram cursos de TF, de modo que as falas denotam a importância dessa situação.

[...] os professores fazem cursos, a gente vê que dentro da sala muitas vezes as coisas não acontecem como a gente esperava que acontecesse, então a gente sempre, principalmente os mais antigos que são os líderes dos cursos que o Valentim chama né, a gente se reúne, a gente conversa sobre exercícios, estrutura, conceitos que precisam ser definidos ou não e se chega num consenso. [...] leituras de artigos, todo esse processo, a gente está bem... sei lá... alguém acha um artigo interessante a gente se reúne para trocar uma ideia [...]

Entrevistada: Olivia

Então os saberes que eu fui desenvolvendo, foi muito do que já tinha do método que eu aprendi com dois profissionais mais antigos, que criaram o método, desenvolveram, então muito do que eu aprendi com eles, muito do que aprendi na prática, inclusive na prática de atendimento das pessoas o que eu via, o que dava certo, o que não dava certo.

Entrevistada: Betina

Cara, a gente tem uma apostila né, a gente desenvolveu uma apostila e junto do Gael a gente embasou ela toda cientificamente, e aí o Gael ele acaba sendo coordenador científico, então ele nos passa alguns materiais, a gente lê e a gente vai se aprimorando nesse sentido e é como eu disse, a nossa base ela foi sempre em relação ao que a empresa desenvolveu ali né, então a gente tem hoje artigos que nos ajudam a embasar o que a gente fala.

Entrevistado: Davi

Já, eu tenho um amigo meu, que eu o chamo de meu mentor, o cara que é o Fabiano é o nome dele, o cara é muito amigo meu e sempre me passou muita informação, a gente sempre teve muita troca de informação. [...] Então eu já tinha uma noção bem interessante e fazendo o curso depois, me facilitou muito né.

Entrevistado: Lorenzo

A fala de Lorenzo – “muita troca de informação” –, remete ao conceito da aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991), especialmente quando os autores falam sobre a troca de informações que ocorre nas comunidades de prática, assim como na fala de Betina – “aprendi com dois profissionais mais antigos” –, remete à aprendizagem através da participação periférica legítima (PPL), um dos conceitos-chave da aprendizagem situada (LAVE; WENGER, 1991). É possível fazer tal associação pelo fato de que, na concepção de PPL dos autores citados, os aprendizes participam das comunidades de profissionais por um processo pelo qual

os recém-chegados vão se tornando parte de uma comunidade de prática pelas “beiradas”, e vão se aproximando do centro por meio do domínio dos signos que são partilhados com os veteranos da empresa. É possível encontrar associação similar no estudo de Paixão (2016), que demonstrou que uma das formas pelos quais os professores buscam adquirir conhecimentos é pelo contato entre os professores formados há mais tempo, que se responsabilizam com a discussão de leituras de artigos, capítulos de livros e sites que abordam o tema.

O estudo de Antonello (2006) e Gudolle (2012), contrasta com o que Davi fala sobre o aprendizado que se desenvolve a partir de troca de informações em reuniões técnicas relativas aos cursos oferecidos pela empresa, além de que a aprendizagem ocorre de forma única, esse grupo aprende e desenvolvem linguagens, formas de comunicação e práticas peculiares. Conforme Antonello (2006), os aprendizes participam de “comunidades de prática”, que têm certas crenças e definem os comportamentos a serem obtidos, o que se associa ao seguinte fragmento de Lave e Wenger (1991) sobre a aprendizagem situada:

As intenções de aprender de uma pessoa passam a ser incorporadas ao processo de significação da aprendizagem, que se configura por meio do engajamento pleno de um novo participante à uma prática sociocultural. Este processo social inclui a, ao mesmo tempo em que se encontra subsumido na aprendizagem de habilidades de se manter atualizado (LAVE; WENGER, 1991, p. 30) (tradução nossa).

5.5.5 Situação-fonte 5 – Observação dos ministrantes de curso mais experientes

Da mesma forma que a situação-fonte anterior, essa também surge a partir da interação com os pares. Enquanto a anterior se dá a partir de reuniões técnicas, conversas e instruções, essa decorre, principalmente, do processo de observação dos mais experientes, que se tornam referência para os aprendizes, ajudando-os a se localizarem e a decodificarem o modo de funcionamento dos cursos na empresa. Para o aprendiz de professor de cursos de TF, a atenção e o acompanhamento dos veteranos nesse processo inicial são decisivos para os futuros passos dentro da empresa, como é o caso do Miguel retratado na fala de Olivia logo abaixo:

[...] Hoje está vindo uma galera nova pros cursos, por exemplo, o Miguel é um cara que está começando o processo, mal ou bem eu acabo sendo a referência deles ali, então eu tenho que aprender como também deixar as coisas fluírem, mas não perder o controle, no sentido se a informação está sendo dada ou se faltou alguma coisa, se o aluno perguntou uma coisa e o professor tentou responder e ainda ficou na dúvida, então meu papel hoje dentro do cursos também é ajudar essa galera a desenvolver.

Entrevistada: Olivia

O que foi possível extrair das narrativas dos entrevistados de um modo geral é que não existe um passo-a-passo para ser um ministrante desses cursos: não há uma cartilha, nenhum manual de “como ministrar cursos de TF”. Entretanto, as narrativas agrupadas nessa situação-fonte convergem para o seguinte fato: não há como seguir adiante sem observar os mais experientes em ação, ou seja, ministrando cursos de TF, como é possível perceber na fala de Lorenzo logo abaixo:

Olha cara foi muito na prática mesmo assim, porque na [Empresa] a gente não tinha na época nenhum processo e ainda não tem, a gente não tinha nenhum processo de formação de palestrantes sabe, a gente via o pessoal que já estava mais tempo o Valentim, o Ben e a Olívia que são os coordenadores, os outros colegas que estavam começando a palestrar mais tempo e a gente ia pegando um pouquinho de cada.
Entrevistado: Lorenzo

Em algumas entrevistas é possível notar que a condição de observador dos ministrantes mais antigos não é passiva, é preciso também participar ativamente (estar próximo fisicamente) nos cursos, auxiliando na parte prática que ocorre em diversos momentos. Lorenzo afirma que não há nenhum passo-a-passo dentro da empresa, mas que seu processo de evolução foi observando e tentando pegar dicas com o pessoal mais antigo da empresa.

O Valentim dava os cursos sozinho e começou a ter uma procura muito absurda assim, e eu e o Ben já participamos desses cursos por vontade própria assim, tu tá aprendendo, tá tendo contato com outras pessoas e aí, a demanda ficou muito alta e o Valentim disse: “olha vocês querem trabalhar comigo, me auxiliar na parte prática né, nas correções”, porque a gente já fazia isso no dia a dia, então a gente entrou na parte dos cursos assim, como auxiliares dele, no processo aonde a gente não intervia na parte teórica, mas a gente auxiliava nas correções de movimento, na parte prática, a gente demonstrava exercício pra ele explicar e foi acontecendo, então aí depois, quando ele percebeu que a gente tinha um pouco mais de confiança e também mais né... enfim... condições de assumir uma pequena parte mais teórica, também ele nos passava, nos assistia, nos passava feedbacks.
Entrevistada: Olivia

Na medida em que o novato vai adquirindo mais confiança, o veterano vai lhe atribuindo novas funções. Nesse processo, é possível perceber como se dá a progressão dentro da hierarquia das posições dentro dos cursos de uma empresa. A fala de Ben logo abaixo é ilustrativa nesse sentido, pois ele relata como ele foi progressivamente assumindo funções dentro dos cursos até chegar o momento em que o mais renomado professor de curso de TF da empresa onde ele estava decidiu lhe “passar o bastão”.

E aí, de professor de sala, transitei para coordenador de dois professores que era antes o Valentim, que é hoje 40, talvez assim por cima, se não é mais. E aí de professor de sala, coordenador de sala, comecei a participar dos cursos, os cursos no início antes eu só auxiliava nas práticas, depois lá por 2015 comecei a participar de algumas palestras também dentro do curso falando algumas partes e comecei a evoluir e me desenvolver.

E aí em 2016 foi quando o Valentim, ele acabou dando um passo atrás e saindo da linha de frente dos cursos. Eu comecei a assumir também os cursos e aí 2016 pra frente 2016, 17, 18 e 19 foi um processo bastante grande assim de transformação. Onde comecei a viajar ao Brasil todo ministrando da [Empresa], claro que junto com toda equipe que se desenvolveu dentro desse processo.

Entrevistado: Ben

Já para Arthur a observação foi como um estímulo para se dedicar com mais afinco aos estudos. Com base nas dúvidas que surgiam nos cursos, ele corria atrás de material e tirava dúvidas.

É que na verdade eu entrei na [Empresa] com ideia de aprender e ouvir os cursos como uma forma de me obrigar a estudar mais, aprender mais, porque querendo ou não nos cursos que tu ia, é obrigado ao menos, ter todo o conhecimento necessário para passar ao aluno. E na verdade não existe meio, hoje aqui a gente está tentando padronizar isso, mas não existe um caminho digamos que a gente faça, então na verdade foi tentando observar os outros palestrantes, a partir daí eu via as dúvidas que me surgiam de como fazer o trabalho tanto na parte técnica quanto na parte de domínio ali da palestra e observando eu ia tentando buscar material fora, tentando ler mais coisas.

Entrevistado: Arthur

Para o professor Miguel, desde que o estagiário ingressa há um “passo-a-passo oculto” para se tornar um ministrante de cursos de TF. O que foi possível analisar da fala dele é que esse passo-a-passo é uma rota possível de ser adotada por quem se dedica a observar os detalhes de quem já é membro dessa comunidade restrita. Ela consistiria, basicamente, em participar dos cursos como ouvinte, depois como auxiliar até chegar a ministrar cursos de TF, caso venha a ser escolhido. É um processo de crescimento, mas que não tem um planejamento formalmente registrado, não está “no papel”, pois como diz Arthur, não há um procedimento padrão para a formação específica de ministrantes de cursos de TF. Depende muito do interesse do candidato a professor de curso, do seu grau de envolvimento e de como vai negociando com as oportunidades recebidas e possibilidades de experiências decorrentes dessa situação, como é possível perceber na fala abaixo de Miguel.

Como a gente aprende aqui na [Empresa] é legal que desde que tu é estagiário tem um passo a passo e tu vai evoluindo aqui dentro e sempre com um objetivo final de estar nos cursos. A maioria dos professores querem, alguns não, em participar dos cursos, alguns não têm interesse, enfim [...] então aqui a gente faz esse passo-a-passo e todos os

professores que estão há mais tempo, desde o início a gente participa dos primeiros cursos como só visualização, só ouvinte do curso, depois a gente começa ter algumas participações dentro de organização dos cursos, depois começa como assistente dos cursos, para depois estar crescendo e a fazer mais parte dos cursos aqui dentro.

Entrevistado: Miguel

Em um segundo momento da entrevista com o Miguel, ele fala que é um dos responsáveis por ensinar os estagiários. Tal função consistiria em ensinar a fazer relatórios, e propor a eles o aprendizado dos movimentos que são cobrados dentro do curso.

Eu acho que o processo, eu sou agora uns dos responsáveis por ensinar os estagiários também, eu acho que até esse processo que a gente tem com eles é uma coisa que a gente leva pros cursos entende, a gente faz todo um passo-a-passo aqui dentro com eles também, de aprendizado, de ensinar eles a fazer relatórios, falando sobre cada padrão de movimento e depois lá no curso é a mesma coisa que a gente faz também, a gente fala dos padrões de movimento, então a gente confere se eles tão de acordo, né, se eles sabem sobre o que a gente tá falando, então isso a gente leva pro curso, porque não deixa de ser uma forma de a gente tá ensinando eles de novo e praticando com o que a gente faz no curso também.

Entrevistado: Miguel

Como é possível identificar no conjunto de narrativas expostas nos trechos de falas destacados anteriormente, não há um “manual” de como se tornar um professor que ministra cursos de TF, mas há um passo-a-passo que só se tem acesso na interação entre aprendizes e veteranos, não se encontra registrado em um plano formal a ser seguido, assim como não há também um plano de carreira formal, como é possível perceber na fala de Miguel:

Vou te dizer que não é difícil, eu comecei a palestrar, eu ainda era estagiário na verdade, e consegui ganhar oportunidade, só que o que tu precisa mostrar é interesse, que aí tem dois pontos que podem ser benéficos ou não, não existe um plano de carreira entendeu, tu mostra interesse e mostrar isso e ir atrás, só que as vezes dependendo de como é o teu perfil, as pessoas não conseguem se desenvolver de certa forma que chame atenção ou que mostre que realmente está interessado. Então, por exemplo, eu fiquei um ano somente nos cursos só assistindo, eu tinha interesse, mas sou um cara mais fechado; então, depois de um ano que eles notaram, então seu eu fosse um cara com um outro perfil, se existisse um passo-a-passo teria sido mais rápido esse processo.

Entrevistado: Miguel

Mesmo que não haja um plano de carreira estabelecido formalmente, os entrevistados traçaram o que poderia ser uma sequência em suas próprias rotas de formação de ministrantes de TF, bem como destacam algumas barreiras, nem sempre visíveis, que poderiam travar tal projeto de sustentação de uma carreira bem-sucedida.

Essa projeção de carreira mencionada pelos entrevistados foi provocada pelas duas últimas perguntas do roteiro de entrevistas, uma mais relacionada ao que eles achavam necessário fazer para se desenvolvessem ainda mais na profissão, e a outra relativa ao que ainda faltava para eles atingirem o topo da carreira. Essas perguntas se tornaram importantes para de um certo modo fechar as situações-fonte, que têm um caráter mais retrospectivo, pois quando se viram diante de questões sobre o futuro de suas próprias carreiras buscaram destacar o que na visão deles foi crucial para estarem onde estão. É possível ver nas falas abaixo, o que Gael, Betina, Miguel e Ben sentem ainda ser necessário fazer para se manterem onde estão.

Para Gael e Ben, além da experiência prática, um ponto importante é o conhecimento teórico conectado com a prática:

[...] Eu acho que o caminho longo assim né, mas eu acho que a gente tem sempre que se aperfeiçoar mais praticamente, preciso treinar mais, preciso treinar melhor pra conseguir ter um “know-how” maior na parte pratica, preciso ler mais, acho que basicamente isso cara, preciso me desenvolver teórica e praticamente de uma forma mais exaustiva assim, e também acho que é basicamente isso o restante é pouco a pouco né.

Entrevistado: Gael

Mas eu me considero longe do topo da carreira. Já fiz uma boa caminhada nos últimos dez anos, mas acho que para avançar mais; cara é experiência... Experiência, é tempo de vivência, é buscar mais conhecimento. O que acho necessário é buscar conhecimento na verdade, eu acho que a busca por conhecimento é continua. Ela nunca termina, a busca contínua por conhecimento. A experiência prática ela vai conduzir a tudo, ela vai ajudar como a condução de tu a seguir evoluindo dentro da educação física ou da carreira como palestrante ou no contexto mais específico.

Entrevistado: Ben

Para Betina e Miguel, o tempo de prática e experiência, associado à busca por formação complementar, são os fatores mais importantes para o crescimento profissional:

Não. Falta muita de experiência que pode não valer nada, mas eu tenho certeza que se eu tiver 15 anos carreira, eu vou estar muito melhor do que quando eu tinha dez anos na área. Porque eu vou buscar evoluir, eu quero me formar em Fisioterapia, quero expandir mais. A questão dos cursos, não só pela empresa, mas me promover como um profissional, sem depender tanto da empresa. É isso falta bastante coisa para mim.

Entrevistada: Betina

Não, não me considero no topo, o tempo de prática, de experiência, quanto mais cursos tiver também, mais, me adaptar aos diferentes estados⁵⁰ que a gente vai, é diferente cada um as pessoas...

Entrevistado: Miguel

Como é possível identificar no conjunto de narrativas expostas acima, estes professores não se consideram no topo da carreira, pois ainda lhes falta experiência e conhecimento teórico, que parece não estar somente ligado às teorias do treinamento, mas também às habilidades de dar palestras. As falas trazem considerações importantes referentes a ter mais experiência prática e possuir mais conhecimento, mas enfatizam que precisam buscar ambos de forma conectada, o que pode ser entendido como mais um indicativo de que as experiências de aprendizagem durante a formação inicial, tal como destacamos na seção analítica “Primeira parada: graduação em Educação Física, ocorreram de forma desconectada.

Para Manfro (2018), as carreiras são constituídas pelos profissionais em diferentes momentos de suas trajetórias, e independentemente da forma como o sujeito progride na carreira, toda e qualquer progressão pessoal/profissional ocorre a partir do acúmulo de experiência sustentada por um conhecimento intimamente conectado à prática profissional. Para estes professores que ministram cursos de TF, o caminho é longo e há uma busca em se aperfeiçoar sempre mais.

Entretanto, é importante destacar um elemento de certo modo “invisível” nesse universo particular da formação de professores de TF, que Betina fez questão de trazer justamente na parte final das entrevistas. Como mulher, ela relata que há uma dificuldade adicional dentro dos cursos em função do machismo, que interfere de modo direto no seu desenvolvimento profissional, especialmente quando comparado aos colegas homens.

A experiência, minha experiência, querendo ou não, sou nova no TF. [...] E o principal é isso, é ter experiência suficiente para ter credibilidade. Porque, chega lá na frente eu tenho 15 anos de prática em TF, por mais que você saiba mais que o cara que tem 15, mas o que tu falar depois as pessoas vão ver diferente.

É, e eu posso falar uma coisa "X" ter cinco anos de experiência e o cara também, tem essa questão do machismo, que ainda é forte no treinamento. Se é um homem com 15 anos de experiência, quando ele falar exatamente a mesma coisa, mais pessoas vão acreditar e tomar aquilo que está falando como verdade do que eu. Mas essa questão de ser mulher também não é dificuldade, mas é uma coisa mais que a gente tem que superar, é isso, tem que ter credibilidade, para passar credibilidade para as pessoas.

Entrevistada: Betina

⁵⁰ O **estado** é usado, em nosso caso particular, para se referir a uma das unidades federativas que compõem a União.

Para a professora Betina, uma dificuldade para o crescimento profissional de uma mulher nesse meio está relacionada ao fato de credibilidade parece estar mais diretamente associada aos professores homens, trazendo obstáculos adicionais para mulheres que pretendem trilhar o mesmo caminho, mesmo tendo o mesmo tempo de experiência que um homem.

A fala de Betina, já mais ao final da entrevista, evidenciou o preconceito referente à condição de gênero, o que nos leva a supor, mesmo não tendo sido explicitado nas falas dos professores colaboradores, de que outros marcadores pessoal (idade, cor, altura, peso) e determinantes sociais (classe social, preferência religiosa, orientação sexual). A fala da Betina revela algo que não apenas precisa ser levando em conta nessa dissertação, como também merece ser estudado mais profundamente. O universo de ministrantes de cursos de TF é bastante reduzido, mas encontrar apenas duas mulheres entre nove, é um indício muito forte de que a maior credibilidade atribuída aos homens professores, e denunciada por Betina, é fator decisivo no processo de escolha das empresas e, conseqüentemente, na progressão na carreira. Trata-se de um tema que requer um enfoque específico que possa capturar a dimensão desse problema na formação de professores de TF por meio das teorias das aprendizagens situadas em interface com os estudos de gênero. De qualquer forma, esse questionamento pode ser investigado com maior profundidade em outros estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalho com a modalidade de TF desde o ano de 2015 e, por vezes, já me encontrei fazendo esse caminho de “pesquisa de cursos de TF” para ter uma noção mais aproximada de como avançar como professor dentro dessa modalidade. Neste relatório, além de captar de que modo os colegas que estão numa posição de destaque nesse universo específico foram construindo suas trajetórias desde a condição de aprendizes até a de ministrantes, pude me aproximar dos meandros de empresas que ministram tais cursos e os princípios que empregam para a formação situada de seus professores de TF.

Muitas das inquietações que me levaram a estudar esse tema nessa dissertação estavam relacionadas às lacunas que percebia em minha formação inicial sobre TF, afinal, Educação Física é uma área de intervenção, e um dos campos de atuação mais promissores, ou mais atraentes para quem se forma no Bacharelado na área, são as práticas fitness, as quais me pareceram pouco exploradas no tempo de graduação, algo que também foi apontado pelos professores de TF colaboradores dessa pesquisa.

Os entrevistados consideraram que, possivelmente pelo fato de o TF ser uma atividade relativamente nova, ele não é ensinado nas universidades na formação inicial. Fato que de certo modo se confirmou nas varreduras que realizei no decorrer deste estudo para analisar de que forma a temática do TF era tratada, pois só encontrei disciplinas ou seminários diretamente relacionados ao tema em cursos de pós-graduações lato sensu, na maioria dos casos em instituições particulares, que tratam dessa modalidade. Vale ressaltar que as narrativas dos entrevistados mostram que as informações e conhecimentos sobre o TF podem surgir em atividades de aula nas variadas disciplinas da graduação, especialmente naquelas onde é possível debater sobre o campo profissional, mas pelo que se pode observar das falas, caso esse tipo de atividade tenha sido oferecido, não foi algo impactante para os entrevistados, pois não as mencionam de forma direta.

É curioso observar que há um volume de produções acadêmicas e livros sobre o tema do TF bastante considerável, algumas dessas obras inclusive estão disponíveis em bibliotecas das universidades nas quais esses professores fizeram a graduação em Educação Física, contudo, o fato de não haver sensibilização durante a formação inicial para tal temática, também não há interesse nas leituras correspondentes, até mesmo porque, como alguns dos entrevistados comentaram,

a busca por conhecimento através da leitura também precisa estar apoiada numa relação teoria e prática, pois do contrário o conhecimento disponível na literatura não se enraíza na rotina do trabalho. Talvez seja por isso que, como relatou Ben em entrevista, cada vez mais são lançados cursos de qualificação com um grande contingente de interessados.

No que se refere ao passo-a-passo para a construção da empiria, transcorreu da seguinte forma: após identificação dos espaços, busquei possíveis colaboradores que pudessem contribuir para o estudo, e com isso descobrir os desdobramentos para se tornar um professor de curso de TF. A colaboração de todos os entrevistados com o estudo foi muito grande, mesmo diante de tantos compromissos diários, eles se dispuseram a compartilhar sua *expertise* no assunto e dar detalhes sobre os acontecimentos mais marcantes na rota de formação. Por ocasião da pandemia, os contatos com os entrevistados na fase final da pesquisa foram mais raros, algo absolutamente compreensível, mas mesmo assim dois deles se dispuseram a realizar as entrevistas de modo virtual, tornando possível a finalização da produção da parte empírica da pesquisa.

Depois de realizada a transcrição de todas as entrevistas, e de aplicar o processo de construção categorial baseado na análise temática, pude identificar nas narrativas três grandes blocos analíticos: (1) “ponto de partida”, (2) “paradas” e (3) “situações-fonte”. O primeiro bloco, referente ao “ponto de partida”, foi composto de narrativas referentes aos motivos que levaram os sujeitos a trabalhar com TF, ao dilema entre a permanência em práticas “tradicionais” ou ingresso em uma nova para eles e os motivos pelos quais a maioria deles prefere ser chamada de professores.

O bloco das “paradas” foi construído com ênfase nas narrativas dos entrevistados sobre períodos nos quais os entrevistados passaram (ou estavam passando) mais tempo, como na graduação em Educação Física, nos mais diversos cursos de qualificação afins à ao TF e a segunda graduação em Fisioterapia, que correspondem as três subdivisões que criei nesse segundo bloco analítico. Chamou-me a atenção, e por isso mesmo foi a subdivisão com maior quantidade de páginas, as falas sobre a formação inicial em Educação Física, especialmente a ênfase nas experiências obtidas em estágios, assim como as críticas que fizeram quanto ao modo como alguns professores universitários com excelente produção

científica tratavam o conhecimento oriundo do “tatame”, o que considerei um forte indicativo do distanciamento entre a teoria e a prática no âmbito da formação inicial.

Quanto à segunda subdivisão do segundo bloco analítico, é interessante ressaltar que os professores de TF entrevistados consideraram que do modo como o mercado de fitness está estruturado é de suma importância se manter atualizado, e os cursos de qualificação em áreas afins ao TF são a opção mais interessante para quem deseja se aperfeiçoar religando teoria e prática. Por fim, na última subdivisão desse bloco, abri espaço para tratar de analisar o tópico referente ao retorno à graduação para cursar Fisioterapia. Os quatro que afirmaram ter optado por esse caminho mais longo do que a especialização *lato sensu*, justificaram tal opção pelo fato de que esse curso de graduação lhes daria mais elementos para tratar de questões pontuais que desenvolviam como professores de TF, ou seja, consideravam o curso de Fisioterapia mais conectado com o universo das práticas fitness de um modo geral, e do TF em particular.

Além dos momentos de aprendizado atrelados à parte mais formal da rota de formação dos entrevistados, também foi possível extrair das suas falas as “soluções formativas” que foram se tornando significativa sem necessariamente contar com uma formalização prévia, que corresponde ao processo individual de formação situada, que procurei condensar no terceiro bloco do Módulo V. Afinal, para entender melhor de que modo significavam suas rotas de formação passou a ser importante entender o que esses professores buscavam estudar ou simplesmente fazer em seu dia a dia para se manterem atualizados.

Com os desdobramentos da movimentação analítica decorrentes dos diversos processos de categorização que realizei neste estudo, considero que o cerne das análises desta dissertação, ou pelos menos aquele que considerei mais instigante, foram as “situações-fontes” trazidas por esses professores e, sobretudo, o movimento fluido entre tais momentos formativos.

As situações-fontes surgiram como um modo de sinalizar os momentos que, diferentemente das paradas, não podem ser localizados em uma dimensão específica, nos quais o conhecimento, a transmissão e o aprendizado na formação de ministrantes de cursos acontecem por meio da interação de uma série de elementos não tão estruturados. Foi possível identificar que um elemento primordial na rota para se tornar um professor de cursos de TF foi o fato de estarem de algum modo vinculados profissionalmente às empresas que oferecem tais cursos, já que

a maioria deles relatou ter iniciado na instituição como estagiário antes de assumir a função de professores de cursos de TF. Após essa inserção, estes professores passaram por diferentes experiências dentro destas empresas, nenhuma delas obrigatória, para aprenderem sobre a metodologia de trabalho, aplicarem os conhecimentos em si e em seus atendimentos aos alunos/clientes, que correspondem às primeiras situações elencadas como fonte de aprendizado no terceiro bloco analítico.

As outras situações-fonte emergiram estariam no processo de troca de informação entre estes professores mais novatos e os mais experientes, momentos nos quais era possível tirar dúvidas, analisar estudos e debater sobre os conhecimentos vinculados ao treinamento. De modo mais específico, uma das situações-fonte culminantes foi aquela na qual o professor que está na iminência de ministrar cursos passa a acompanhar os cursos ministrados por professores mais experientes, primeiramente apenas na condição de observadores passivos e depois apoiando nas demonstrações práticas com direito a alguns comentários perante à turma. Os sujeitos entrevistados relataram que o desenvolvimento como professor de cursos de TF pode ser sim definido com um “passo a passo”, apesar de não existir registro formal, sendo visível somente por meio da interação entre os colegas que já dominam os códigos, que por isso mesmo são capazes de perceberem que ali há um processo de progressão na aprendizagem. Esse movimento se dá em consonância com o grau de envolvimento e exposição do sujeito às situações-fonte.

As cinco situações-fontes se complementam, de modo que são primordiais para fundamentar o percurso de um professor de cursos de TF, que detenha experiência teórico-acadêmica e, sobretudo, experiência empírico-prática. Pelo que é possível depreender das falas dos entrevistados, um professor de cursos de TF não deve, portanto, se embasar apenas em artigos científicos, e sim ter experimentado em si o TF. Inclusive, também é recomendável ter alguma experiência nas práticas tidas como “tradicionais”, tais como musculação, Pilates e outros esportes.

Com todos esses elementos de iniciação, os aprendizes se tornam professores de cursos de TF, mas para que continuem figurando na condição de membros dessa comunidade de prática particular, não podem deixar de se atualizarem e praticarem o TF no dia a dia “do tatame”, pois essa é, de certa

maneira, a principal forma de se manter atualizado e ganhar mais experiência na modalidade.

O caminho de um professor que quer ministrar curso de TF precisa estar necessariamente vinculado à alguma empresa de treinamento funcional. Por melhor que tenha sido o seu desempenho na graduação, os entrevistados têm claro que é preciso ter uma participação periférica legitimada para ingressar e fazer parte dessa comunidade de prática, algo que se conquista seguindo os movimentos que ocorrem de forma situada dentro desses espaços particulares. Nesse processo, a aprendizagem situada se mostrou uma importante estratégia teórico-metodológica para dar visibilidade à rota de formação destes professores, uma vez que foi a partir dela que as dificuldades enfrentadas na formação inicial pelo distanciamento da teoria e prática puderam ser superadas.

Apesar dos destaques que faço aos principais resultados e discussão apresentados nessa dissertação, é preciso também dar visibilidade aos possíveis limites desse estudo. A primeira limitação a ser apontada é o fato de que analisei as rotas destacadas pelos próprios professores por meio de entrevistas semiestruturadas. Teria sido importante para melhor localizar elementos não captados ou não informados pelos professores tê-los acompanhado em suas rotinas dentro das empresas, participando de alguns cursos como observador para analisar o processo de inserção dos mais novos em relação aos ministrantes mais experientes.

Uma segunda limitação foi o fato de não ter explorado de modo mais aprofundado a questão do machismo no universo do TF, apontado na fala de uma entrevistada, a Betina, especialmente a questão relativa à falta de credibilidade das mulheres ministrantes, que sofrem o descrédito pelo simples fato de serem mulheres, pois no caso da Betina, ela tinha o mesmo tempo de experiência de outros professores homens que desfrutavam de mais credibilidade profissional perante os pares. Além disso, esse estudo demonstrou que é possível que outros marcadores sociais também podem interferir fortemente no processo de recrutamento e progressão na carreira de professor de curso de TF. Um outro desdobramento poderia ser o de analisar, a partir da perspectiva dos estudantes durante sua formação inicial, um estudo longitudinal sobre o processo de aprendizado sobre TF desde quando os estudantes ingressam até se formarem no curso de graduação em Educação Física.

Uma das grandes limitações que foram impostas a mim no estudo foi referente à pandemia do Covid-19, que levou a participação de um número menor de entrevistados do que o pretendido, além da realização de duas entrevistas por meio remoto e de forma síncrona. Evidentemente, a pandemia afetou a vida de todos nós de maneira muito profunda, tanto no âmbito sanitário quanto econômico, mas de modo específico para cursos de TF em espaços de academia, considerados de alta probabilidade de contágio, a necessidade de fechamento das atividades ao público afetou os cursos e também gerou a necessidade de adaptação para o modelo remoto de cursos de TF, algo que não foi possível captar nessa dissertação de mestrado. Caso as entrevistas tivessem coberto o período de migração das aulas dos cursos para o modo remoto, possivelmente as situações-fonte baseadas na “experiência no tatame”, bem como as aprendizagens decorrentes dos saberes de “carne-e-osso” teriam sido muito diferentes das relatadas.

Além das limitações acima apontadas, penso que esse estudo também deixa aberto outras questões que podem ser desdobradas, e quem sabe possa fomentar outras pesquisas, tais como as seguintes: é possível superar as limitações da formação acadêmica e suprir de modo mais direto às lacunas apontadas pelos professores de cursos de TF? De que modo o marketing/mercado que se constrói e se reconstrói em torno de práticas fitness pode ser abordado na graduação em Educação Física sem que as Instituições de Ensino Superior nos quais esse curso são oferecidos percam a sua função social? Como as empresas que oferecem cursos de qualificação em TF, ou em qualquer outra prática fitness, conquistam o mercado da formação?

Enfim, estudar as rotas de formação por meio da narrativa em retrospectiva de ministrantes de curso de treinamento funcional me fez perceber um horizonte de possibilidades para pesquisas dessa natureza no campo das práticas fitness que eu sequer suspeitava. Além disso, e talvez o mais importante para o meu próprio desenvolvimento profissional, tratar de uma temática vinculada ao meu campo de atuação também me permitiu perceber a mim mesmo como um pesquisador aprendiz que a duras penas procurou iniciar no mestrado um processo de legitimação periférica no mundo acadêmico da Educação Física.

REFERÊNCIAS

AKUTHOTA, V. et al. Core stability exercise principles. **Current sports medicine reports**, v. 7, n. 1, p. 39-44, 2008.

ANTONELLO, C. S. Aprendizagem na ação revisitada e sua relação com a noção de competência. **Comportamento organizacional e gestão**, v. 12, n. 2, p. 199-220, 2006.

ATKINSON, R.; FLINT, J. Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies. **Social research update**, v. 33, n. 1, p. 1-4, 2001.

BARROS, J. M. C. Educação Física na UNESP de Rio Claro: Bacharelado e Licenciatura. **Motriz**, Rio Claro, v.1, n.1, p.81- 97, 1995

BARROS, T. E. S. **Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis – SC. 2016. 198 p.

BASTOS, A. P. P. **Legados do Ensino do Esporte na Escola: um estudo sobre o que os professores de Educação Física pensam em deixar para seus alunos ao final do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

BERKMANN, R. **Canudo embaixo do braço: caminhos laborais dos egressos do curso de bacharelado em educação física da UFRGS**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2015. 67 p.

BETTI, I. C. R. et. al. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 2, n. 1, p. 10-15, 1996.

BORBA-PINHEIRO; D. Org. **Métodos inovadores de exercícios físicos na saúde: prescrição baseada em evidências** – São Paulo: CREF4/SP, 2018.192 p.

BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. A Racionalidade Biomédica Desportiva e a Materialização do Fazer Científico na Matriz Curricular do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 877-888, 2016.

BOTTEGA, R. M. D. Formação de professores em serviço: aspectos para discussão. **Trama**, v. 3, n. 5, p. 171-179, 2007.

BOYLE, M. **Avanços no Treinamento Funcional**. Artmed Editora, 2015.

BPro Treinamento Físico Funcional. **Apostila do Programa de qualificação em treinamento físico funcional**. Porto Alegre, 2017

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. Resolução CNE/CES 4/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 11. 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. _____. Conselho Nacional de Saúde. *Portaria 510 de 2016*.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Resolução nº 466, de 2012.

BRAUN, V., CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CARVALHO, F. D. **Formação e atuação do profissional de Educação Física nos Núcleos de Apoio de Saúde da Família do município do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. 116 p.

CESARO, H. L. **Os “Alquimistas” da vila: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre**. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

CHEK, P. **How to eat, move and be healthy**. CHEK Institute, San Diego, CA, 2004

CHEK, P. **Movement that matters**. San Diego, CA: CHEK Institute, p. 54, 2000.

CHIMENTÃO, L. K. **O significado da formação continuada docente** 6p. Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. 2009.

COOK, G. **Athletic body in balance**. Human kinetics, 2003.

COSTA, V. **A construção de um Objetivo de Vida**. 136 f. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2014.

COUTINHO, R. **Amor – Ingrediente chave para ser Professor**. 157 f. Relatório de Estágio Profissional. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2015.

CREF-RS (Conselho Regional de Educação Física do Rio Grande do Sul). Pesquisa de pessoas jurídicas ativos no estado do Rio Grande do Sul em 2019. Porto Alegre, 2019. Atualização: 29/04/2019 10:23. Disponível em: <http://crefrs.org.br/registro/buscaPJ.php?cidade=PORTO+ALEGRE>. Data de acesso: 07 maio 2019.

DANTAS, G. R. S. **A formação e o trabalho do profissional de Educação Física do NASF**. 2019. 48p. UFPB - Centro de Ciências da Saúde - Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado). João Pessoa, 2019.

DARIDO, S. C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 1, n. 2, p. 124-128, 1995.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Dec. 2003.

D'ELIA, L. **Guia completo de Treinamento Funcional**. Phorte Editora LTDA, 2016.

DESSBESELL, G. **Exercícios físicos na Base Nacional Comum Curricular: um fio solto na trama discursiva da cultura corporal de movimento**. 2018. 154 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola da Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DIAS, C. Corrida de rua no país do futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 10, n. 1, 2017.

DIAS, K. A. Treinamento Funcional: Um novo conceito de treinamento físico para Idosos. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/treinamentofuncional2.htm>
Cooperativa do Fitness, 2011.

DIDIER, J. M. de O. L.; LUCENA, E. de A. Aprendizagem de praticantes da estratégia: contribuições da aprendizagem situada e da aprendizagem pela experiência. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 44, p. 129-148, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**, v. 6.0. 1. São Paulo, Regis, 2009.

FERREIRA, A. L. R.; FERREIRA, J. E. A.; TONON, C. J. F. M. Perfil profissional ideal e real do professor de Educação Física do ensino médio em escolas de porto velho. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 10, n. 15, p. 25 - 41, 27 jun. 2020.

FIORENTINI, D.; SOUZA JR, A.J.; MELO, G. F. A. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. **Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, p. 307-335, 1998.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. A teoria sobre aprendizagem informal e suas implicações nas organizações. **GESTÃO. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 2, 2010.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, n. 1, p. 156-176, 2011.

FLICK, U. Entrevista Episódica. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRAGA, A. B. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. 2005. 175 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre 2005.

FREITAS, G. R. **A imersão social das ações econômicas: oportunidades, interesses e expectativas de trabalhadores qualificados do Polo Naval de Rio Grande**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

FREITAS, V. O. **Educação Física No Ensino Médio Noturno: Visão Dos Professores De Educação Física De Uma Escola Pública Estadual No Município De Palhoça/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2017 78 p.

FUCHS, M. M. **As reestruturações curriculares do CEFD/UFSC: a história não contada**. 189 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2016

FURTADO, R. P. Do Fitness ao *Wellness*: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a prática**, v. 12, n. 1, 2009.

GASPAR, R. A. **Os Campos de Atuação do Egresso do Curso de Educação Física da UFSC Após a Fragmentação em Licenciatura e Bacharelado: Diferenças E Regularidades**. 186 f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Trabalho e Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

GAUTHIER, C. *et al.* **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

GHILARDI, R. Formação Profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, v. 4, n. 1, p. 01-11, 1998.

GHILARDI, R. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 1998.

GIANNECCHINI, G., *et. al.* Professores de Educação Física na fase inicial da carreira. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 03. 2018. p. 1-15.

GONZÁLEZ, F. J; FRAGA, A. B. Referencial Curricular de Educação Física. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico.

(Org.). **Referencias Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, v. 2, p. 113-179, 2009.

GUDOLLE, L.; ANTONELLO, C. S.; FLACH, L. Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 1, 2012.

HAUPTLI, C. E. R. **Perfil e a Área de Atuação Profissional do Egresso do Curso de Bacharelado Em Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Universitário da Grande Florianópolis**. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2013

HIBBS, A. E. et al. Optimizing performance by improving core stability and core strength. **Sports medicine**, v. 38, n. 12, p. 995-1008, 2008.

IMAI, V. H. **Desenvolvimento Psicomotor: Uma Experiência de Formação Continuada em Serviço Com Professores Da Educação Infantil**. 188 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente. São Paulo. 2007.

ISLER, G. L. **A díade treinador personalizado online e cliente: análise das relações interpessoais**. 157 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro - Rio Claro, 2015.

JUNIOR, J. A. F. P. (Organizador). **Conhecimentos do professor de Educação Física escolar** [livro eletrônico] – Fortaleza, CE: Ed. UECE, 834 f. 2017.

KIBLER, W. B.; PRESS, J.; SCIASCIA, A. The role of core stability in athletic function. **Sports medicine**, v. 36, n. 3, p. 189-198, 2006.

KUNZ, E. Conteúdo. In: GONZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 383-386

LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge University Press, 1991.

Learning as a Socially Situated Activity. Jean Lave's address to the How Students Learn Working Group on February 22, 2011. Disponível em: <https://gsi.berkeley.edu/programs-services/hsl-project/hsl-speakers/lave/> Acesso: 11 de maio de 2020.

MACHADO, E. P. **De aprendiz a coach: o aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física**. Dissertação (MESTRADO) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola da Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MACHADO, J. **Uma Breve Passagem Pelo Sonho! Até já....** 108f. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2017.

MANFRO, P. X. **A percepção de carreira de profissionais de Educação Física e a atuação no mercado de academias: expectativas e realidades**. 87 f. Dissertação (MESTRADO) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola da Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2018.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.

MARÉS, G. et al. A importância da estabilização central no método Pilates: uma revisão sistemática. **Fisioterapia em movimento**, v. 25, n. 2, 2017.

MATIAS, V. S. T. **Experiência de vida numa academia e a formação profissional** [manuscrito] Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 14p. 2013.

MATOS, J. F. L. Aprendizagem e prática social. Educação Matemática em Portugal, Espanha e Itália. **Actas da Escola de Verão – 1999**. Lisboa: SEM-SPCE, p. 65-92, 1999.

MEDEIROS, T. N. **O PIBID e as Aprendizagens na Formação Inicial de Professores de Educação Física: uma etnografia com estudantes da FACOS/RS**. Dissertação (MESTRADO) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola da Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MENEZES, R. C. **O forte do mercado**: uma análise do mercado de *fitness* não convencional. 53 f. Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, 2013.

MINAMOTO, V. B. Classificação e adaptações das fibras musculares: uma revisão. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 50-55, 2005.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 407 f. **12ª ed. São Paulo, SP: Hucitec**, 2010.

MIYAKE, G. M. **Estágio interdisciplinar em centros de convivência para idosos: uma proposta de intervenção para os cursos de educação física**. 73 f. Dissertação (Mestrado Profissional) Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. p.118. 3.ed – Porto Alegre: Sulina, 2010.

MONTEIRO, A. G.; EVANGELISTA, A. L. **Treinamento Funcional: Uma abordagem prática**. Phorte Editora LTDA, 2011.

MOURA, J. F. **Pobreza Multidimensional e Bem Estar Pessoal: um estudo acerca da vergonha e da humilhação**. 2015. 210 f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

NÓVOA, A. "Os professores e a sua formação". p. 13-33 Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e Sociedade**, 74, 27–42, 2001.

NUNES, P. et. al. Treinamento Desportivo: Perfil Acadêmico Dos Professores de Educação Física No Ensino Superior Brasileiro. **Movimento**, vol. 23, núm. 1, p. 265-280, 2017.

NUNES, R. V.; FRAGA, A. B. Alinhamento astral": o estágio docente na formação do licenciado em Educação Física na ESEF/UFRGS. **Pensar a Prática**, v. 9, n. 2, p. 297-311, 2006.

OKADA, Tomoko; HUXEL, Kellie C.; NESSER, Thomas W. Relationship between core stability, functional movement, and performance. **The Journal of Strength & Conditioning Research**, v. 25, n. 1, p. 252-261, 2011.

OLIVEIRA, D. **A formação do profissional de Educação Física e o Sistema Único de Saúde**. 71 f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Itajaí. Centro de Ciências da Saúde. Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho. 2015.

OLIVEIRA, D. M. **Mercado de trabalho e campo de atuação do profissional de Educação Física em Sapucaia do Sul**. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre. 2017

OLIVEIRA, S. **O Egresso de Educação Física da Esefid/Ufrgs no Universo Fitness, na Região Metropolitana De Porto Alegre: Suas Condições de Trabalho**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre. 2016

ORTIZ, R. (org.), (1983). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

PAIXÃO, J. A. et. al. Processo de Aprendizagem do Professor de Educação Física no Início de Carreira Em Academias de Ginástica. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 2, 2016.

PAIXÃO, J. A.; CUSTÓDIO, G.C. C.; BARROSO, Y. W. S. O processo de aprendizagem do professor de Educação Física atuante em academias de ginástica no início de carreira. **Pensar prática (Impr.)**, p. 286-299, 2016.

PINTO, K. S. **Representações Sociais atribuídas ao (sub) espaço geográfico escola**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

POÇAS, R. D. *et. al.* Treinamento funcional como método de treinamento de atletas de alto rendimento. **RBPFEEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 77, p. 694-700, 26 out. 2018.

POWERS, S. K. HOWLEY, E. T. **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho**. 638 p. Ed. 9. Barueri: Manole, 2017

RAMOS, Valmor et al . A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz: rev. educ. fis.** (Online), Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

RESOLUÇÃO, Nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012). **Diretrizes e normas**. 2012

ROCHA, Natacha Silva da. **“o que eu trabalho hoje, é com vídeos” a construção da carreira de youtuber a partir da análise de vídeos draw my life**. 2017. 85 f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) – Escola de Administração, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

SACHIMBOMBO, Keila Michelly Canhina. **Crenças de autoeficácia e de atuação profissional no segmento fitness**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências (IBRC) - Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, UNESP, Rio Claro/ SP, 2017.

SANTOS, G. L.; LAUREANO, M. L. M. O Perfil Dos Praticantes De Treinamento Funcional Na Modalidade Circuito Na Areia Em Parintins-Am. **Revista ENAF Science** Volume 11, número 1, ISSN: 1809-2926 P. 73, 2016.

SILVA, Fernando Cardoso da. **A maturação biológica e seus efeitos sobre variáveis somáticas e de aptidão física em atletas de futebol**. 2015. 73 f. TCC

(Trabalho de conclusão de curso) – Escola De Educação Física, Fisioterapia E Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

SILVA, O. O. N. da. Licenciatura e Bacharelado em Educação Física: diferenças e semelhanças. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 124, p. 76-84, 2011.

SILVA, S. A. P. S. A Pesquisa Qualitativa em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.10, n.1, p.87-98, 1996

SILVANO, L. C. O. **A prática pedagógica na interface dos conteúdos trabalhados por professores de Educação Física nas escolas públicas de Humaitá/AM**. 2018 129p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas. 2018.

SKOWRONSKI, M. **Educação física e saúde: a mobilização de saberes para atuação nos polos do Programa Academia da Saúde no Brasil**. Dissertação (MESTRADO) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola da Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOARES, M. G.; ATHAYDE, P.; LARA, L. Formação profissional e mundo do trabalho. – Natal, RN: 180p. **EDUFRN**, 2020.

SWIRKOWSKI, L. **Educação Física, Uma Opção De “Negócio” Neoliberal E A Atuação Pedagógica, Contradições Da Realidade Concreta**. 73p. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 5, p. 5-24, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 Ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

TARDIF, M; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000.

TEIXEIRA, C. V. L. S.; Evangelista, A. L.; Pereira, C. A.; Grigoletto, M. E. S. Short roundtable. treinamento funcional. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**. Vol. 1. Núm. 24.p.200-206. 2016.

WILLARDSON, Jeffrey M. **Desenvolvendo o Core**. Phorte Editora LTDA, 2017.

WIRTH, Klaus et al. Core stability in athletes: a critical analysis of current guidelines. **Sports medicine**, v. 47, n. 3, p. 401-414, 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, Fernando Cardoso da Silva, mestrando no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o(a) convido a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “Treinamento funcional: Os saberes que formam o professor de Educação Física”. A pesquisa será por mim desenvolvida sob a responsabilidade do Professor Dr. Alex Branco Fraga.

Sua participação se constituirá em conceder entrevista aos pesquisadores, cuja pesquisa tem por objetivo compreender os saberes que constituem a rota de formação pessoal de professores de treinamento Funcional que ministram cursos de treinamento funcional.

Além da entrevista a ser concedida por você de acordo com a sua disponibilidade de tempo, destaco que entrevistaremos outros profissionais e usuários que também estão envolvidos com atividades de ministrar cursos de treinamento funcional, cujo roteiro de entrevista abordará episódios sobre sua trajetória de vida e sobre seu aprendizado sobre treinamento funcional.

Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas. O material gravado e transcrito ficará armazenado de forma codificada e com senha nos acervos dos pesquisadores. Todos os procedimentos a serem adotados antes, durante e depois das entrevistas não irão alterar a sua rotina de trabalho. As informações obtidas por meio destas entrevistas serão confidenciais, portanto, apenas os pesquisadores envolvidos terão conhecimento e posse do seu conteúdo, sendo utilizadas exclusivamente para os objetivos acadêmicos propostos. Cabe destacar a garantia de sigilo de todos os dados levantados está garantido independentemente de necessidade de pedido expresso do participante.

É importante que você tenha conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos para você, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado, especialmente no campo da Educação Física.

Conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em seres humanos no Brasil, os riscos em participar de um estudo são inevitáveis. No caso desta pesquisa, os riscos e incômodos que podem fazer parte da sua participação se referem a possíveis constrangimentos durante as observações e entrevistas.

Antes de concordar em participar da pesquisa, é muito importante que você esteja ciente das informações e instruções contidas neste documento. Além disso, os pesquisadores irão esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a entrevista. Mesmo depois de já ter assinado este documento, você poderá, a qualquer momento, desistir de participar desse estudo sem qualquer tipo de prejuízo. Desta forma, caso alguma entrevista já tenha sido realizada, você terá o direito de solicitar a retirada das informações que você mesmo forneceu. Vale ressaltar que a sua participação nessa pesquisa é voluntária, ou seja, você não receberá qualquer forma de pagamento, assim como também não haverá nenhum tipo de ônus.

Caso você tenha qualquer tipo de dúvida adicional em relação aos seus direitos como participante da pesquisa, a qualquer momento do estudo você poderá contatar um dos pesquisadores ou diretamente o Comitê de Ética da UFRGS por meio dos seguintes canais:

- Fernando Cardoso da Silva, pesquisador em nível de mestrado – e-mail fernando08cardoso@gmail.com; telefone (51) 99927-8700;
- Doutor Alex Branco Fraga, professor responsável pela pesquisa – e-mail: brancofraga@gmail.com; telefone: (51) 3308.5821;
- Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS – e-mail: etica@propesq.ufrgs.br; telefone: (51) 3308.3738;

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, estou concordo em participar dessa pesquisa ao assinar esse termo de consentimento em duas vias, ficando de posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura:

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Este é um modelo de roteiro de entrevista que será utilizado com professores que trabalham com treinamento funcional. A lógica das perguntas é iniciar com uma questão principal, e questões secundárias, caso o entrevistado não desenvolva muito a resposta.

1. O que te levou a trabalhar com o TF? Qual a origem do Treino Funcional em sua vida?
2. Quando você começou a trabalhar já existia a modalidade TF? Se não existia, em qual modalidade tu começasse a trabalhar?
3. Como tu localizarias o TF no universo *Fitness*?
4. Se fosse para colocar em uma ou duas frases, como tu definirias o TF?
5. Como você aprendeu ou desenvolveu os saberes específicos para ministrar cursos de TF?
6. Qual fonte de conhecimento tu buscas como base para ministrar os cursos?
7. Existe alguma característica específica que é necessário ter para ministrar os cursos de TF? Se Sim, quais?
8. Tu acredita que tua experiência de praticante de TF ajuda no processo de preparação dos cursos que tu ministras?
9. Que termo você considerada ser mais apropriado para se referir ao profissional que trabalha com TF? Há algum que você considera não apropriado?
10. Quais as vantagens que um profissional que já atua no mercado teria ao fazer o curso que tu ministras?
11. Você recebe algum tipo de retorno de quem realizou curso? Se sim, algum destes retornos te ajudam a melhorar a tua performance como ministrante dos cursos?
12. Me conta quem são suas referências no TF? Por que eles? Algum nacional?
13. Quais são as dificuldades que você encontra para se desenvolver/crescer nesse meio?
14. Você se considera já no topo da carreira? Se não, o que te falta para chegar lá?

APENDICE C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome completo:

Data de nascimento:

Instituição de formação:

Data de formação:

Possui pós-graduação ou outro curso de nível superior: () SIM ou () Não
Se SIM quais?

Local de trabalho:

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante: _____

APÊNDICE D – CARTA DE APRESENTAÇÃO ENVIADO POR EMAIL/REDES SOCIAIS AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Prezado _____ (nome do profissional)

Sou estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFiD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Porto Alegre/RS). Desde agosto de 2018 venho desenvolvendo a dissertação de mestrado intitulado “Treinamento funcional: os saberes que formam o professor de Educação Física”, orientado pelo professor Dr. Alex Branco Fraga.

O tema da minha pesquisa está ligado à formação profissional em Educação Física, mais especificamente os saberes fundamentais no processo de formação do professor que não apenas atua com, mas também ministra cursos sobre treinamento funcional (TF). O principal objetivo da pesquisa é compreender como os professores que ministram tais cursos para outros profissionais do ramo estruturam sua própria rota de aprendizagem neste campo específico, procurando destacar os momentos ao longo desta trajetória que o levaram a condição destacada de ministrante.

O projeto de pesquisa foi delineado na perspectiva qualitativa descritiva e a técnica para a produção de dados será a entrevista com questões abertas sobre a trajetória de cada um dos participantes que se encaixem no perfil previamente traçado.

Caso tenha interesse em participar do estudo, entrarei novamente em contato por e-mail para marcarmos um horário para a entrevista. A duração prevista é de 30 minutos, e ocorrerá em um local que lhe for mais conveniente. A entrevista será, preferencialmente, realizada de forma presencial, todavia, caso seja de interesse do entrevistado, há também a opção de nos valermos de meios eletrônicos como o *Skype*® ou ferramenta similar.

Uma vez definidas estas questões preliminares, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) se encaminhado para que não reste dúvidas quanto aos propósitos da pesquisa e o nosso compromisso com o anonimato dos participantes, bem como a total liberdade para desistir de participar a qualquer momento, sem gerar qualquer tipo de constrangimento ou prejuízo para os envolvidos. Além do TCLE, também será solicitado o preenchimento de um questionário sociodemográfico a ser entregue juntamente com o TCLE.

APÊNDICE E – CARTA DE ANUÊNCIA**CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu, _____, representando a instituição _____ manifesto anuência na realização da entrevista para o projeto de mestrado de Fernando Cardoso da Silva, intitulado “Treinamento funcional: Os saberes que formam o professor de Educação Física.” nas dependências desta instituição.

Data da realização da entrevista:

Dados de identificação da instituição:

Razão Social: _____

CNPJ: _____

Dados de identificação do representante:

Nome Completo: _____

CPF: _____

RG: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE F – QUADRO 8 – COMENTÁRIOS SOBRE AS ENTREVISTAS

DESCRIÇÃO	
Entrevistado: Gael Duração da entrevista: 13 minutos e 49 segundos	Comentários do pesquisador: A entrevista ocorreu em uma sala de pesquisas dentro da ESEFID, ocorreu a partir de horário marcado com a disponibilidade do entrevistado, foi quem também passou o contado da (Jackie. Foi a primeira entrevista, por conta disso ela ocorreu muito baseada no roteiro semiestruturado. Foi a entrevista com menor duração, acredito pela falta de minha experiência em me aprofundar ao assunto, poderia ter feito mais desdobramentos.
Entrevistado: Betina Duração da entrevista: 23 minutos e 59 segundos	Comentários do pesquisador: A entrevista ocorreu em uma sala de pesquisas dentro da ESEFID, ocorreu a partir de horário marcado com a disponibilidade do entrevistado. Foi a segunda entrevista e ocorreu logo em seguida da primeira, mas me senti um pouco mais à vontade com a entrevistada, e consegui fazer algumas outras perguntas e pude notar que a entrevistada conseguiu discernir mais sobre o assunto.
Entrevistado: Olivia Duração da entrevista: 28 minutos e 54 segundos	Comentários do pesquisador: Esta entrevista ocorreu fora dos âmbitos “esefianos”, em seu local de trabalho, que aconteceu após ir pessoalmente e deixar uma carta de apresentação na recepção, a entrevista realmente aconteceu após mais dois contatos por telefone, na qual ela entrou em contato através de uma rede social. Durante a entrevista me senti bem à vontade ao fazer as perguntas e a entrevistada falou bastante, principalmente sobre a sua rota de formação até ministrar curso.
Entrevistado: Miguel Duração da entrevista: 22 minutos e 33 segundos	Comentários do pesquisador: Ocorreu em seguida da entrevista da Donna, sendo no mesmo local de trabalho e no mesmo dia. Me senti mais à vontade sendo minha quarta entrevista, mas o entrevistado foi muito sucinto em suas respostas, me pareceu muito formal. Acredito que pode ser pela sua pouca idade ou pela questão de ter pouco tempo de formado.
Entrevistado: Arthur Duração da entrevista: 20 minutos e 27 segundos	Comentários do pesquisador: Após uma semana de espera de ter enviado a carta de apresentação, foi necessário entrar em contato novamente, a entrevista ocorreu em seu local de trabalho. Apesar de ter sido uma entrevista de curta duração (a segunda mais curta), a fala do entrevistado foi muito importante, pois foi nítido perceber que sua idade o dava muita segurança ao falar. Além disso, ele traçou o seu perfil, de uma pessoa mais tímida, mas que tem meios diferentes de aprender dos demais.
Entrevistado: Valentim Duração da entrevista: 33 minutos e 13 segundos	Comentários do pesquisador: O entrevistado foi um dos mais complicados e conseguir agendar horário, tem muito a ver com sua posição e responsabilidade dentro de seu trabalho, porém, ele prontamente se disponibilizou a colaborar com a pesquisa quando o convidei em meio a outra entrevista (interrompida por ele). Foi realizada em local de escolha dele e antecedeu a entrevista de Ben no mesmo dia. Acredito que tenha sido um dos pontos altos das entrevistas, foi utilizado o roteiro semiestruturado, assim como foi possível a aprofundar em diversas questões importantes que ele trouxe.
Entrevistado: Ben Duração da entrevista: 40 minutos e 56 segundos	Comentário do pesquisador: O entrevistado desde o primeiro contato me chamou a atenção, o agendamento foi rápido e foi no seu local de trabalho. Me impressionei com sua fala e o modo raciocínio. A entrevista foi realizada em local de escolha dele e sucedeu a entrevista de Valentim, ocorreu de forma bem tranquila. A meu ver, foi uma boa entrevista, pois eu já estava mais “seguro” como entrevistador, e foi a que mais teve duração.
Entrevistado: Davi Duração da entrevista: 20 minutos e 02 segundos	Comentário do pesquisador: O entrevistado foi o oitavo a participar do estudo, seu contato foi realizado a meses atrás, porém não tinha conseguido retorno, e com a pandemia do Covid-19, entrei em contato novamente por aplicativo de rede social e propus a nossa entrevista através de uma videochamada. A entrevista ocorreu com problemas técnicos devido à internet, muito momentos não consegui fazê-lo me ouvir, assim como tinha um barulho horrível de fundo, foi também minha primeira entrevista desse modo. A meu ver, foi uma ótima entrevista, se fosse de forma presencial poderia ser ainda melhor.
Entrevistado: Lorenzo	Comentário do pesquisador: O entrevistado foi o nono a participar do estudo, seu contato foi realizado a meses atrás, porém sem confirmação de alguma

<p>Duração da entrevista: 25 minutos e 12 segundos</p>	<p>data e com a pandemia do Covid-19 complicou ainda mais. Contudo, entrei em contato novamente no mês de julho por um aplicativo de rede social e propus a nossa entrevista através de uma videochamada para a data mais possível para ele, e aconteceu dias depois do contato. A entrevista ocorreu com problemas técnicos devido à internet, muito momentos não consegui fazer-lo me ouvir direito e nem o ouvir. Por isso foi desligado as imagens e ficamos apenas no áudio, o que melhorou bastante. Foi uma ótima entrevista, e novamente se fosse de forma presencial poderia ser ainda melhor.</p>
--	---

APÊNDICE G - MATERIAIS E FERRAMENTAS UTILIZADOS NO TREINAMENTO FUNCIONAL

Os materiais que são utilizados durante um programa de treinamento são inúmeros. O TF utiliza de uma grande variedade de equipamentos: desde aqueles utilizados em academias tradicionais até os utilizados em outras modalidades, como no *CrossFit*®.

Por ter vivência em espaços de TF e trabalhar com esta modalidade TF, a seguir apresento os equipamentos mais encontrados nos espaços em que frequento. Onde fiz o curso de qualificação em TF, por exemplo, eram utilizados equipamentos com as esteiras, o remo seco, presente em nas Academias Tradicionais, assim como até estruturas tubulares metálicas, para fazer Barra fixa que também estão presentes nos espaços do *CrossFit*®.

Todos esses equipamentos são para propiciar os movimentos, as estabilizações e complementos para o aprimoramento das capacidades físicas. A seguir, apresento alguns dos objetos e materiais pertencentes na utilização do TF.

Principais materiais utilizados no treinamento funcional:

TRX (*Total-Body Resistance Exercise*)⁵¹ é um aparelho usado para se realizar treinamento em suspensão, é uma fita construída com manoplas e um tecido de alta resistência. Inicialmente criado para treinar os soldados da marinha americana (*Seals*), é um acessório prático e pequeno, sendo fácil de transportar, pode ser instalado em vários lugares, como em árvores, portas, ganchos etc. O que esta ferramenta realmente faz é trabalhar contra o próprio peso corporal, transformando o em uma variável, sendo possível alterar intensidade de cada execução de exercício, por meio de nivelamento da posição em que o corpo se posiciona com o chão, assim exigindo uma maior força do usuário.

⁵¹ *Total-Body Resistance Exercise*, tradução do inglês: Exercício de Resistência do Corpo Inteiro.

América do Norte depois de testemunhar os seus benefícios na Suíça. De seu desenvolvimento à fisioterapia em uma clínica para a utilização com exercícios que são usados no treinamento atlético, a bola Suíça se torna parte de uma rotina de condicionamento físico geral e na incorporação de programas de exercícios alternativos.



Figura 16 – Bola Suíça - Disponível em: <https://www.tudoesportes.com.br/produto/bola-suica-premium-65cm-63681> Acesso em: 05 jun. 2019

Faixas e Extensores elásticos: são divididas em vários modelos (descritos abaixo), mas todas têm em comum o desenvolvimento de força e resistência muscular de forma progressiva, onde possui diversos níveis de força de tensão diferenciadas por cores. Existem várias cores de faixas elásticas e extensores (amarela, vermelha, verde, azul, preta, prata e ouro), onde cada cor representa um nível diferente de resistência, o nível delas geralmente começa da cor mais clara sendo a menos resistente até a cor mais escura (Preta) como a maior resistência. A resistência do exercício não é caracterizada apenas pela força da Faixa Elástica, mas também pela distância do ponto de aplicação da resistência à principal articulação envolvida, assim como a direção de aplicação desta resistência. Os modelos utilizados no TF de faixas são *Thera Bands*, *Mini Bands*, *Super bands* e os Elásticos Extensores. As *Thera Bands* ou também conhecidas como faixas de Pilates, são finas (menos de 1cm de espessura) largas (15cm de largura) e tem formato linear (tamanhos variáveis mas acima de 1m de comprimento), as *Mini Bands* tem um formato circular, mais estreitas (5cm de largura), são um pouco mais grossas (comparando com as *Thera Band*) e pequenas (com geralmente 30cm de comprimento), as *Super Bands* tem um formato circular, mas muito maior (geralmente com 2m de

comprimento), são mais grossas (variando de 13mm até 64mm, que encontrei em sites de vendas) e são estreitas (5cm de largura). Os elásticos extensores se diferenciam das faixas pelos seus aspectos, sendo o elástico de formato tubular e possuir alças para engatar as mãos, tem espessura de 1cm e comprimentos variados com mais de 2m.



Figura 17 – Faixas e Extensores elásticos - Disponível em: modificada pelo autor - <https://www.ropestore.com.br/kit-mini-band-liveup-leve-medio-e-forte-1423/p> - <https://www.physiocare.co.uk/product/thera-band/> - <https://www.rythmoon.com.br/kit-extensor-elastico-3-resistencia-tubing-live-up-p124/> Acesso em: 05 jun. 2019

Medicine Ball: também conhecida como bola de exercício, feita de borracha maciça, possui peso que varia de 1kg a 10kg e é utilizada em exercícios de força e potência de membros superiores, podendo ser encontrada com ou sem alças. Ela se liga ao condicionamento físico geral e sua utilização para treinamento de movimentos articulares e explosivos, simulando força e velocidade. É utilizada em exercícios em pé, sentado ou deitado sobre os três planos de movimento: Sagital, Frontal e Transverso.



Figura 18 – Medicine Ball - Disponível em: <https://www.99sme.sg/sports-and-outdoors/medicine-ball-1kg-2kg-3kg-4kg-5kg-6kg-7kg-8kg-9kg-10kg/> Acesso em: 05 jun. 2019

Slide Board: é um substantivo da língua inglesa, em um sentido literal Slide significa "deslizar". É uma plataforma deslizante com inúmeras opções de prescrição de exercícios, com a utilização de panos ou meias apropriadas nos membros inferiores. Um dos objetivos da sua criação foi a utilização como um simulador de esqui e patinação. Suas especificações são de uma placa com tamanhos variados, de 1,5m a 2,5m de comprimento com largura de 50cm, em cada extremidade, existe uma placa de madeira para realizar força contra e empurrar o corpo na direção oposta.



Figura 19 – Slide Board - Disponível em: <https://www.farmabemfarmacia.com.br/slide-board-kallango-2m-p779/> Acesso em: 05 jun. 2019

Escada de Agilidade: Como o próprio nome diz, além da agilidade pode-se trabalhar coordenação e equilíbrio no treinamento. É um objeto com vários quadrados subsequentes com mesmo tamanho, possuem tamanho médio de 3m, tem forma de escada e pode ser desenhada sobre o chão ou utilizada as mais práticas que são feitas de plástico e são de fáceis manuseios, podem ser levadas a qualquer lugar e sua montagem é muito rápida. Uma das tarefas mais comuns para os alunos abrange características de troca de direção rápida do praticante e aprimorar a agilidade e a coordenação dos membros inferiores do corpo.

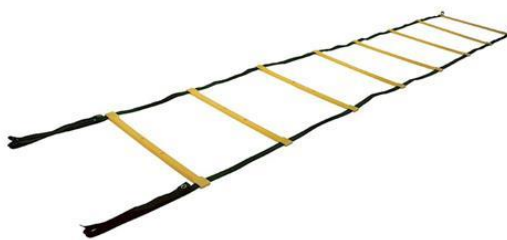


Figura 20 – Escada de Agilidade - Disponível em: <https://www.estrela10.com.br/escada-de-agilidade-e-treinamento-funcional-8-degraus-t58-acte-104157-p13152579> Acesso em: 05 jun. 2019

Trenó: É um equipamento para treinamento de força. Seu comprimento pode variar conforme a fabricação. A média é de 1,30 m de comprimento e altura de 1,15 m. Possuindo 4 pés com chapas para deslizar sobre a grama sintética ou superfície com mínimo de atrito. Seu material é constituído de ferro. Há várias formas de utilização, pode ser empurrado ou puxado com auxílio de corda, sua carga é variável, pois possui suporte de pesos que pode ser adequado a cada aluno.



Figura 21 – Trenó - Disponível em: <https://www.prosportrs.com.br/cross-fit/treno-de-potencia> Acesso em: 05 jun. 2019

Step: é uma pequena plataforma chamada Step (do inglês em tradução literal significa degrau). Tem formato em losango comprimento de 60cm, 20cm de altura e 30cm de largura, a altura da plataforma pode ser ajustada com a colocação de pequenas peças embaixo dela, dependendo da necessidade de cada praticante. Sua origem está ligada as “aulas de Step” que se tornaram muito populares com

movimentos repetitivos de subir e descer, ajudaram na propagação de uma aula aeróbica de queima de calorias. No TF sua utilização é no auxílio de execução de outros exercícios, como por exemplo fazer supino, ou outro qualquer que haja uma necessidade de ficar longe do solo.



Figura 22 – Step - Disponível em: <https://www.portotatames.com.br/step-eva-60cm-x-30cm-x-10cm/p> Acesso em: 05 jun. 2019

Corda Naval: Também conhecido como “treino Rope” que do inglês significa “Corda” é muito famoso no TF e *CrossFit®*. No treino você realiza vários movimentos ondulatórios na corda naval, podem ser de alta intensidade ou de baixa, o trabalho principal realizado pelo aluno fica nos membros superiores, mas a região do *Core* também trabalha, pois realiza a estabilização dos movimentos. Seu nome tem essa origem porque ela realmente é uma corda naval usada em portos e embarcações, os tamanhos variam de 9, 12 e 15 metros, o diâmetro pode variar de 1,5 a 2 polegadas, alcançando até 25kg.



Figura 23 – Corda Naval - Disponível em: <https://www.naturalfitness.com.br/corda-naval-para-crossfit-nylon> Acesso em: 05 jun. 2019

Anilhas e Barras Olímpicas e barra Hexagonal: São objetos que possuem tamanhos específicos padrão, são originários de outra modalidade, porém muito utilizados no

TF e no *CrossFit*® por suas características. No TF as anilhas e a Barra Olímpica são utilizados para força em três exercícios: o agachamento, o supino e o levantamento terra. A barra Hexagonal é utilizada para exercícios de agachamento, levantamento terra e fazendeiro. Os equipamentos seguem especificações e são uma barra de aço com peso de 20Kg e ter 2,20m de comprimento, discos (ou anilhas) e colares (ou presilhas). Os discos são feitos de metal e têm os pesos começando em 0,250Kg até 50Kg, contudo em alguns lugares que frequentei possuíam os seguintes pares de pesos: 2,5, 5, 10, 15, 20Kg. Por serem lugares de treinamento e não ter objetivo de quebra de recordes, não havia necessidade de pessoas pequenos e nem pessoas para os maiores pesos, levando em conta o valor para investir na compra. A barra Hexagonal possui formato de hexágono e um local para colocar as mãos, tem peso médio de 20kg e duas extremidades para aumentar a carga. No TF os pesos e a barra eram utilizando em três exercícios como agachamento, supino e levantamento terra, mas podiam ser utilizados e outras variações de exercício como elevação Pélvica etc.



Figura 24 – Anilhas e Barras Olímpicas e barra Hexagonal - Disponível em: <https://www.ropestore.com.br/kit-lpo-anilhas-bumper-100-kg-1-barra-olimpica-feminina-2-01-metros-rs-f-2417/p> Acesso em: 05 jun. 2019

Halteres e *Dumbells*: são equipamentos usados para realizar exercícios em treinamento com pesos. Tem como utilização no TF a execução de exercícios de supinos, bíceps, e pode ser utilizado para acrescentar carga em exercícios como afundo. Ambos possuem características variadas podem ser emborrachados ou não, são feitos de ferro. Os Halteres têm pesos que começam em 1Kg até 10Kg e os *Dumbells* são com peso acima disso, de 12Kg até 60Kg.



Figura 25 – Halteres e Dumbbells - Disponível em: <https://www.rinoforce.com.br/dumbbells-halteres/kit-dumbbells-halteres-12-5-a-35-kg> Acesso em: 05 jun. 2019

Barra Fixa: é um dos oito aparelhos utilizados na ginástica artística, porém é utilizado por outras modalidades. Ela está dentro do TF, *CrossFit*®, nas academias



Figura 26 – Barra Fixa - Disponível em: <https://www.elo7.com.br/barra-fixa-para-ela-mista-parede-academia-musculacao-costa/dp/EB5DBC> Acesso em: 05 jun. 2019

tradicionais e em domicílios com aquelas que se coloca no alto dos batentes das portas. É um exercício simples e direto: suspenda o corpo e, com a ajuda dos braços, faça com que o corpo suba até que a barra chegue próximo ao pescoço. Mesmo simples, nela há uma grande dificuldade de execução, pois é preciso erguer o do peso do corpo, tornando o exercício difícil, além de poder variar com o tipo de pegada e largura do posicionamento das mãos. No TF é utilizado para iniciar elásticos tanto para auxiliar no início de quem começa o exercício, mas também para quem quer acrescentar ainda mais peso e prender objetos ao corpo para dificultar.

Cordas de pular: Pular corda ou saltar corda é uma brincadeira tradicional que envolve grande atividade física e coordenação motora. Tais características fizeram da recreação um desporto. Essa recreação conquistou vários adeptos na atualidade, principalmente no TF, no *CrossFit®* e nas academias tradicionais, já que pular corda é um exercício físico muito recomendado para emagrecer e definir o corpo. Há vários modelos de cordas, as mais tradicionais são de *PVC* e *Nylon*, também existem as de aço que geralmente são revestidas por algum polímero. Entre elas as variações indicam durabilidade e a velocidade no movimento, elas possuem vários tipos de saltos, como salto duplo ou triplo num único salto e o estilo de pular com os pés, que geralmente os iniciantes começam com os pés juntos e depois vão mudando o estilo, tipo pular apenas um pé em cada salto. No TF elas são muito utilizadas para fazer os exercícios aeróbicos.



Figura 27 – Cordas de Pular - Disponível em: <https://www centauro.com.br/corda-de-pular-oxer-slim-3m-879070.html> Acesso em: 05 jun. 2019

Caixas de Salto ou Caixas Pliométricas: Exercícios de saltos pliométricos são caracterizados por movimentos potentes e rápidos, onde reproduzem um ciclo de alongamento-encurtamento na musculatura envolvida nos membros inferiores. No TF a pliometria é uma caixa, tendo variação dos lados que podem ser retos ou inclinados ou em até alguns momentos podem ser utilizados *Steps* como variação (menos seguros na execução do movimento), pode conter variados tamanhos de altura, incrementos de 15cm em 15cm de altura podem chegar até 1m, sua altura permitirá um aumento de dificuldade no exercício e na constituição de progressões de treino dos alunos.



Figura 28 – Caixas de Salto ou Caixas Pliométricas - Disponível em: https://www.ropestore.com.br/caixa-de-saltos-plyo-box/p?fee=8&fep=462&utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=Google+Shopping&qclid=CjwKCAjw0N3nBRBvEiwAHMwvNvl_tbCN3WWIoWhGptZubwuXk02BeRB9cm6Q92BoSYrtLmVBcML9IxoCGc4QAvD_BwE Acesso em: 05 jun. 2019

ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UFRGS - PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL / PROPESQ & UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Treinamento Funcional: Os saberes que formam o professor de Educação Física

Pesquisador: Alex Branco Fraga

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 21861919.2.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.796.534

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado de Fernando Cardoso, do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, orientado pelo Prof. Dr. Alex Branco Fraga.

Sefundo os pesquisadores: "Este projeto de pesquisa realizado no âmbito do Mestrado Acadêmico, intitulado em Treinamento Funcional: Os saberes que formam o professor de Educação Física do PPGCMH/ESEFID/UFRGS terá como principal objetivo compreender que saberes constituem a rota de formação pessoal de professores de TF que ministram cursos de TF. Para tanto, a pesquisa se delineará na perspectiva da abordagem qualitativa e a técnica para a coleta de dados priorizará a entrevista episódica, por meio de um roteiro semiestruturado, envolvendo uma amostra de dez (10) professores com atuação no Treinamento Funcional. A análise dos dados será realizada à luz do referencial teórico da Análise Temática, proposto por Braun e Clarck (2006). Os aportes teóricos para a movimentação analítica terão como base principal os conceitos de Tardif (2014)."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: compreender que saberes constituem a rota de formação pessoal de professores de TF que ministram cursos de TF

Objetivo Secundário: identificar como ocorre o processo formativo do profissional em Educação Física antes de começar a ministrar os cursos de TF e como estes sujeitos buscam aprimoramento profissional desde os primeiros contatos com o TF.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 321 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.796.534

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são apresentados da seguinte forma:

RISCOS:

- Como toda pesquisa com seres humanos, há riscos. Dentre os quais: há a possibilidade de constrangimento na participação da entrevista; há a possibilidade de constrangimento na exposição das observações que o pesquisador irá realizar, as quais serão registradas;• Para evitar tais riscos, serão utilizadas medidas para amenizar essas situações, como: em qualquer momento da entrevista ou da observação, eu (participante) poderei me retirar da pesquisa sem prejuízo algum; haverá possibilidade de solicitar que algum dos dados não sejam expostos ou sequer registrados; haverá, caso desejar, garantia do sigilo do nome; em toda publicação referente ao estudo em que terceiros sejam mencionados, um codinome será utilizado para que não identifiquem a pessoa; não haverá compensação monetária pela minha participação nesse estudo;

Benefícios: Identificar se a formação está negligenciando tais saberes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De modo geral a pesquisa é pertinente, de interesse científico, e trará informações importantes para a área. Os procedimentos metodológicos são apresentados adequadamente. Os participantes serão contatados por e-mail e s contatos serão obtidos pela internet. O orçamento está adequado; o cronograma também está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto Cadastrado na Plataforma Brasil – Adequado

Projeto Completo – Presente

TCLE – Inadequado: O TCLE explica os procedimento que serão realizados; apresenta claramente os riscos, formas de amenizar e os benefícios; esclarece que haverá confidencialidade nas publicações dos dados e que os participantes podem desistir a qualquer momento; há contato do CEP e do pesquisador responsável.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nesta versa, todos as pendências foram atendidas. Portanto, o projeto encontra-se em condições de aprovação.

- escrever todo TCLE na primeira pessoa [pesquisador] (ATENDIDO)
- ajustar o cronograma no formulario da Plataforma Brasil (ATENDIDO)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 321 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.796.534

Considerações Finais a critério do CEP:

Encaminha-se.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1435642.pdf	07/01/2020 10:45:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	APENDICE_TCLE_07_01.docx	07/01/2020 10:45:34	Fernando Cardoso	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MESTRADO_Fernando_23dez.docx	07/01/2020 10:44:45	Fernando Cardoso	Aceito
Outros	Lista_de_Pendencias.docx	23/12/2019 13:13:39	Fernando Cardoso	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	23/12/2019 13:13:18	Fernando Cardoso	Aceito
Folha de Rosto	Alex_Branco_Fraga.pdf	24/09/2019 13:28:13	Fernando Cardoso	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 08 de Janeiro de 2020

Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 321 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br